

DORIS
LESSING

O PLANETA
8

OPERAÇÃO-
SALVAMENTO

ROMANCE

2ª EDIÇÃO



EDITORIAL
FRONTIERA



Doris Lessing

CANOPUS EM ARGOS: ARQUIVOS

O PLANETA 8: OPERAÇÃO-SALVAMENTO

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues

Título original: THE MAKING OF THE REPRESENTATIVE FOR PLANET 8
© 1982, by Doris Lessing

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Bambina, 25 - Botafogo - CEP: 22.251 - Tel.: 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica
ANDRÉA CORRÊA RODRIGUES
HENRIQUE TARNAPOLSKY URANGA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Lessing, Doris
L634p O Planeta 8: operação-salvamento / Doris Lessing; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
(Romances de hoje)

Tradução de: The making of representative for Planet 8.
Este título é o v.4 da obra Canopus em Argos: Arquivos.

1. Ficção científica inglesa. I. Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título. III.
Título: Canopus em Argos: Arquivos. IV. Série.

86-0410

CDD - 823.0876
CDU - 820-311.9

A sensibilidade poética e a imaginação de Doris Lessing estão presentes mais uma vez em um romance a um tempo envolvente, belo e profundo. Shikasta - o planeta Terra sob o domínio do Império Galático de Canopus - é apenas uma sombra, a esperança de salvação do povo do Planeta 8, que luta contra as implacáveis geleiras que o assolam.

Mudando radicalmente de ponto de vista, apresentando o relato de um dos Representantes do Planeta 8, Doris Lessing fornece mais uma chave para o entendimento desse distante mas também tão próximo universo de Canopus. Sintetiza com mestria as emoções e as intenções de suas obras anteriores, e descobre a grande missão da ficção científica: reinventar o Mito em plena era da Ciência.

De Doris Lessing leia também

Shikasta
Casamentos entre as Zonas 3, 4 e 5
As experiências de Sirius
Memórias de um sobrevivente

EDITORA NOVA FRONTEIRA
SEMPRE UM BOM LIVRO

Os grandes escritores não conhecem os limites que os rótulos ou os gêneros literários às vezes impõem. Ao contrário, servem-se deles para criar algo novo, maior, e que leva a sua marca. Assim é com a "ficção espacial" de Doris Lessing. Pois a série Canopus em Argos: arquivos, da qual este é o quarto livro, não representa uma simples experimentação, uma visita de Lessing aos universos da ficção científica tradicional. O mesmo mundo humano - as interrogações, as escolhas éticas, os conflitos pessoais ou sociais que marcaram suas obras anteriores a essa série - está presente aqui. Não se trata de uma adesão a um tipo de literatura, mas de um exercício consciente da escrita, da criação literária: um domínio da forma e do conteúdo.

O Planeta 8: operação-salvamento continua a compor o painel da história do domínio de Canopus sobre a região galática onde está a Terra. Mas agora o foco da atenção é a avassaladora Idade do Gelo que ataca a população de um pequeno planeta, marcando a mudança de suas relações com Canopus e uma verdadeira encruzilhada no seu caminho evolutivo. A história é narrada de uma forma comovente, pontilhada de momentos de extrema beleza e intensidade poética. Mas é também conduzida com energia crescente, como se fosse uma resposta cada vez mais certa ao medo físico e às indagações metafísicas dos habitantes do planeta.

O livro funciona como contraponto e contraplano dos precedentes. O tom e o clima diferentes fazem-no único, especial: com ele Doris Lessing cria uma "outra dimensão" onde se encontram os significados de outras vidas, e onde os aspectos materiais e espirituais de todas as coisas são conciliáveis. Pode-se ler o romance sob vários prismas: social, filosófico, político, ecológico. Nos limites extremos da sobrevivência evidenciam-se as contradições e também a força de uma sociedade e de seus integrantes. Os habitantes do Planeta 8, acostumados a depender das instruções de Canopus para organizar sua vida, são obrigados pelas circunstâncias a escolher entre a luta desesperada, e talvez inútil, pela vida, e uma compreensão mais larga no sentido da existência.

Com isso está sugerido que a literatura pode efetivamente contribuir para a discussão das questões cruciais de nosso tempo. Pois através dela é possível pensar e viver, comunicar e imaginar, sentir e analisar os grandes dilemas e as transformações que, de outro modo, seriam quase imperceptíveis. Assim, mesmo nos mais fantásticos e distantes mundos da ficção científica de Doris Lessing, permanece sua preocupação com a condição humana.

Vocês querem saber como víamos os Agentes Canopianos na Era do Gelo.

Em geral quem nos visitava era Johor, mas fosse quem fosse, chegava sem aviso prévio, aparentemente por acaso, demorava-se ora muito, ora pouco tempo, e durante essas agradáveis visitas - pois sempre as esperávamos ansiosamente - dava-nos conselhos, ensinava-nos a utilizar os recursos do nosso planeta de forma mais proveitosa, sugeria métodos e técnicas. E partia sem dizer quando Canopus tornaria a nos visitar.

Os Agentes Canopianos não diferiam muito entre si. Eu e poucos outros que havíamos sido levados a outros Planetas Colonizadores para instrução ou treinamento variado sabíamos que os funcionários do Serviço Colonial Canopiano distinguiam-se por uma autoridade a todos inerente. Tratava-se de uma expressão de virtudes inatas, e não de uma posição hierárquica. Nesses outros planetas era sempre fácil distinguir os Canopianos dos nativos, desde que soubéssemos o que procurar. E isso nos fazia mais conscientes do que eles levavam para o nosso Planeta 8.

Tudo no Planeta 8 que não fosse natural - que tivesse sido planejado, construído, feito - tudo estava de acordo com as especificações deles. A presença da nossa espécie no planeta era devida a eles, a Canopus. Eles nos tinham trazido para cá, uma espécie que haviam criado da combinação de raças originárias de vários planetas.

Assim, não seria exato falar em obediência: quem fala em *obedecer* quando se trata da própria origem e existência?

Ou em rebelião...

Certa vez quase houve uma rebelião.

Foi quando Johor nos disse que deveríamos construir uma muralha alta e espessa ao redor do nosso pequeno globo, instruindo-nos na preparação de substâncias desconhecidas por nós. Tivemos de misturar produtos químicos em exatas proporções com pedras britadas do nosso planeta. A construção da muralha iria exigir, por tempo prolongado, toda a nossa energia, toda a nossa dedicação e todos os nossos recursos.

Chamamos a atenção de Johor para esse fato... como se Canopus já não o soubesse! Este foi o nosso protesto, como entre nós mesmos o chamamos. E esta foi toda a nossa "rebelião". O silêncio sorridente de Johor nos disse que a muralha teria de ser construída.

Para quê?

Logo saberíamos, foi a resposta.

Quando terminamos a muralha, os que no início eram crianças agora estavam velhos, eu entre eles. E os filhos dos seus filhos viram a cerimônia da colocação do último bloco de brilhante laje negra no topo de uma estrutura cinquenta vezes mais alta do que nosso prédio e com espessura correspondente.

Que maravilha, essa muralha!

A *coisa* negra que circundava o nosso globo - embora não em sua parte mais larga, não no centro, um fato que nos trouxe mais dúvidas ainda - nos atraiu, dominou nossa mente e nossa imaginação, absorveu-nos.

Viam-se permanentemente, aglomerados, grupos e multidões de pessoas como nós, de pé ao longo de seu topo, ou nas plataformas de observação, colocadas a in-

tervalos regulares em toda a sua extensão, ou nas elevações de onde podia ser avistada - elevações bem distantes, pois nada próximo nos oferecia uma visão suficientemente ampla. Lá estávamos bem cedo, de manhã, quando o nosso sol resplandecia sobre ela, ou ao meio-dia, quando o negro cintilante projetava luz e cor na direção do céu. E à noite, quando os aglomerados de estrelas cintilantes do Planeta 8 pareciam reluzir desde o céu interior como de águas escuras. Nosso planeta não tinha luas.

A muralha tornara-se a nossa realização, nosso progresso, nossa definição. Já não nos desenvolvíamos em outros sentidos, nossa riqueza já não aumentava. Já não esperávamos, como no passado, acrescentar constantemente aos nossos recursos, aperfeiçoar cada vez mais nosso nível de vida, torná-lo mais sutil, mais inventivo.

Uma muralha. Uma grande muralha negra e brilhante. Uma muralha inútil.

Johor e os outros que nos visitavam diziam: - Esperem, vocês vão ver, vão descobrir, confiem em nós.

Suas visitas tornaram-se mais frequentes, e suas instruções nem sempre se relacionavam com a muralha; e a natureza, a finalidade do que devíamos fazer não eram claras para nós.

Sabíamos que deixáramos de compreender. Tínhamos entendido, ou assim julgávamos, o que Canopus desejava para nós - e de nós: estivéramos participando, sob a supervisão deles, de longo e lento processo de civilização.

Durante esse período de mudança, enquanto nossas expectativas em relação a nós mesmos e a nossos filhos estavam sendo refreadas, nosso mundo continuou ameno de clima, agradável e muito bonito. Como sempre, continuamos a semear e a criar animais além do necessário, e permutávamos com outros planetas mais próximos os excessos de produção. Nossa população permaneceu no nível exato determinado por Canopus. Nossa riqueza não crescia, mas não éramos pobres. Jamais sofrêramos dificuldades ou perigos.

Éramos um planeta privilegiado, tanto no clima quanto na configuração física. Outros planetas sofriam rigores climáticos, conheciam o calor que resseca e mata e o frio que torna inabitáveis extensas áreas. Tal a posição do Planeta 8 em relação ao seu sol, que ao longo de estreita zona central era quente e, às vezes, incomodava. Zonas temperadas estendiam-se de ambos os lados. Nos polos havia regiões gélidas, mas eram muito pouco extensas. O planeta não se inclinava sobre seu eixo, ou o fazia tão ligeiramente que dava no mesmo. Não tínhamos estações, como sabíamos existir em outros planetas.

Nas regiões que todos nós habitávamos nunca houve neve ou gelo.

Costumávamos dizer aos nossos filhos: - Se viajarem o mais que puderem naquela direção, ou naquela outra direção, chegarão a regiões mais distantes do nosso sol da que esta em que nos encontramos. Encontrarão água densa, não clara e rápida como a nossa. A água é lenta por causa do frio e se encrespa na superfície à medida que avança e, às vezes, chega mesmo a formar placas ou flocos sólidos. É gelo.

Quando, ocasionalmente, tempestades trouxeram blocos de gelo do céu, foi um acontecimento. Chamamos nossos filhos e dissemos: - Vejam, isto é gelo! Nos polos do nosso mundo a água lenta e fria às vezes se transforma nesta substância, dá para se caminhar metade de um dia sem ver água que não seja desta maneira: branca, sólida e brilhante.

E, quando eles ficaram mais crescidos: - Em alguns outros planetas a superfície gelada é quase igual à área do nosso planeta, em que tudo é vegetação e fertilidade.

Dizíamos a eles: - Em nosso planeta, nas regiões mais afastadas do sol, às vezes caem do céu pequenos flocos brancos, tão leves e delicados que flutuam para lá e

para cá a um simples sopro. Isso é neve, é assim que a água sempre contida no ar, embora invisível para nós, se transforma nessas regiões, quando congelada pelo frio.

E as crianças naturalmente se encantavam, se maravilhavam e queriam ver a neve, as gélidas águas encrespadas, e o gelo, que às vezes formava crostas ou até mesmo placas e lençóis.

E então a neve caiu.

Do ensolarado céu azul-claro desceu a massa cinzenta e espessa, envolvendo-nos numa chuva branca, e por toda a parte ficamos olhando para cima, olhando para baixo, estendendo as mãos para onde os leves e brancos flocos, das histórias que contávamos para nossos filhos, pairavam um instante, antes de se transformarem, em gotas ou manchas d'água.

Não foi uma nevasca prolongada, mas foi pesada. Num momento, nosso mundo era, como sempre, verde e marrom, e colorido com o cintilar e o brilho da água em movimento e a dança leve das nuvens ligeiras. No momento seguinte, era um mundo branco. Branco por toda a parte, e a negra projeção da muralha dela se erguendo, o topo do negrume coroado de branco.

Muitas vezes, olhando para trás, dizemos que não conseguimos entender claramente algo que aconteceu, a importância de um fato. Mas posso garantir que essa chuva branca caindo do nosso imenso e tranquilo céu nos impressionou, gravando-se em nossas mentes e em nossa compreensão. Oh, sim, sabíamos, compreendíamos! E, olhando um para o outro, para confirmar o que estávamos sentindo, víamos sempre a mesma coisa: o futuro.

A cena está tão clara em minha memória quanto qualquer outra. Saíramos todos de nossas casas, corréramos juntos de um lado para outro e, formando grupos e pequenas multidões, contemplávamos, atônitos, mais do que esse mundo branco que tão subitamente nos tinha envolvido.

Éramos um povo alto e flexível, mas de constituição forte; tínhamos pele morena, olhos negros e cabelos longos e lisos. Gostávamos de cores fortes e vibrantes para as roupas e para a decoração de nossas casas, as cores que víamos em nosso mundo exterior: os vários tons de azul do céu, os infinitos verdes da folhagem, os vermelhos e marrons do nosso solo, as montanhas brilhantes de piritas e quartzo, o ofuscar da água e do sol.

Jamais havíamos pensado em estranhar nossa harmonia com o nosso meio, mas naquele dia estranhámos. Sempre nos consideramos belos, mas contra o brilho branco que agora tudo cobria, víamo-nos pardacentos e encolhidos. Nossa pele estava amarela, nossos olhos apertados e franzidos, pois só os fechando nos protegíamos do gélido clarão. As cores vivas das nossas roupas pareciam destoar. Ficamos todos ali tremendo de frio com a queda súbita da temperatura, e por toda parte era de se ver o mesmo movimento instintivo: de pessoas que se entreolhavam, achando feio o que viam, e então, enquanto imaginavam que assim era como deviam parecer aos demais, desviavam os olhos, agasalhando-se nos próprios braços, não apenas por causa do frio, mas num gesto que sugeria necessidade de conforto, de consolo.

Canopus chegou quando a neve não tinha ainda derretido.

Eram cinco, não como de hábito, um, ou dois; e isso foi o bastante para nos impressionar. Ficaram conosco enquanto a neve derretia e o nosso mundo voltava ao calor e às confortáveis cores dos campos plantados - e ficaram conosco quando a neve tornou a cair, desta vez por mais tempo. Nem nos deixaram quando essa segunda brancura aflitiva derreteu e sumiu. Canopus jamais exigiu, decretou ou ameaçou... ou mesmo subiu ao topo de nossa muralha, como fazíamos às vezes em solenidades cívicas para falar a grandes multidões. Não, eles circulavam silenciosamente

entre nós, demorando-se algum tempo em uma casa, passando depois para outra, e embora nunca tivessem dito algo dramático ou doloroso, em pouco tempo havíamos todos compreendido o que devíamos fazer.

A neve voltaria e com maior frequência; lentamente, o equilíbrio entre calor e frio se alteraria no nosso planeta, e teríamos mais neve e mais gelo do que o verde das plantações. E isto, isto e mais isto era o que devíamos fazer para nos prepararmos...

Estávamos aprendendo como os povos de planetas menos privilegiados enfrentavam o frio. Ouvíamos falar de construções fortes e sólidas para suportar toneladas de neve e a pressão dos ventos, de que nunca tivéramos conhecimento. Fomos instruídos sobre as roupas e calçados apropriados e como envolver a cabeça em tecido grosso, deixando expostos apenas os olhos, recomendação esta que nos assustou, pois a neve que caíra até então apenas nos fizera tremer e nos aconchegar um pouco mais em nossas roupas leves.

Enquanto decidíamos sobre o melhor modo de proteger em primeiro lugar as cidades e vilas mais próximas dos polos, Canopus nos disse que elas deveriam ser abandonadas por completo. Durante todo o dia e toda a noite comprimiram-se multidões ao longo da nossa grande muralha negra. Subimos nela, amontoamo-nos à sua base. Pousamos as mãos no seu brilho negro e frio. Contemplamos seu peso imenso, sua largura. Amontoamo-nos bem abaixo dela e olhamos toda a sua altura, sentindo-nos salvos e seguros. A muralha - a nossa muralha -, nosso grande e inútil monumento negro, que havia devorado nossa riqueza e trabalho, nossos pensamentos e aptidões... ela ia nos salvar a todos.

Íamos agora viver todos do mesmo lado dela, deixando vazia a parte menor do nosso globo, que logo seria inabitável. Viajamos, muitos de nós, por todas aquelas terras de clima ameno e agradável, onde as plantações estavam ainda nos campos, a vegetação cheia de cores e calor. Estávamos nos mudando dali, sabíamos, devido à necessidade que tínhamos de compreender. Pois não compreendíamos. Pode-se ouvir alguma coisa, agir de acordo, confiar nela, mas isso não é o mesmo que *sentir-la*, como se sente a verdade. Nós, os encarregados de retirar as populações de seus lares ameaçados, estávamos sempre trabalhando, em nossa imaginação, na tarefa de *realmente* saber que, em breve, gelo e neve dominariam. E os que tinham de se submeter à mudança também não estavam compreendendo.

Logo surgiram novas cidades e fábricas por toda a parte, no lado da muralha que, acreditávamos, iria permanecer mais ou menos como sempre fora... talvez com neve e até mesmo tempestades, mas não muito diferente do que conhecêramos.

E agora, reunidos no alto daquela barreira que teria de suportar as pressões do gelo maciço e agressivo, olhando para uma paisagem ainda fértil, onde o futuro não era visível, exceto no céu de aparência pálida e abatida, sentimos uma dor profunda, ficamos chocados e perplexos de tanta dor, pois finalmente éramos capazes de sentir, realmente sentir, em nossa essência, no mais fundo do nosso ser, que o nosso mundo, nosso modo de vida, tudo o que tínhamos sido... estava acabado, destruído. Terminado.

Como as trevas encheram nossa mente e nossas esperanças durante aquele tempo de preparação, enquanto nos ocupávamos em repor tanta gente em seus novos lares, enquanto aprendíamos o mais possível com Johor e os outros emissários que nos haviam mandado.

E então esperamos. Amontoados ali - pois já estávamos com excesso de população e em extremo desconforto - na parte habitável do nosso mundo, passamos a pensar desta forma: pelo menos a muralha, aquela testemunha sempre visível da nossa situação, era prova de que tínhamos um futuro. Nosso planeta tinha um futuro.

O tempo que então se passou pareceu-nos muito longo, e realmente foi; mas arrastou-se, também, devido aos fatos e pensamentos que nele se acumularam. Nossa vida, de fácil passou a árdua, as ideias que nos habitaram a mente sem serem questionadas foram, uma a uma, postas à prova e (tanto tinham mudado as coisas para nós), em sua maior parte, descartadas.

Nossas colheitas, que nos fizeram conhecidos em todos os planetas próximos, não mais vicejavam. Os animais que tínhamos compreendido e que nos compreendiam reduziram-se e sumiram, e tivemos novas raças de animais, que, tolerantes por natureza a trabalho duro e ameaças, não demonstravam amor por nós. Não sabíamos o quanto a felicidade das nossas vidas dependera do fato de sempre termos sido saudados por criaturas amorosas nos campos e nas selvas. Lembro-me de como eu e alguns outros representantes de cantões e províncias saímos de uma cidade, que antes usáramos como ponto de reunião, e chegamos a um vale por onde costumávamos caminhar a fim de descansarmos após nossas discussões; e onde antes existira um relvado fresco e brilhante, e regatos, ágeis, ligeiros e alegres animais, havia encostas cobertas com plantas baixas, ásperas e acinzentadas e rochas com uma nova espécie de líquen, cinza e espesso como pele de animal - e um rebanho bovino de ombros pesados e mandíbulas fortes, todos nos encarando, os chifres baixos, enormes cascos solidamente fincados no solo. E enquanto olhávamos, tentando não nos consternar, pois tínhamos aprendido a temer nossa dor, seus desgrenhados pelos marrom-acinzentados suavizaram-se para um cinza-prateado. O ar estava repleto de migalhas cinzentas. Estendemos as mãos e as vimos encherem-se dessa substância áspera e cinéria. O céu gris parecia descer sobre nós, cedendo ao próprio peso. Ali ficamos, tremendo de frio, aconchegando-nos mais nas novas roupas que Canopus nos recomendara, espessas e quentes, que impediam os movimentos, e ali permanecemos por um longo tempo, apesar da friagem, cientes de que precisávamos desses momentos de dura revelação de forma a poder ajustar nosso íntimo às nossas mudanças externas. Aquela parte do nosso mundo além da muralha era agora cinza e gelada, lenta e álgida, repleta de criaturas do frio. A princípio tudo se resumia a geadas severas, pedras que lascavam e depois partiam, de modo que montanhas inteiras mudavam de aspecto, em confusa desordem; o céu era baixo e sombrio, de nuvens espessas e escuras. E então chegaram as neves, chuvas e nevascas, e, após, as tempestades que duraram um dia, depois, dias seguidos. Tudo para além da nossa muralha era branco, e os novos animais vinham em bandos juntar-se a nós, a neve escorrendo de seus corpos, os olhos espiando sombriamente por entre a neve que lhes cobria a face. Mas a neve derreteu, revelando os cinzas e os marrons, e depois voltou... e mais uma vez - mas não derreteu com tanta rapidez. Depois não derreteu mais.

Canopus disse-nos que nós, os Representantes, deveríamos percorrer o nosso planeta sobre a muralha. Cerca de cinquenta de nós iniciaram então a jornada, e Canopus veio conosco. A empreitada nos tomou quase um ano. Caminhamos contra, não a favor do movimento do planeta, de modo que o Sol sempre se erguia à nossa frente, e tínhamos de nos virar quando queríamos ver como as sombras se formavam ao cair da noite. O topo da muralha, na maior parte do caminho, era muito estreito, de modo que só podíamos andar dois a dois, no máximo três, e os que vinham na retaguarda nos fizeram perceber o quanto éramos pequenos e poucos sob o céu que, à nossa direita, se enchia de nuvens de neve. No outro lado do muro, mas bem distante rumo ao polo, o céu geralmente ainda era azul, às vezes até mesmo quente, e abaixo viam-se os verdes e marrons de uma terra estival, e regatos rápidos e cantantes. À nossa direita, a paisagem cinza e monótona era frequentemente obscurecida

pela neve. Pudemos ver que, desse lado, a brancura do frio havia dominado as montanhas longínquas e cobria os sopés das colinas, espalhando-se pelos vales. E os ventos que sopravam incessantemente dessa direção afetavam nossos pulmões e faziam arder nossos olhos; por isso, viramos a cabeça e voltamos o olhar para aquela parte do nosso mundo que ainda nos dizia: "Bem-vindos, aqui a natureza é quente e agradável como sua própria carne". Mas Canopus continuou insistindo - delicadamente, mas com energia - para que examinássemos o mais possível aquele mundo frio.

E assim caminhamos, dia após dia, e foi como se estivéssemos penetrando numa praga que se alastrava, pois logo, mesmo no lado esquerdo da muralha, vimos como a relva se encolhia e sumia e toda a vegetação perdia o brilho, e o céu parecia descer com um clarão branco em algum ponto por trás do azul. E, à direita, a neve continuava a descer sobre nós, e mal dava para reconhecermos nossas paisagens familiares.

Certo dia ficamos todos juntos sobre nossa muralha, contemplando as imensidões geladas, com Canopus entre nós, e vimos que os animais extremamente pesados que ele nos trouxera de um dos seus outros planetas amontoavam-se perto da muralha. Aglomeravam-se ali, em vastos rebanhos, acossados pela neve, e erguiam as enormes cabeças e os olhos de animais encurralados para a muralha que não podiam transpor. Um pouco adiante havia uma fenda estreita que fecháramos com uma porta corrediça que tinha a metade da altura do muro.

Canopus não precisou nos dizer o que devia ser feito. Alguns de nós descemos pelo lado do muro para o solo endurecido, onde há muito já não havia relva, apenas uma fina camada de líquens, e puxamos os portões. Os animais ergueram as cabeças, sacudiram os chifres e bateram pesadamente os pés, indecisos, e então perceberam que era a libertação - e primeiro um, depois outro, atiraram-se estrepitosamente para a abertura. E logo, de toda a extensão da terra congelada vieram, desabalados, grupos enormes de animais, e todos, um após outro, atravessaram a abertura. Que animais pesados e desgraciosos! Jamais conseguimos nos acostumar ao seu tamanho, peso e falta de agilidade. Nas cabeças traziam chifres mais grossos nas bases do que nossas coxas, e por vezes tinham quatro e até mesmo seis. Os cascos deixavam marcas que formavam pequenas poças. Os ombros, para suportar aquelas grimpas e massas ósseas, eram como pequenas colinas. Os olhos, vermelhos, selvagens e desconfiados, como se fosse seu destino indagar para sempre que força os obrigara a carregar tal peso em ossos, chifres, carne e pelo, pois seus couros os envolviam como tendas.

As manadas atravessaram a abertura da nossa muralha, levando vinte dos nossos dias para fazê-lo, e logo não sobrou nenhum daqueles animais do frio naquela parte do nosso mundo condenada a ser devorada pelo gelo. Estavam todos nas áreas mais favorecidas... e sabíamos, sem que Canopus precisasse nos dizer, o que isso significava.

Teríamos realmente imaginado que nossa muralha de proteção conteria toda a neve, gelo e tempestade em um dos seus lados, deixando tudo do outro lado quente e fértil? Não, não imaginamos isso; mas também não havíamos realmente racionalizado a ideia de que a ameaça se abateria com tanta violência sobre o lugar onde todos nós vivíamos agora... onde nos amontoávamos, em massa, nos acotovelando, com tanta escassez de alimento e de alegria, que nossa antiga individualidade, nossas condições anteriores pareciam uma visão de algum planeta distante e privilegiado, que apenas imaginávamos ter conhecido.

Ali ficamos, contemplando colinas e vales, onde ainda crescia a relva, embora mui-

to mais rala, e onde o movimento da água era ainda rápido e livre; vimos como os rebanhos dos animais do frio espalhavam-se por toda a parte, fazendo ressoar dolorosamente em nossos ouvidos seus mugidos selvagens e exultantes, por terem encontrado pasto. Éramos um grupo de criaturas magras, amarelas, de ossos pequenos, como passarinhos mergulhados nas peles grossas dos animais, desesperadamente fixando os olhos parados na paisagem que não mais combinava conosco. E como nos acostumamos a fazer cada vez com maior frequência, olhamos para cima, voltando teimosamente os olhos para o céu onde os pássaros se moviam despreocupados. Não, eles não eram os pássaros pequenos e bonitos dos tempos quentes, bandos, grupos, ajuntamentos voando em disparada, volteando, mergulhando como um só, movendo-se com a velocidade da água quando suas moléculas dançam. Eram os pássaros dessa época gelada, característicos, águias, falcões e abutres, voando lentamente com asas que não batiam, apenas balançavam. Eles também tinham ombros pesados e seus olhos brilhavam dentre penas densas, e faziam círculos e variavam os céus ao sopro de enregelantes ventos que haviam matado os pássaros que nos eram familiares, às vezes em pleno voo, de modo que, vendo os pequenos corpos de cores brilhantes caindo no ar, erguíamos o olhar e imaginávamos ver também a rajada de gelo que os derrubara do céu. Mas eram pássaros, aquelas enormes e selvagens criaturas; podiam se mover; podiam voar velozmente de uma extremidade à outra do vale no tempo de uma respiração. No passado, tínhamos sido como eles, dissemos para nós mesmos, ali de pé sobre a muralha, lerdos e desajeitados em nossas peles espessas - a muralha que, no lado do gelo era escura e nublada, não mais de um brilhante e luzidio negror, mas apenas acinzentada. Cinza gelado.

Agora que todas as manadas haviam passado através do muro, fechamos a abertura empurrando o portão. Mas Canopus disse que logo que voltássemos à cidade deveriam ser enviados grupos de trabalho, e essa abertura, bem como as outras que haviam sido abandonadas, deveriam ser reforçadas para ficarem tão espessas quanto o resto da muralha. Pois as aberturas que haviam ordenado que deixássemos no muro muito antes de o frio chegar, antes mesmo dos primeiros sinais do frio, para salvar animais que ainda nem tinham sido trazidos para o nosso planeta, haviam preenchido sua finalidade. Não precisávamos mais delas. A muralha devia se apresentar perfeita, inteiriça, sem nenhum ponto fraco.

Depois disso, prosseguimos por alguns dias antes de cair uma nevasca mais violenta do que jamais poderíamos imaginar. Aglomeramo-nos no lado seguro da muralha, enquanto os ventos sibilavam acima de nós e às vezes mergulhavam ávidos até onde estávamos, e então trememos e nos encolhemos, cientes de que nem tínhamos começado a imaginar o que teríamos pela frente. Quando cessou o arrastado sibilar e subimos os pequenos degraus salientes até o topo, com cautela por causa da camada de gelo que os cobria, vimos que, no lado frio, a neve caíra com tanta intensidade, que todos os vales e todas as elevações da paisagem estavam tomados por um branco encapelado e que a muralha estava agora reduzida à metade da sua altura.

Já não estávamos distantes do nosso ponto de partida, e todos nós ansiávamos voltar para casa, as nossas casas sólidas de paredes espessas e telhados pontiagudos, para deixar escorrer a neve - pelo menos assim pensávamos. Mas agora tínhamos dúvidas. Teríamos de viver sob a neve como algumas criaturas viviam sob a água? Seríamos obrigados a cavar pequenos túneis e cavernas para viver sob um mundo de neve?

Mas, ainda assim, no nosso lado da muralha, onde se estendiam nossas vilas, cidades e fazendas, havia ainda áreas verdes, havia o cintilar de água corrente. E ciente

da nossa fome, do nosso desespero, de nossa saudade, Canopus não nos fez dar as costas a toda essa vida, mas permitiu que continuássemos, com dificuldade, a caminhar na direção do calor, tentando ignorar a grande quantidade de neve que se abatia sobre nós.

E foi nesses dias que Johor retrocedeu comigo e conversou comigo, a sós. Escutei-o, com os olhos em meus amigos lá na frente, os Representantes, e quando compreendi que o que ele falava era para mim e não para eles - não no momento, pelo menos, porque eles não podiam ainda suportar o fato - tive uma sensação ainda mais profunda do que nos aguardava. Mas, o que poderia ser pior?

A nossa frente, esta nossa grande muralha erguia-se alta e negra, acima dos pântanos onde a neve da tempestade tinha em parte se derretido, deixando listras e montículos de fina camada branca na água escura. Ali nos detivemos, Johor e eu, e contemplamos nossos companheiros que se afastavam até se tornarem nada além de uma mancha imprecisa avançando no alto da muralha onde ela se elevava para passar por uma cadeia de montanhas e finalmente desaparecendo da nossa vista. A muralha elevava-se outra vez, e nós a víamos, sempre imensa e alta embora tão distante, mostrando exatamente o que era, pois de um lado amontoava-se a neve e, do outro, os animais pastavam a relva de inverno e as moitas de vegetação rasteira e cinzenta.

Johor tocou meu braço e nos adiantamos até onde os pântanos se estendiam dos dois lados. A direita, as águas escuras rajadas de branco pareciam canais para o mundo de neve e gelo. Mas à esquerda, os pântanos eram um estuário que levava ao oceano. Nós os chamávamos assim, mas na verdade era um grande lago cercado de terra. Tínhamos ouvido falar (e alguns de nós haviam visto) de planetas que eram mais água do que terra - onde elevações, partes e até mesmo grandes áreas de terra ficavam no meio de imensidões líquidas. É difícil acreditar em algo tão distante do conhecimento pessoal. Conosco, tudo era ao contrário. Nosso "oceano" era sempre uma maravilha para nós. Era grande. Nossas vidas dependiam dele, sabíamos disso, pois contribuía para formar nossa atmosfera. Para nós era como se representasse verdades distantes e especiais, como um símbolo de tudo o que era difícil de alcançar e devia ser guardado e protegido. Aqueles de vocês que vivem em planetas onde os líquidos são tão comuns quanto a terra, as rochas e a areia acharão tão difícil imaginar que amamos este nosso "oceano", assim como nos é difícil imaginar planetas onde massas líquidas banham o globo todo num movimento vivo e contínuo, falando-se sempre de totalidade, interação, unicidade, intercâmbio rápido e fácil. Pois a base das nossas vidas, a substância que nos unia em perfeita conexão, era a terra. Oh, sim, sabíamos que esse solo e essas pedras que formaram nosso planeta, que tinha tão pouca água, e apenas em um lugar, exceção para os rios e regatos que o alimentavam, era algo que se movia como a água - sabíamos que as rochas tinham suas correntes, como a água. Sabíamos, porque Canopus nos havia ensinado a pensar assim. Solidez, imobilidade, permanência - era apenas como nós, com os olhos do nosso Planeta 8, devíamos ver as coisas. Em lugar nenhum, disse Canopus, existe permanência, imutabilidade - em nenhum lugar da galáxia, ou do universo. Tudo se move e muda. Quando olhávamos para uma pedra, devíamos pensar nela como uma dança e um curso d'água. O mesmo em relação a uma colina. Ou a uma montanha.

Eu estava ali de pé, de costas para os ventos gelados, voltado na direção do nosso precioso lago, que, fora do nosso campo de visão, abria-se além de altos e plumosos juncos, e pensava: "E quanto ao gelo? Devemos ver esse inimigo como algo feito todo de fluidez e movimento?" E foi nesse momento que pela primeira vez me veio a ideia de que nosso oceano podia se congelar. Embora estivesse no lado "seguro" da

muralha. O pensamento foi como uma rajada de frio. Tive certeza de que ia acontecer e já podia sentir o que Canopus se preparava para me dizer. Não queria me voltar para Johor - encarar o que teria de ser feito.

Senti sua mão no meu cotovelo outra vez e voltei-me.

Eu o vi como ele me via frágil e vulnerável, envolto em peles grossas, mãos enfiadas nas mangas, olhos espiando de dentro do capuz desajeitado.

É doloroso perder o senso de adequação física... e meus olhos ergueram-se mais uma vez para o céu, onde uma águia pairava no ar, bem acima de nós.

Representante - começou Johor gentilmente, e voltei a baixar o olhar para o que podia ver do seu rosto amarelo. - Seu oceano vai se congelar.

Senti os ossos encolherem-se e estremecerem no interior da escassa carne.

Tentei gracejar:

- Canopus pode nos trazer novos animais de ossos pesados para o frio... mas o que se pode fazer com os nossos ossos? Ou vamos morrer, como os nossos outros animais, dando lugar a novas espécies... novas raças?

- Você não vai morrer - disse ele, e seus firmes olhos castanhos, embora congestionados e contraídos, obrigavam-me a encará-lo.

Outro pensamento novo assaltou-me, e perguntei:

- Você disse que não nasceu em Canopus. De que tipo de planeta você vem?

- A existência me foi dada em um planeta quente e agradável.

- Como outrora foi o Planeta 8.

- Como é o planeta para o qual vocês todos irão.

Diante disto, fiquei em silêncio por muito tempo. Tanta coisa a ajustar na minha mente, coisas que redemoinhavam sem formar padrões exatos para estruturar perguntas úteis.

Quando me recobrei um pouco, continuava ainda encarando Johor, que estava de costas para o vento que soprava com violência dos campos de neve.

- Você está sempre viajando - disse eu. - Raramente está em seu próprio planeta... Sente falta dele?

Johor não respondeu, Esperava.

- Se vamos todos ser levados do nosso planeta através do espaço, então por que a muralha? Por que não fomos levados quando a neve começou a cair?

- Para qualquer um de nós, seja qual for sua importância na hierarquia funcional... o mais difícil de entender é que estamos todos sujeitos a um plano global. Uma necessidade geral.

- Então não era conveniente? - perguntei, com amargura.

- Quando foi levado para treinamento em outros planetas, alguma vez ouviu falar do planeta Rohanda?

Eu tinha, e minha curiosidade já se transformara em expectativa, uma expectativa até mesmo calorosa e amigável.

- Sim, é um belo planeta. Na verdade, uma de nossas mais bem sucedidas experiências... - Ele sorriu, embora eu só pudesse ver o sorriso em seus olhos, pois a boca estava coberta. E eu sorri também - pesadamente, é claro. Pois não é fácil nos vermos como um entre muitos itens.

- Nosso pobre planeta não é uma experiência bem sucedida!

- Por culpa de ninguém - disse ele. - Os Alinhamentos se alteraram inesperadamente. Acreditávamos que o Planeta 8 teria estabilidade e crescimento lento. Mas as coisas não saíram como esperávamos e pretendemos levá-los para Rohanda. Mas, antes disso, precisamos completar outra fase de desenvolvimento naquele planeta. Trata-se de elevar certas espécies a um nível tal, que possam formar com a espécie

de vocês, ao ser ali introduzida, um todo harmonioso. Isso não foi feito ainda. Enquanto esperamos, aqui neste planeta vocês devem ser protegidos contra o pior do que virá.

- Então a muralha foi construída para conter a pior nevasca?

- O pior do gelo que vai fazer pressão sobre o muro com seus imensos lençóis e placas. Lá embaixo, naquela parte que estamos vendo agora... - Johor me fez virar de costas para o vento, na direção do polo quente - tudo vai ficar bastante difícil. Vocês terão de lutar para sobreviver. E esta muralha vai escorar, assim esperamos, a força do gelo. O tempo suficiente.

- E vocês não querem que saibamos que vamos trocar nosso Planeta Natal por Rohanda?

- Basta que um de vocês saiba.

Levei tempo para entender isto. Tempo e observação. Pois, sem jamais ter dito a ninguém, nem mesmo aos outros Representantes, logo todos sabiam que seríamos transportados através do espaço para outro belo planeta, onde nossa vida retornaria ao que tinha sido outrora, num passado que nos parecia tão distante. Embora não estivesse realmente longe, apenas no outro lado da alteração física de nossas vidas, uma alteração tão brusca e repentina, que mal podíamos acreditar no que tínhamos sido.

Johor e os outros canopianos partiram, depois de se certificarem de que todas as aberturas da nossa muralha estavam seladas com segurança. E de que nenhum ser vivo fora deixado no lado frio da muralha. Parecia uma região morta, com frequentes tempestades de neve, ventos uivantes e violentos, e a neve acumulando-se cada vez mais, dando a impressão de estar aterrando até as montanhas. Então, de pé sobre nossa muralha, contemplando aquela região, as mãos enluvadas protegendo nossos olhos ofuscados, vimos que as montanhas pareciam de vidro, e que entre os contrafortes línguas de gelo penetravam sorrateiramente. Alguns de nós, bem agasalhados, fizemos pequenos carros que deslizavam em patins e nos aventuramos naquela terra horrível e gelada, para explorá-la. Foi como uma viagem para dentro de uma outra parte de nós mesmos, tão lentos e difíceis os nossos movimentos, tão doloroso cada respirar nosso. Tudo o que podíamos ver era a neve amontoando-se cada vez mais alta, mais alta, subindo para o céu, e os blocos de gelo escorrendo lá de cima. Terminada esta expedição, encolhemo-nos no nosso lado do muro, os olhos pregados onde tínhamos estado, e vimos como a neve vinha vindo, embranquecendo os campos de névoa e redemoinhando para o céu de um azul frio e metálico.

Tínhamos muito que fazer, e muito especialmente nós, os Representantes. Os problemas de ordem física, embora severos, eram de menor importância. Agora que já se espalhara a ideia de outro planeta à nossa espera, numa parte privilegiada da galáxia, onde poderíamos outra vez nos integrar ao novo meio ambiente como uma raça de movimentos ágeis, de pele morena e brilhante, uma raça saudável sob o céu azul - agora que esse sonho se tinha apoderado de nós, a realidade do momento parecia nos confundir mais ainda. E quando erguíamos o olhar e víamos como a neve se acumulara em grandes blocos de gelo reluzente com enormes fendas que podiam se estender de um horizonte a outro - esse horror de então chegou a nos parecer menos real do que Rohanda, para onde iríamos. Quando? Começávamos a ansiar, a desejar ardentemente essa nossa libertação, e contra esse sentimento eu e os outros tínhamos de lutar. Pois, se nos deixássemos levar por devaneios e aspirações, nenhum de nós estaria vivo para a viagem final até o belo planeta.

Uma de nossas dificuldades foi que quando todos haviam sido retirados da região gelada, tudo que havia sido construído para abrigá-los e aos animais estavam volta-

dos na direção oposta às nevascas. Do alto da muralha, o que, de início, nos chocaria foi ver como vilas e cidades se amontoavam, escorregavam e se escondiam, e não parecia haver janelas ou qualquer outra abertura, todas voltadas para o outro lado. Antes, nossas cidades estendiam-se aparentemente ao acaso, como quaisquer outras, quando construídas para que se aproveitasse da melhor maneira uma encosta favorável ou um vento favorável. Agora, lá de cima, uma cidade podia parecer uma construção única, na qual se poderia passar de um cômodo a outro pelo vale afora. Tão vulneráveis pareciam nossas novas casas, tão indefesas, enquanto as víamos lá do alto, sentindo os ventos nos agredir e assaltar, cientes do peso do que estava para vir - e, contudo, lá embaixo, ao nível do solo, no interior de uma cidade, era fácil esquecer o que nos ameaçava! A cidade era protegida, pois os ventos sopravam bem acima dela. Todas as frestas abriam para colinas ainda verdes, montanhas verdes boa parte até o topo, e havia o reluzir e o cintilar da água, e manchas de um azul opaco apareciam por entre o cinza espesso das nuvens. Lá embaixo havia fertilidade, calor e alegria... O desejo do nosso coração estava nos limites do campo visual.

O que deveríamos fazer então, nós, os Representantes? Obrigá-la gente, pela qual éramos responsáveis, a olhar para trás... para cima? Ali, às suas costas, estava a plataforma da muralha, tão acima das suas comunidades amontoadas, que um terço do céu não era visível. Uma muralha como um rochedo, um escarpado, negro e brilhante rochedo. Negro ainda do nosso lado, embora, se vista de perto, a superfície espelhada, que uma vez refletira o céu azul onde vagavam nuvens brancas e preguiçosas do que nos parecia agora um verão interminável, se pudesse perceber leve tonalidade cinzenta no liso negror. Linhas diminutas como pequenos arranhões a marcaram a superfície brilhante. Geada. E nas manhãs, bem cedo, toda a polida superfície do muro tinha um aspecto cinza friável.

Deveríamos insistir para que cada ser da terra escalasse os degraus até o topo da muralha e olhasse na direção do gelo, sentisse a ameaça da tempestade, soubesse o que sempre ficava lá no outro lado da muralha? Deveríamos, talvez, criar uma espécie de ritual?

Nós, os cinquenta e poucos Representantes subíamos até lá, com frequência, para examinar e detectar novas alterações e novas ameaças no polo gelado - e discutir a forma de combater essa atitude de fraqueza do povo.

Talvez tenha sido a extensão das mudanças que nos preveniu. Um mundo de neve - assim o tínhamos imaginado. Mas agora era gelo. A neve se tinha solidificado, formado blocos, ficado dura e pesada. Um mundo tilintante - uma pedra nele atirada ressoava. Ali no alto, com o vento no rosto, pareceu-nos que se um pássaro passasse voando faria o gelo cantar e vibrar. E quando chegaram as nevascas, o vento erguia massas de neve no ar, fazia-as subir rodopiando pelo céu ruidosamente sonoro e deixava-as cair de novo, para deslizar em turbilhão, formando novas massas e redemoinhos. Para logo se congelar outra vez e formar novos blocos de gelo, que desciam varrendo os vales em nossa direção. Agora, enquanto observávamos o gelo, tínhamos de nos lembrar da altura real da muralha, descendo o olhar atrás de nós para o lado protegido, pois a neve alcançava mais da metade da muralha. Logo - dissemos, em tom de zombaria - poderíamos saltar do topo daquela muralha e simplesmente caminhar na neve. Ou no gelo.

Resolvemos não instituir rituais de observação da neve ou subida ao topo da muralha, nem compor canções cheias de força para combater as que ouvíamos agora durante todo o dia e parte da noite, suaves, lamentosas e cheias de esperança. Não podíamos realmente avaliar os efeitos que teriam tais mergulhos forçados na realidade.

No passado, tivéramos uma noção exata do resultado de tais decisões.

A própria natureza da nova organização determinava que os Representantes encarregados dos animais fossem agora mais importantes que qualquer um de nós. Somente lá embaixo, perto do polo quente, era possível plantar, e a nova safra constituiu-se de variedades resistentes ao frio. Não pudemos cultivar a mesma quantidade de cereais para o sustento do povo.

Nossa dieta havia mudado - e rapidamente. Os rebanhos de enormes e desajeitados animais, que pareciam se desenvolver satisfatoriamente com a nova relva rala e líquens, davam-nos carne, peles para fazer vestimentas, forneciam-nos queijo e todo tipo de leite coalhado que antes não nos dávamos ao trabalho de produzir. As crianças, agora, passavam do leite materno para a carne e o queijo. Em passado não muito distante, teriam sido alimentadas com cereais cozidos (nossa alimentação básica era quase toda de frutas, cereais e vegetais). Perguntávamos a nós mesmos como esses novos hábitos alimentares poderiam nos afetar. Canopus tinha experiência para dizê-lo, mas fazia tempo que não nos visitava. Nós lhes perguntaríamos...

Os Guardadores de Animais e os Criadores de Animais convocaram todos nós para dizer que dependíamos agora particularmente dessa espécie de animal. Havíamos aprendido (e como!) de que maneira rápida e completa as espécies podiam se modificar... desaparecer... se formar. O que nos garantia que alguma outra alteração do clima não iria acabar com esses nossos novos animais em tão pouco tempo como tinham sido mortos os do nosso passado?

Estávamos todos reunidos em um dos nossos prédios recém-construídos, cercados por paredes espessas, com um pesado telhado. Nossa vida era agora muito tranquila, onde antes estávamos sempre expostos a todas as brisas, a todas as nuances da luminosidade.

Nesse silêncio profundo nós nos reunimos e avaliamos nossa situação em termos do quanto nossas responsabilidades haviam mudado.

Os Representantes dos Representantes, dos quais eu às vezes fazia parte, não sofreram alteração em número. Éramos cinco, mas às vezes tínhamos outros encargos também. Havia agora um Encarregado de Cereais e Cultivador de Cereais. Os Cultivadores de Frutas e Vegetais tinham se transformado em Criadores de Animais, por sugestão minha. Os Fabricantes de Alimentos sempre foram os mais importantes dos nossos Fabricantes e Encarregados. Depois deles, vinham os que construíam e cuidavam das construções. Destes, o número não tinha diminuído, mas aumentado. Quinze dos nossos cinquenta encarregavam-se agora de como abrigar nossa gente nesses tempos difíceis. Havia os encarregados da Manutenção da Muralha. Os outros cuidavam da fabricação de implementos e artefatos de toda espécie, alguns introduzidos por Canopus, outros criados por nós. Até pouco tempo atrás, tínhamos um Representante da Lei. Agora havia vários, pois a tensão e as dificuldades levavam nosso povo - antes bem-humorado - a brigas. Antes do Gelo, era raro haver um caso de assassinato. Agora, prevíamos homicídio. Antes não havia roubos entre nós, agora isso era comum. Antigamente não conhecíamos a desobediência cívica. Agora, bandos de gente em sua maioria jovem perambulavam pelas ruas atirando pedras e paus em qualquer coisa que lhes parecesse hostil... geralmente na base da muralha.

Mas a nossa reunião tinha como único objetivo o problema dos alimentos. Precisávamos descobrir, criar ou planejar novas fontes de alimento.

O que havíamos omitido ou deliberadamente posto de lado? Lá estava nosso oceano, repleto de criaturas de toda espécie, mas mesmo agora, nosso respeito pelo lugar nos fazia relutar em usá-lo como fonte de suprimentos. Devo dizer que Canopus sempre permaneceu em silêncio quando nos referíamos ao nosso Lago Sagrado.

Reagiam assim a certas atitudes nossas, esperando que a abandonássemos. Já há muito tempo alguns dos nossos chegaram a pensar, lá entre eles, que essa ideia de sagrado e santo era uma tolice, mas trocávamos ideias apenas entre nós. Canopus nos ensinara que discussões não educam crianças nem convencem os imaturos. Só o tempo e a experiência podem resolver.

Assim, quando alguns companheiros do nosso grupo demonstraram sinais de emoção ante a sugestão de que deveríamos examinar nosso lago, ficamos em silêncio, como Canopus tantas vezes ficou.

Restava apenas aquilo a que tínhamos dado as costas e que tanto temíamos: a região inóspita e congelada. Havíamos notado, em nossas caminhadas de observação ao longo da muralha, que os grandes pássaros que gostávamos de ver haviam se tornado completamente brancos, não eram mais marrons ou cinzentos. Asas delicadas, cheias de penas brancas, adejavam agora naquelas hostis correntes de vento. Às vezes podíamos ver um grande número deles, mas era difícil distingui-los em meio à massa de neve, é muitas vezes as chuvaradas ou tempestades enchiam o ar, levando os pássaros em turbilhão, junto com os flocos de neve, através do céu. Mas deviam estar se alimentando de alguma coisa... O fato de não vermos nenhum animal naquela imensidão branca não significava que não existissem por lá.

Ficou decidido que um grupo nosso seria enviado ao polo gelado, e eu fui escolhido por já ter estado em outros planetas e ter visto - embora não tão de perto - paisagens de neve. E outros dois também haviam feito viagens semelhantes. Eu, Doeg, Organizador da Memória e Encarregado dos Arquivos, Klin, que em outros tempos fora nosso melhor Cultivador de Frutas, e Marl, um dos Guardadores dos Rebanhos, já então extintos. Esses eram os três que Canopus levava para outros planetas, e eram daqueles que às vezes achavam os companheiros presas fáceis de emoção simples, como no caso do nosso lago, e há muito éramos amigos. Os outros dois eram jovens, um rapaz e uma moça em idade de começar a aprendizagem. Entre nós, a chegada da idade de qualificação para a aprendizagem costumava ser comemorada com festas e muita alegria. Significava a entrada na idade adulta. Mas agora, com a redução de nossas outrora numerosas e sempre crescentes atividades e habilitações, e com tantas coisas complexas e monótonas que tínhamos de aprender, algumas vezes até mesmo selvagens, pouca alegria restava, e também poucas oportunidades, e nossa viagem foi considerada por nossos jovens como algo maravilhoso. A competição foi renhida. Tão temerosos estávamos, que hesitamos em escolher os melhores mas, no fim, foi o que fizemos. Chamavam-se Alsi e Nonni, meninos valentes, bons e belos. Ou, teriam sido: naquelas condições, eles se encolhiam, amarelados, como nós, dentro do que nos pareciam tendas ambulantes de espessa deselegância.

O problema era que não podíamos imaginar a realidade do frio brutal. Nem mesmo depois de nossas breves incursões naquela região, ou mesmo procurando na memória algo que tivéssemos aprendido em outros planetas e seus meios de sobrevivência em temperaturas extremas.

Nos pequenos carros deslizantes colocamos suprimentos de carne-seca - que nós todos detestávamos, embora a fome nos obrigasse a aceitá-la; agasalhos de pele, para o caso de perdermos ou estragarmos os nossos; e uma espécie de tenda, também de pele. Todos nós pensamos que essa pequena "provisão seria suficiente para nos manter a salvo.

Saímos numa manhã tranquila, deslizando muralha abaixo, desprezando os degraus, agora escorregadios e perigosos, e mergulhando numa rampa de neve da qual lutamos para sair. E tivemos de lutar o dia todo em meio à neve fofa que nos chegava à cintura, de modo que ao cair da noite não tínhamos atingido nosso objetivo:

uma certa colina onde pensávamos encontrar uma caverna. Nosso sol, para nós bastante fraco nos últimos tempos, refletindo na neve, queimava nossa pele e ofuscava nossos olhos. Estávamos cercados de branco, branco, branco, e logo o céu se encheu de massas brancas de neve e toda aquela brancura era um horror e um tormento, pois nada em nossa história como raça, e, portanto, nada em nossos corpos ou nossas mentes, estava preparado para aquilo. A noite desceu quando estávamos em um vasto campo coberto de neve macia e fina que girava a nossa volta em redemoinhos. Nossa tenda não tinha em que se firmar e repetidamente afundava, como se estivesse na água. Aconchegamo-nos uns aos outros, abrindo os casacos para que o calor de nossos corpos se transmitisse a todos, nossos braços abrigando, mutuamente, cabeças e pescoços. Naquela noite não houve tempestade ou nevasca de modo que sobrevivemos, pois do contrário teríamos perecido. De manhã, continuamos a lutar contra aquela matéria fofa e sufocante, e escalamos uma geleira tão escorregadia que parecíamos nem sair do lugar, embora fosse melhor do que a maciez espessa da neve, na qual temíamos desaparecer para sempre. No gelo escorregávamos e tropeçávamos, mas não fazíamos caso dos ferimentos e dores, e naquela noite alcançamos a colina onde sabíamos existir uma caverna. Mas a entrada era uma placa de gelo. Conseguimos armar nossa tenda numa reentrância cheia de neve. A tenda era feita com dez das maiores peles, costuradas com os pelos para dentro. Estendemos outras peles sobre o gelo e nos aconchegamos uns nos outros até de manhã. Não sentimos tanto frio quanto na noite anterior, mas o pelo da parte interna da tenda, encharcado com a umidade de nossos corpos, de manhã era gelo puro - pontas e bastões de gelo que nos ameaçaram cortar quando saíamos da tenda, quase nos arrastando, para o novo dia claro e sem nuvens.

Começamos a compreender que nos preparáramos muito pouco para a viagem e pensei mesmo em desistir.

Nós, os três mais velhos, quisemos regressar, mas os dois mais jovens insistiram conosco e cedemos. Eles nos deixaram embaraçados - não tanto por seus olhares ousados e brilhantes, por seu destemor, mas por algo mais sutil. Quando uma geração observa o crescimento dos jovens, seu futuro e responsabilidade, e quando o que irão herdar é pobre e tão escasso, então a vergonha que sente é profunda demais para ser discutida. Não, não era culpa nossa se nossos filhos tinham de passar por tantas dificuldades, privar-se de tanta coisa que nós, os mais velhos, havíamos herdado. Culpa nossa não era; mas *sentíamos* como se fosse. Nós, os mais velhos, estávamos aprendendo que, eventualmente quando uma espécie ou uma raça é ameaçada, impulsos e necessidades nascidas na própria substância da nossa carne falam alto, e de um modo que jamais precisaríamos ter conhecido, se condições extremas não arrancassem essas verdades de dentro de nós. Uma geração mais velha, já no fim, precisa transmitir bondade, algo muito especial e elevado - nem que seja apenas em potencial - a seus filhos. E se não temos esse legado para colocar nas mãos deles, então sentimos uma amargura e um sofrimento que quase nos impede de fitar seus olhos jovens, seus rostos imaturos.

Nós, os três Representantes, concordamos em prosseguir.

Com o céu claro e azul daquele terceiro dia podíamos ver os grandes pássaros brancos por toda parte, circulando acima da neve e do gelo, olhando para baixo, atrás de... que presa? A princípio nada podíamos ver, mas depois, forçando a vista contra a luz ofuscante, percebemos ligeiros movimentos, um aparente arrastar e correr de certa forma diferente da fumaça e dos redemoinhos de neve provocados pelo vento. E então vimos pequenos pontos negros na extensão branca, e eram fezes de animais; e, depois, outros maiores, que eram as fezes dos pássaros brancos, provi-

dos de pele e ossos, e então pudemos imaginar a forma dos pequenos animais da neve antes mesmo que víssemos um deles: estávamos sobre ele, ele estava sob nossos pés e rolou, colocando-se de barriga para cima, confiante, como se estivesse brincando. Uma espécie de roedor completamente branco, de mansos olhos azuis. E já que os avistáramos, podíamos apanhá-los, correndo na neve, mas não muitos, certamente, e não havia nada que os qualificasse como suprimento alimentar. A não ser que pudessem se multiplicar no cativeiro. Mas o que comiam eles? Vimos um comendo as fezes dos grandes pássaros... Se os pássaros comiam os animaizinhos, e estes se alimentavam de seus próprios resíduos nas fezes dos pássaros, então se tratava de um círculo fechado que dificilmente poderíamos reconstituir. Aparentemente não havia nada que pudesse lhes servir de alimento. Vimos alguns escaravelhos da neve e uma espécie de inseto muito branco... mas o que comiam *e/es*, se eram alimento dos animaizinhos brancos?

Como ainda pretendíamos viajar por vários dias rumo ao polo, não capturamos nenhum espécime, mas apressamos o passo. Eu sabia que à nossa frente havia uma cadeia de montanhas com cavernas profundas, e esperávamos que não estivessem completamente obstruídas pelo gelo. Certa tarde, com o céu de um fulgor azul escuro metálico, deslizamos e abrimos caminho, subindo aos tropeços até um rio que sabíamos estar ali porque nos divertíramos muito nele, quando corria entre margens verdes e férteis, repleto de barcos e pessoas nadando. Dos dois lados do seu leito erguiam-se agora abruptos rochedos de gelo. Para alcançarmos as cavernas tivemos de cortar degraus no gelo, e o menino Nonni caiu e machucou gravemente o braço, embora fingisse não estar muito ferido.

A noite chegaria em breve e queríamos muito nos abrigar, mas esperamos que ele se refizesse da queda. Sentamo-nos numa cavidade do gelo e, encostados no rochedo gelado, ficamos olhando o cenário desanimadoramente brilhante: um agressivo céu azul que parecia cruel, delimitando o branco absoluto da paisagem. Respirávamos levemente e o mínimo possível porque cada inspiração afetava nossos pulmões. Estávamos com as pernas e braços doloridos. Nossos olhos insistiam em se fechar. Mas sabíamos que nada do que sentíamos se comparava à dor que fazia Nonni sentar-se ali todo encolhido, respirando a longos intervalos, em grandes haustos, os olhos sem ver nada do azul vivo e branco do ofuscamento à nossa volta. Ele não estava longe de cair na inconsciência, e Alsi abraçou-o por trás, cuidadosamente, por causa do cotovelo quebrado, ou o ombro - não podíamos precisar o que se quebrara devido às camadas de roupa - e envolveu-o com sua vitalidade e força. Para nós três, que os observávamos, o contraste entre os dois rostos jovens eram uma advertência: o dela, apesar do que estava passando, tão vivo e determinado, o dele, a própria indiferença sonolenta.

- Nonni - começou ela, no que logo se evidenciou a todos nós como uma deliberada tentativa de estímulo. - Nonni, acorde, fale conosco, precisa ficar acordado, precisa falar...

E, como o rosto dele demonstrasse impertinente e irritante relutância, ela insistiu:

- Não, não, Nonni. Quero que você fale. Você morou por aqui, não é verdade? Não morou? Vamos, diga!

Ele abanou a cabeça de um lado para outro e depois afastou-se do contato do rosto dela, mas seus olhos se abriram e revelaram lucidez: compreendia o que Nonni estava tentando fazer por ele.

- Onde você morava?

Nonni procurou indicar um ponto à nossa frente com um leve movimento da cabeça, que logo voltou a pousar no ombro dela.

- E como? O que você fazia?
- Você sabe o que eu fazia!
- Continue!

Mais uma vez ele resistiu, com um movimento involuntário, querendo dizer que tudo o que desejava era deitar-se e dormir, mas ela não o permitiu, e Nonni falou, ofegante:

- Antes do Gelo, era lá... lá.

Lá era agora a planície de neve, ondulada, cortada por fendas, e de onde se erguiam pequenos redemoinhos e espirais de neve.

- Você morou numa cidade lá embaixo? Era uma das nossas maiores cidades e vinha gente de todo o planeta para visitá-la? Por não haver outra igual a ela? Um novo tipo de cidade?

Ele procurou evitar a insistência dela com irritados movimentos da cabeça e fechando os olhos, mas outra vez prevaleceu sua vontade de viver.

- A cidade foi erguida ali porque estas montanhas estão cheias de ferro. As minas estão aqui, sob o gelo. Uma estrada vai dali até lá... a melhor estrada do planeta por causa do que ela transportava. Cargas pesadas de minério de ferro, com o qual fazíamos caminhões para transportar mais minério ainda...

Deu a impressão de ter dormido de novo, e Alsi insistiu:

- Por favor, Nonni.

- Antes da construção da nossa cidade e da abertura das minas, não existia nenhum centro de fabricação de ferro, embora ela tenha sido construída em pequenas quantidades por toda a parte. Foi Canopus quem nos disse para procurar ferro aqui e como procurá-lo. Depois, como trabalhá-lo e combiná-lo com outros metais. Sabíamos que os metais que fabricávamos iriam mudar nosso modo de vida. Algumas pessoas não gostaram do que estava acontecendo. Muitas delas deixaram nossa cidade por outros lugares onde a vida não se tinha modificado.

- E você, gostou da mudança?

- Acho que tinha de gostar, pois ia trabalhar em metais, como meus pais. Eles conheciam todos os processos mais recentes. Bem antes do Gelo fui com eles a uma cidade não muito distante do nosso oceano. Foi a primeira vez que vi algo diferente.

- E o que você achou? - perguntou Alsi, provocando-o, pois conhecia a resposta.

- Achei encantadora - respondeu ele, novamente cheio de todo o jovem desprezo que havia sentido então, e todos nós rimos, e ele riu também, pois agora podia olhar para trás e ver a si mesmo. - Sim, era tão *bonitinha* e tão *fofa*. Em nossa cidade tudo era muito mais difícil. Todos os dias inventávamos ou descobríamos algo novo e estávamos aprendendo a fabricar metais nunca antes imaginados. Era como se algo novo nos tivesse acontecido e não podíamos evitar de inventar novidades e ter ideias novas. Depois daquela visita, fiquei satisfeito por voltar. E Canopus retornou logo depois. Porque tínhamos visto diferentes modos de vida em outras partes do planeta e podíamos agora fazer comparações, perguntamos a Canopus como as coisas eram em outros planetas. E de súbito nossas mentes ficaram repletas de novidades... era como se estivéssemos nos distendendo... ficando muito maiores do que éramos... sabíamos quantas maneiras existem de viver, falávamos de como as espécies surgiram, evoluíram, transformaram-se... e extinguíram-se... - Aqui, ele parou por um momento e silenciou. Uma sombra passou pelo seu rosto.

- Nonni, nós não vamos morrer. Canopus garantiu.

- Alguns não - retrucou ele, numa declaração afirmativa de algo que sentia, de algo que sabia, e que nos deixou petrificados. Soubemos então, pelo menos nós, os mais velhos, que Nonni não ia sobreviver.

- Percebo agora que essa foi a mudança real. Não só pelo fato de que, fazendo novos metais e todo tipo de máquinas sabíamos que a vida no nosso planeta mudaria, mas porque, pela primeira vez, pensávamos daquele modo... e então começamos a pensar nas muitas e possíveis maneiras de viver... depois, naturalmente, começamos a imaginar se nos seria possível escolher nosso processo de desenvolvimento, o rumo a tomar... Vejo agora que na verdade o que aconteceu pela primeira vez foi a questão de escolha... E então veio o Gelo! - Ele riu alto, um riso raivoso, como só os muito jovens sabem rir. A raiva foi como uma injeção de energia, e ele se levantou cambaleante e foi amparado por Alsi. - O que estamos fazendo sentados aqui? Olhem, a claridade está sumindo. Precisamos encontrar abrigo.

Foi ele quem subiu na frente, enquanto nós o seguíamos, de olho nele, prontos para ampará-lo caso escorregasse. Mas sua força manteve-o até chegarmos ao abrigo, o último esforço verdadeiro que conseguiu fazer sozinho.

Sob profunda plataforma de gelo azul encontramos uma prateleira de terra semi-congelada e por trás dela uma caverna com chão macio de terra. E tão distante nos pareceu a última vez em que víamos terra, que apanhamos punhados dela carinhosamente, como se buscássemos segurança. O simples toque liberou odores em que reconhecemos o guano, ou excrementos de animais, e olhamos para cima à procura de morcegos. Não havia nenhum, tinham sido mortos pelo frio. Contudo, alguma coisa nos intrigava nessa caverna, com o solo de terra não congelado a nossos pés, que nos fazia continuamente olhar para trás, inquietos.

Estendemos nossas peles no chão da caverna e acendemos uma grande fogueira na entrada, usando o guano como combustível; e quando as chamas subiram e a fumaça começou a espiralar, ouvimos um movimento no interior da caverna, como se criaturas vivas tivessem despertado e se afastassem mais e mais para o fundo. Ficamos de guarda a noite toda, embora o calor relativo da caverna favorecesse o sono. Cada um ficou de guarda um determinado tempo e nós todos sentimos que alguém nos vigiava. Tínhamos a impressão de que nos espiavam. De manhã sentimos falta de uma coisa em que não pensáramos. Precisávamos de uma tocha. A luz do dia entrava muito pouco na caverna. Nós cinco, num grupo compacto, penetramos na caverna até onde a coragem nos permitiu, certos de que não longe dali havia seres vivos. Sentimos uma concentração de calor animal vivo. Várias criaturas pequenas? Algumas muito grandes? Neste último caso, o quê? Os animais herbívoros do nosso tempo perdido poderiam ter sobrevivido.

Por acaso os pequenos roedores da neve amontoavam-se em cavernas ainda livres dos blocos de gelo? Será que os grandes pássaros viviam em cavernas? Haveria outro tipo de pássaro ou de animal que não podíamos imaginar?

Foi com uma sensação de perda, até mesmo de angústia que deixamos para trás aquelas criaturas. Isso porque, naturalmente, nós nos identificávamos com elas. E como não, pressionados da forma que estávamos, nossas vidas cada vez mais limitadas e mais estreitas? Sentíamos por aqueles animais, fossem quais fossem, que sobreviviam numa caverna bloqueada pelo gelo.

Continuamos a viagem rumo ao polo, agora mais lentamente por causa do braço ferido de Nonni. Ele não podia ajudar a puxar os carros deslizantes e Alsi o substituiu. E depois perdemos a noção de tempo e distância, enquanto prosseguíamos teimosamente, os olhos ardendo, a pele do rosto exposta queimando, e até os próprios ossos do corpo protestando -, os longos e elegantes ossos que nos pertenciam, feitos pela natureza para movimentos fáceis e graciosos. Tempestades abatiam-se sobre nós e vivíamos cercados por contínuos ventos ululantes, ao ponto de acreditarmos que o estridor do ar em furioso movimento era normal, e o silêncio ou o manso

soprar das brisas e dos zéfiros apenas coisas imaginárias, por nós criadas para poupar nossa mente daquele horror. Então, quando as tempestades cessaram e encontramos novas barreiras de neve que impediam nosso progresso, e grandes blocos de neve passaram voando por nossas cabeças, foi como se nosso espaço no mundo se reduzisse a não mais que aquele grupo de corpos trêmulos de frio, de modo que estávamos naquela sala branca, cujas paredes nos oprimiam enquanto nos movíamos, e que se moviam conosco. E quando o céu levantou e clareou, e nos vimos em um alto vale rodeado de elevados picos gelados, só havia sinal de vida em nós mesmos, nosso pequeno grupo, cinco criaturas ali encolhidas umas contra as outras. Novamente foi impossível armar a tenda. A noite desceu sobre nós e não dormimos, pelo assombro, pelo esplendor e pelo horror do lugar. Lá em cima um céu negro, com algumas estrelas brilhantes. Nenhum vento, nenhuma nuvem, apenas o silêncio. Agachamo-nos ali, tremendo, e olhamos para o alto, para esta estrela brilhante, depois para outra, perguntando se esta seria o sol de Rohanda, o planeta fértil, ou aquela. E falamos sobre a raça que Canopus estava desenvolvendo a um alto nível de evolução, e procurávamos imaginar como tais povos, que imaginávamos bravos, fortes e bons, nos receberiam, como nos fariam sentir em casa... e falamos como nossas duas raças, criações de Canopus e de nós mesmos, também filhos de Canopus, criação delas, trabalhariam juntas, viveriam juntas e se tornariam ainda mais fortes e melhores. E nós, os três mais velhos percebíamos a vibrante expectativa e anseio dos dois jovens e sentíamos por eles todo o amor caloroso e protetor de uma geração que passa por aqueles que vêm depois.

Como foi serena aquela longa noite! E bela! O silêncio era tão profundo, que podíamos ouvir o débil sussurrar cristalino das estrelas. E, antes do amanhecer, quando o frio era tão intenso que nossos grossos casacos de lã pareciam ter se esvaído, deixando-nos nus, uma das altas montanhas reluzentes que nos rodeavam estalou ruidosamente quando a rajada de frio a atingiu, e este estrondo ecoou em outra montanha, e num momento foi como se todas elas gritassem, gemessem e protestassem contra o frio. Depois, o silêncio outra vez, e as estrelas cintilaram, provocantes. Não achávamos que iríamos sobreviver àquela noite, e à primeira luz, que fez tudo cintilar e afetou nossos olhos, achamos Nonni, fraco e lerdo. Afastamos os forros de pele que encobriam seu rosto para verificarmos seu estado real. Sua carne estava fina e amarela, grudada aos ossos, e os olhos negros não tinham expressão. Estávamos ainda bem longe do polo Lembrei-me de uma caverna que havia por perto e o levamos para lá. De tão leve, ele se deitou nos meus braços como uma criança. A caverna tinha uma pequena entrada, um buraco na neve, e não havia guano dentro dela. O solo era uma mistura dura e acinzentada de terra e geada, e não sentimos a presença de animais a nos espreitar dos recessos da caverna. Encontramos montes de palha, da morada de algum solitário ou algum eremita, e fizemos uma pequena fogueira. Mas o calor não foi suficiente para salvar Nonni, e ele morreu. Não pudemos enterrá-lo, porque o solo era muito duro. Nós o deixamos lá, com seus pesados mantos de pele, e nós quatro, imaginando qual seria o próximo, continuamos a jornada, que achávamos inútil e talvez mesmo criminosa, até darmos à nossa frente com um objeto alto, negro e em ponta. Era a coluna que Canopus nos mandara erigir no polo. Mas, ao que nos lembrasse, não era tão alta assim, pois o gelo havia alcançado mais da metade dela. As colunas foram erguidas nos polos para serem usadas como balizas pelas espaçonaves de Canopus, quando aterrissavam.

Aqui, no topo do nosso mundo, o sol nos parecia mais quente do que em qualquer outra parte de nossa viagem. Deve ser lembrado que citei a levíssima inclinação do nosso planeta sobre seu eixo, que não era o bastante para fazer muita diferença nos

nossos bons tempos; mas agora imaginávamos que talvez em razão desses climas extremos essa pequena inclinação poderia provocar uma leve mudança que talvez pudéssemos chamar de verão, quando o outro polo, por sua vez, se aproximaria mais do sol. Muito bem, acontece que estávamos certos; havia a brevíssima estação na qual uma ligeira elevação de temperatura permitia que se plantasse cereais e alguns vegetais. Mas não era o bastante para alterar nossa situação.

Aqui, no topo do planeta, rodeados apenas de uma camada vítrea de gelo, sobre o qual mal podíamos caminhar, tivemos que concluir que não havíamos encontrado nada que pudesse servir de alimento, a não ser talvez as pequenas criaturas brancas da neve. Que não viviam cá em cima, nestas latitudes... aqui nada vivia. E nossa fra-ca chama vital, nossos pensamentos lentos e confusos, pela ação do frio, pareciam deslocados, quase uma afronta à natureza que apenas havia ordenado os silêncios do gelo, o rugir das tempestades.

Na viagem de volta, a moça caiu doente e tivemos de carregá-la em um dos carros - agora, que consumíramos quase toda a carne seca, havia bastante lugar para ela. Quando chegamos aos vales, onde o pequeno movimento dos animais da neve se evidenciavam na neve entre as sombras dos grandes pássaros que batiam as asas no alto, apanhamos vários deles. Foi fácil, pois não conheciam o suficiente para ter medo de nós. Eram animaizinhos confiantes e se aconchegaram à moça que jazia semiconsciente no seu leito. O calor e a mansidão deles reanimaram-na, e ela chorou pela primeira vez a morte do amigo Nonni.

Sobre a viagem de volta, basta dizer que foi terrível, e cada passo arrastado e doloroso nos revelava o quanto fôramos tolos em enfrentar perigos para os quais não estávamos preparados. Quando afinal chegamos ao ponto em que esperávamos ver nossa muralha negra, não a vimos. Era uma manhã ofuscante de luz e brilho, depois de uma noite na qual a neve caíra tão pesadamente que pensamos que nos sufocaria. Aos tropeções, sempre em frente, os olhos semicerrados contra a luminosidade, quase passamos direto por uma elevação: a nossa muralha; tínhamos caminhado até o topo, pois o gelo e a neve haviam coberto tudo. Ali em cima, olhando para baixo, podíamos ver que a neve fora soprada do lado frio, formando montes ao longo da base da muralha - não muito profundos, mas o suficiente para cobrir boa extensão de terra.

Descemos com cuidado os degraus perigosos e escorregadios até o lado seguro. Alsi logo se recuperou e levou para os Criadores de Animais os animaizinhos que haviam partilhado, com ela, o aconchego do carro, e finalmente, depois de várias experiências, concluíram que eles se alimentavam de líquens e da vegetação rasteira das tundras. Mas de que viveriam naquela imensidão deserta de água gelada? Afinal chegaram à conclusão de que as cavernas deveriam conter suprimentos de palha ou folhas, ou talvez até mesmo uma forma de vegetação. Criamos esses animais para que nos servissem de alimento, mas afinal o problema era que não conseguíamos produzir alimento suficiente para os animais. Os grandes rebanhos, que aparentemente podiam se desenvolver à base daquela vegetação escassa e seca, vagavam agora, inquietos, dos vales ao sopé dos montes, até mesmo subindo as encostas à procura de alimento. Se o frio ia ultrapassar a barreira da nossa muralha, naturalmente era de se esperar que a relva e as moitas minguassem... e os animais também.

Foi essa pressão sobre nós que levou nossos Representantes mais moderados a concordarem em pensar no nosso lago. Nosso oceano. Organizamos uma cerimônia. Todas as populações dos vales próximos e delegações de todos os cantos do planeta reuniram-se ao longo das margens do nosso oceano. Era uma manhã sombria e nublada e o povo estava desolado e silencioso. De onde estávamos, nas colinas bai-

xas de uma das margens da extensão de água, podia-se ver um amontoado escuro de gente do outro lado. Nós, os Representantes, estávamos na margem mais próxima da muralha e podíamos avistar ao longe as montanhas, na outra margem da água, o céu azul ligeiramente acinzentado que ainda parecia sorrir. Povos sob uma grande ameaça conhecem silêncios jamais compreendidos em tempos de bonança. Podia observar ao meu redor que todos voltavam a cabeça e se entreolhavam; todos calados ou apenas falando em voz muito baixa, e veio-me a ideia de que esse silêncio profundo devia-se ao fato de estarem todos, de estarmos todos nós, *escutando*. Tudo o que tínhamos a fazer era difícil e odioso para nós, não encarávamos com naturalidade nem mesmo as menores, mais comuns e mais repetidas atividades cotidianas, desde o colocar dos pesados agasalhos até a preparação da carne gorda, base da nossa alimentação; nem o nosso sono, sempre ameaçado pelas investidas sorrateiras do frio vindas de algum lugar, uma carga imensa de frio que parecia se abater sobre nós, como a água saturando a terra; nem mesmo o estender da mão ou um sorriso, pois nossos corpos e rostos pareciam permanentemente diáfanos e friáveis demais para o que tinham de fazer ou expressar. Parecia nada mais restar em nós de instintivo e, portanto, alegre, ou naturalmente agradável. Éramos tão estranhos para nós mesmos como para o que nos cercava. E, assim, grupos e multidões com a maior facilidade e frequência mergulhavam em silêncios. Como se este sentido, a audição, estivesse sendo utilizado para suprir nossa necessidade e falta dos outros. *Nós escutávamos* - nos olhos de cada um de nós havia sempre uma expressão de expectativa, uma esperança de ouvirmos ou recebermos alguma notícia, mensagem ou informação.

Alguns dos nossos Representantes eram de opinião de que deveríamos fazer desta ocasião a consagração do nosso lago à utilidade e à produtividade, uma cerimônia com canções e hinos, marcando o contraste entre a desolação presente e a nossa vida passada. O passado tão recente... só as crianças muito novas não se lembravam do lago azul e brilhante entre os verdes e amarelos da folhagem. Para quê um ritual formal de lembrança? Nossa extensão de águas cintilantes tinha sido azul, tinha sido verde, com minúsculas cristas brancas. Rochas escuras por todas as margens maravilhosas e incrivelmente multicoloridas tinham virado plataformas de mergulho... habitualmente de cor parda, cinzenta e de lama, os tons de uma terra quente e produtiva chegavam a parecer agora extraordinários, quase impossíveis. Teríamos estado aqui, nós, povos de nosso planeta ferido, teríamos visto corpos morenos cheios de vida mergulhando e nadando nas águas que refletiam o azul do céu? Teríamos dançado e cantado por estas margens nas noites quentes em que as águas tranquilas e escuras nos pareceram coalhadas de estrelas? *Teríamos realmente?* Bem, sabíamos que sim, e contávamos tudo para nossas crianças mais novas... e os olhos delas, intrigados, nos diziam que acreditavam nisso como acreditavam nas lendas que recebêramos de Canopus para repetir para elas. Pois Canopus havia nos contado, a nós, os Representantes, milhares de histórias que preparariam a mente do nosso povo para a compreensão do nosso papel como um planeta entre planetas e de como éramos queridos, alimentados e cuidados por Canopus. Eu mesmo me lembro de como, ainda menino, fui levado até uma colina pelos Representantes daquele tempo, com outras crianças, numa noite morna e tranquila, e me foi mostrado como uma certa estrela brilhante, quase na linha do horizonte, era Canopus, estrela que nos alimentava e que nos tinha criado. Lembro-me de como lutei com minha mente para compreender tudo, de como associei o farfalhar da relva à nossa volta, o calor familiar das mãos de meus pais e o cheiro agradável dos seus corpos a esse pensamento: aquela coisa brilhante lá em cima, aquele pequeno luzir, é um mundo, como o nosso, como o nosso planeta

aqui, e devo me lembrar, quando olhar para ela, que é um mundo, e meu Criador.

Lembro-me como em parte compreendi, em parte aceitei. E como as lendas e histórias mergulharam em minha mente, alimentando-a, e criando dentro de mim um espaço onde eu podia entrar quando quisesse, para repousar e me abastecer de amplitude e integridade. Mas não foi fácil aquela mudança lenta, sempre orientada (como eu sabia que era, embora com dificuldade) por Canopus.

Naquele dia gelado, olhando-nos através da água cinzenta, nossa tarefa consistia em nos ouvir mutuamente e compreender que este sacrário, esta intocada maravilha de lugar, onde havíamos nadado e brincado, mas jamais, jamais profanado - ia ser agora cultivado como tínhamos cultivado antes quase todo o planeta. Como ainda cultivávamos a pequena área ao redor do polo, que se estendia (um pouco, muito pouco) sob a luz fértil do nosso sol. Sim, estávamos utilizando nosso mínimo, quase imperceptível "verão". Colheríamos do nosso "oceano" as criaturas que o habitavam, porém, cuidadosamente, pois éramos muitos e elas não eram tantas para que tirássemos o quanto desejávamos.

Os Representantes da Manutenção do Lago, seus Guardiões, chamados Rivalin, adiantaram-se do meio das multidões silenciosas, entraram num barco que havia sido alegremente decorado, dentro dos limites dos nossos parques recursos de vegetação - algumas grinaldas feitas de líquens e talos de cereais -, navegaram até uma certa distância de nossas margens geladas, e, de pé no convés, ergueram os novos instrumentos para que todos vissem.

Eram redes, diversas linhas com anzóis, lanças e arpões. Estes últimos contavam que no fundo do nosso lago havia monstros. Houve alguns casos de gente afogada, embora não frequente, e dizia-se que as vítimas tinham sido levadas para as profundezas do lago por essas imensas criaturas que ninguém jamais vira. E que jamais tinham existido - pelo menos, nunca as vimos.

Algo aconteceu quando os Representantes ergueram as novas armas bem acima das suas cabeças, girando-as no ar, para que todos vissem. Um gemido ou choro ergueu-se da multidão, e esse som, vindo das profundezas de todos nós, assustou a todos. Houve momentos de frenético lamento. Por quê? Porque nossa necessidade nos obrigava a violar algo até então sagrado para nós? Não foi apenas em nossa margem que este frenético choro lamentoso se elevou do povo. De todos os pontos da margem do lago pessoas tinham saído em barcos munidas com os novos instrumentos para apanhar as criaturas das águas, e de todos os lados ecoava este pungente canto fúnebre.

E quando cessou o breve instante da lamentação, fez-se silêncio novamente, o profundo silêncio de expectativa.

Alguns esperaram para ver as primeiras criaturas serem arrastadas da água. Naturalmente nós as conhecíamos de quando costumávamos nadar no lago. Foi observando-as, aqueles seres longos, estreitos e ágeis da água, mais semelhantes a pássaros sem asas - embora alguns parecessem ter asas minúsculas e frágeis - que fomos levados pela primeira vez a pensar em como os seres vivos assumiam a forma do seu meio ambiente, eram mapas ou cartas visíveis do elemento em que viviam. Os pássaros, tanto os individualistas solitários dessa nossa nova era, quanto os bandos alegres do passado, traçavam para nós as correntes aéreas. E esses animais aquáticos, os solitários, que sempre pareciam ser mais volumosos, e os que se moviam, serpenteavam e fugiam em bandos, grupos ou cardumes, mostravam claramente a direção das correntes que não podíamos ver, assim como não podíamos ver os movimentos do ar. O correr, o redemoinhar, o voltar e o espiralar do ar e da água iriam se tornar evidentes para nós quando observássemos suas criaturas.

Mas a maior parte das pessoas voltou para casa. Nós, os Representantes, ficamos no alto de uma elevação e observamos aquela pobre gente, pela qual éramos responsáveis, entrar depressa em suas casas, quase furtivamente, como se temesse ser observada, ou mesmo criticada. Criticada por quê? Infelizmente é verdade que, em tempos de grande calamidade, o povo sente-se culpado. Culpado de quê? Ah, mas de que adianta tal questionamento lógico, frio, diante de súbitos, improváveis e inesperados flagelos da natureza? Nosso povo sentia-se como se estivesse sendo punido... mas não tinha feito mal algum... mas era o que sentia. Bastava olhar para eles e ver o modo como se moviam, como paravam, e se entreolhavam em busca de confirmação e renovada segurança. De pé, era como se carregassem um peso invisível, que lhes curvava os ombros e dava um ar de obstinado sofrimento à posição da cabeça. Andavam em grupos, olhando em volta como se temessem inimigos de tocaia. Contudo, jamais tivemos inimigos. Até há pouco tempo, não tínhamos conhecido nem mesmo crime ou criminosos comuns. Essa gente, esses povos felizes e afortunados, tão recentemente joviais, ágeis e impulsivos, confiantes entre si e na terra em que viviam - agora não podiam fazer um gesto ou um movimento sem expressarem não apenas medo, mas uma culpa - que era uma culpa profunda em suas almas.

Discutimos os meios de remediar tal situação: se deveríamos fazer-lhes um apelo, falar-lhes, explicar, argumentar, ponderar... Porque vocês, tão bravos e destemidos, que enfrentam tão bem e com tanta coragem estes tempos árduos que modificaram tão terrivelmente tudo o que conhecemos - por que devem parecer condenados por um grande crime? Nenhum crime foi cometido! Vocês não são culpados! Por favor, não tornem piores para vocês e para os outros o que já está suficientemente ruim. Por favor, pensem em como essa sua nova atitude ou postura - como se esperassem a cada momento ouvir um juiz pronunciar a sentença contra vocês - nos deve estar destruindo, corroendo todos nós, na profundidade do nosso ser.

Tal a voz da razão. Como pretendíamos empregá-la. Mas não o fizemos. A razão não pode alcançar as fontes da irracionalidade, para curá-los. Não, algo de causa e origem muito mais profundas do que nós, os Representantes, podíamos alcançar, estava atuando sobre nossos povos. E naturalmente, sobre nós também, pois éramos parte dele e pertencíamos a ele. Portanto, necessariamente, estávamos também sendo afetados, se não a nível tão facilmente por nós visível em nosso povo, então, talvez, em alguma parte, mais profundo e talvez mais perigoso? Como poderíamos saber? Como escolher corretamente o que fazer e dizer, quando tínhamos de suspeitar do que se passava em nossas próprias mentes, quando tínhamos de ser cautelosos em relação ao nosso julgamento?

O que poderíamos compreensivelmente encontrar para dizer com força suficiente para compensar aquilo com que todos tinham de conviver dia e noite: essa certeza de que, devido a fatos para nós desconhecidos, certos movimentos das estrelas (forças cósmicas, como se expressava Canopus, embora essas palavras em nada diminuíssem nosso espanto) estavam levando o nosso Planeta Natal, o belo Planeta 8, ao fim, à morte. Nada do que fizéssemos, pensássemos ou disséssemos poderia modificar esta verdade básica, e tínhamos de conviver com ela da melhor forma possível, enfrentando perigos que não compreendíamos. Mas no futuro, em alguma era distante, ou talvez próxima, pois não sabíamos o que esperar, Canopus viria para nos levar a todos para Rohanda, a fértil. Rohanda, a temperada e hospitaleira.

Nós, os Representantes, partimos para o nosso local de reunião, e sentamo-nos juntos pelo resto daquele dia. A maior parte em silêncio. Antes costumávamos nos reunir ao ar livre, em uma colina, ou à noite, sob as estrelas. Agora, sentávamo-nos muito juntos, sem tirar os agasalhos, sob um teto baixo. Fazia muito frio. Nessa épo-

ca não usávamos fogueiras ou outros meios de aquecimento - qualquer matéria vegetal, estéreo, líquen, ou até mesmo terra que pode ser queimada lentamente, era reservada como possível alimento dos animais. Tínhamos observado os grandes rebanhos na procura frenética de alimentos escavando a terra, que era em parte matéria vegetal, e comendo-a, embora não gostassem e muitas vezes a vomitassem. Mas depois, levavam-na de novo à boca.

Quando os Representantes, que tinham navegado ao redor do lago ensinando os novos métodos de se obter alimento, aproximaram-se e sentaram-se conosco, discutimos a melhor forma de utilizar este novo recurso.

Devo dizer simplesmente que, embora o alimento fornecido pelo lago tivesse aliviado um pouco nossas necessidades, não era muito, não era suficiente. Ainda que nossa população não pudesse ser descrita como grande, comparada à de alguns outros planetas, que sabíamos ser de milhões, não era suficientemente pequena para se alimentar a longo prazo com o produto de um lago de tamanho médio. E, embora, fosse alimento valioso, não gostávamos dele. Como ansiávamos pelos vegetais, frutas e cereais da nossa antiga dieta... todo o nosso alimento era agora de origem animal, a menos que raspássemos o líquen das rochas. Por causa disso, nossa aparência começava a mudar, tornava-se mais grosseira, mais pesada, oleosa, e mal podíamos lembrar como éramos antes. Até nossa pele parecia estar se acinzentando, para combinar com o cinzento dominante, o cinzento e mais cinzento de tudo o que nos cercava. Céu cinzento, terra acinzentada ou acastanhada, verde-acinzentado a cobrir as rochas, rebanhos cor de terra acinzentada, e os grandes pássaros, lá em cima, cinzentos e castanhos... embora ficassem cada vez mais brancos, sempre que sobrevoavam a muralha - cinzenta agora por causa da geada que a encobria... ligeiros pássaros de penas leves e brancas a planarem, vindos das vastas extensões brancas além da nossa muralha.

Observando o alto da muralha, podíamos ver como o gelo se acumulava sobre ela. Uma escura plataforma branco-acinzentada dela se projetava: era a ponta de uma geleira. Se a muralha cedesse, então o que nos protegeria do gelo e da neve naquele inverno infundável já instalado, cujos ventos ululantes e tempestades nos impediam de dormir à noite, amontoados sob as pilhas de peles espessas? Mas a muralha não cederia. Não poderia. ". Canopus havia recomendado sua construção, Canopus a ordenara. Portanto, iria permanecer de pé...

Mas onde estava Canopus?

Se devêssemos ser retirados a tempo de se salvarem todos os nossos povos, então já havia passado aquele tempo.

Eu disse que novos crimes e violências nos afligiam. As vítimas não eram numerosas, mas cada crime nos parecia uma enormidade, e assustador, simplesmente porque não os conhecíamos antes.

Não é fácil distribuir imparcialmente e corretamente o sofrimento e a auto-recriminação neste negócio de calamidade, quando ela afeta as pessoas de modo tão diverso e insidioso. Que nos revoltássemos e nos enfurecêssemos muito mais com casos isolados de assassinatos ou um roubo fortuito do que com a morte de vinte pessoas em repentina tempestade de neve não era razoável. Seria por nos sentirmos responsáveis pela violência, embora não tivessem ocorrido violências ou atos de terror antes desta nova era de crueldades da natureza? Visto desse ângulo, ninguém podia ser culpado por estas matanças, que, obviamente, eram parte da degeneração geral de todas as coisas. Antigamente, qualquer morte era motivo de sofrimento geral... e genuíno. Nós nos conhecíamos uns aos outros. Não havia possibilidade de um rosto ser desconhecido, ainda que os nomes fossem.

Mas a mudança havia começado algum tempo atrás: quando Nonni morreu no frio, não sofremos muito. Nós mesmos sentíamos muito frio e estávamos sob grave ameaça. Alsi chorou sua morte, mas não como teria feito antes. Não, a morte tinha agora uma nova propriedade, uma propriedade que nos fazia sentir constrangidos. Não podíamos nos importar como antes... essa era a verdade. Estaria o frio congelando nossos corações, diminuindo o ritmo do nosso sangue, tornando-nos menos capazes de amar e ser receptivos uns aos outros? Uma criança morria, e todos nós sabíamos que deveríamos estar pensando intimamente: "Melhor assim; quem sabe de quantos horrores está se livrando esta infeliz! Quase certamente mais feliz do que nós, os sobreviventes!" E sabíamos o que pensávamos: "Uma boca a menos para alimentar." E: "Seria melhor se não nascessem crianças, não nesta era terrível." E, como já sugeri antes, quando uma espécie começa a pensar desse modo sobre sua mais preciosa - a original - capacidade, a de dar à luz, de legar uma herança, então está, sem dúvida, em sérias dificuldades. Se não somos meios de acesso para o futuro, e se este futuro não for melhor do que somos, melhor do que o presente, o que somos então?

Sabíamos o que tínhamos sido. E quando chegaram até nós notícias de desordens em outros vales, manifestações por alimentos, ou talvez sem nenhum motivo aparente, olhamos para o nosso céu sombrio e pensamos: *Canopus, quando você virá, quando cumprirá a promessa que nos fez?*

Então Canopus apareceu, mas não como tínhamos esperado. Uma grande esquadilha de naves espaciais surgiu através do polo quente e aterrissou nas nossas tundras, e o que parecia um exército de canopianos descarregou suprimentos. A princípio não sabíamos quem eles eram, pois estávamos maravilhados com os viveres que há tanto tempo não víamos - todos os tipos de frutas secas e enlatadas e verduras. Mas a maior parte da carga era um número imenso de recipientes com uma espécie de substância flexível, que, segundo os Canopianos, servia para isolar nossas casas.

Não traziam alguma outra mensagem? Nada da parte de Johor, por exemplo? Não nos diriam em quanto tempo seríamos finalmente resgatados?

Não, nada desse teor - a esquadilha do espaço recebera ordens de nos entregar os mantimentos e isto tinha sido feito. Com isso, as naves levantaram voo e desapareceram no espaço.

O material para recobrir as casas era novidade para nós. Era muito espesso e macio, de fácil manipulação, e tudo o que tínhamos a fazer era formar conchas, coberturas e proteção para nossas casas. Tão leve o material que poucas pessoas facilmente o cortaram, ajustaram e depois ergueram as conchas protetoras sobre nossas moradias. Discutimos se convinha abrir janelas em cada carapaça, e resolvemos que não. A ventilação se restringiria ao abrir e fechar de portas. No interior das casas, a obscuridade era levemente iluminada com eletricidade, que quando conseguíamos, suplementávamos com líquens empapados de cera. Nosso mundo era agora escuro, escuro, cada vez mais escuro à medida que, acima, o céu se tornava mais espesso e cinzento. Acordávamos na escuridão abafada um pouco aquecida pelo contato dos corpos, acendíamos nossos pequenos pontos de luz, ou usávamos a fraquíssima corrente elétrica, e saíamos para um mundo que tinha um ligeiro sinal de claridade e de luz a uma grande distância, na direção do polo, onde às vezes divisávamos um pedacinho de azul. Por sobre a muralha cinzenta passavam os ventos pesados de neve. Agora, redemoinhos de neve brincavam e esfumaçavam na base do nosso lado do muro, e as tempestades eram frequentes. E cada rajada do vento uivante parecia nos afundar mais e mais na terra. Nem todas as nossas construções tinham sido recobertas com o material isolante. Em algumas de nossas cidades havia prédios de

cinco e até seis andares. (Sei que naturalmente isso nada significará para aqueles que vivem em planetas onde os prédios podem ser altos como rochedos e montanhas. Eu mesmo vi muitos deles.) Eram altos demais para que pudéssemos recobri-los. Algumas pessoas mais resistentes tinham resolvido permanecer neles, mas a cada tempestade de neve os andares se esvaziavam, um após o outro, restando, talvez, poucos moradores no térreo ou no primeiro andar. E os que haviam sido obrigados a abandonar suas moradias e locais de trabalho altos e desprotegidos reuniram-se mais abaixo. Depois tiveram de juntar famílias, grupos, ou clãs, que talvez dispusessem ainda de um pouco mais de espaço que outros. Assim agravando o problema da superpopulação... das tensões... dos ânimos sempre mais exaltados de todos. Que pioravam rapidamente. A colocação das pesadas coberturas sobre nossos lares aparentemente nos levava a um alto nível de irritação. De toda a parte vinham provas disso.

- Houve luta no outro lado do planeta.
- Luta? Alguém foi morto?
- Muitos. Muitos mesmo.
- Muitos foram mortos? Ora, então foram muitas brigas ao mesmo tempo?
- Tente compreender, grupos de pessoas entraram em luta.
- Grupos? Lutando uns contra os outros?
- Sim, grupos, o povo de uma cidade contra o de outra.
- Mas, por quê?
- Uma acusando a outra de ter agido mal.
- Eu não entendo!

Sim, foi assim que recebemos as notícias das nossas primeiras batalhas.

E essa incompreensão persistiu.

- Estão lutando lá adiante, entre as montanhas.
- Lutando? Quem? Para quê? Fomos invadidos? Inimigos vieram do céu?
- Não, não... O povo que vive logo depois daquelas colinas, você deve se lembrar, onde nossos jovens costumavam ir à procura de mulheres e maridos.

- Mas, como podem estar lutando? Por causa de quê?

E então diziam:

- Eles estão em guerra no vale adiante.
- *Guerra?*
- Sim, as cidades se dividiram em duas facções e estão permanentemente armadas uma contra a outra.
- Alguém foi morto?

E assim por diante. Durante longo tempo. Continuou até mesmo quando algo semelhante aconteceu entre nós. Famílias que há algum tempo vinham discutindo, no andar térreo de um dos prédios não protegidos, descobriram as aberturas de suas casas fechadas pela neve. Saíram e foram de casa em casa à procura de abrigo... e foram rechaçadas. Foram recusadas casa após casa até que se armaram com pedras, cajados e até os objetos para apanhar os animais do lago e invadiram uma habitação. E lá ficaram, um clã hostil e na defensiva instalado em uma parte da casa, com sentinelas permanentes para anunciar o menor sinal de retaliação. Dormiam e preparavam seu alimento, continuando a viver como um grupo. Habitavam um quarto grande e separado dos seus inimigos por uma única parede. Então, os que se julgavam ameaçados vieram com armas para expulsá-los, e conseguiram. Mais uma vez o clã sem abrigo foi de casa em casa, tentando forçar a entrada. Prosseguiram as escaramuças e lutas em diversas casas, em meio a severa nevasca, o que os impediu de distinguir quem era inimigo e quem era amigo. Então, quando forçaram a entrada,

invasores e invadidos lutaram na penumbra e na escuridão dos espaços internos. Nós, os Representantes, fomos chamados. O Representante da Habitação e Abrigo entrou na casa e insistiu para que o clã se dividisse, e em número de um ou dois os distribuiu entre as várias casas. Nunca antes tínhamos dividido um clã, deixado sozinha uma família. Compreendemos que significava para nós uma queda a mais rumo ao desconforto e até ao perigo. Pois o clã era nossa unidade básica, e o sentíamos como nossa força, nosso fundamento como povo. Mas não havia alternativa. Não podíamos construir novas moradas. Não tínhamos material. Podíamos apenas usar do melhor modo possível o que já possuíamos.

Não foi apenas a dispersão de alguns clãs que nos ameaçou nessa ocasião. Houve quase uma rebelião: o clã obedecera ao Representante, mas muito a contragosto. Podia ter recusado bem facilmente. Não tínhamos meios para fazer valer nossa vontade sobre outros, nunca havíamos pensado em nós mesmos como diferentes deles. Não tínhamos pensado em ter de obrigar indivíduos ou grupos a fazer o que os contrariasse. Nossa força residia toda no fato de sermos eleitos por eles para realizar o que sabíamos ser uma vontade geral, um consenso. Sem concordância não poderíamos agir. Se o grupo tivesse dito para o nosso Representante: - Não, não vamos obedecer! -, nada haveria que pudéssemos ter feito. Teria sido o fim de nossa forma de vida como um povo.

Nós todos sabíamos disso. E o temor de anarquia geral foi que levou finalmente o clã intruso a concordar em se dissolver e se retirar pacificamente, embora a contragosto, para novas casas.

Era uma época que logo recordaríamos como a da inocência, em que não tínhamos conhecido nossa boa sorte.

Nossa maior preocupação, porém, não era a crescente irritabilidade do nosso povo, e sim a ameaça do gelo, que guinchava e estalava, enquanto os blocos cada vez mais espessos pendiam em nossa direção, acumulando-se acima da muralha de modo que ela parecia uma montanha em movimento. Nós, os Representantes, fomos juntos até um lugar próximo da muralha, onde havia uma abertura na prateleira de gelo, e subimos com cuidado os degraus quebradiços e perigosos. A superfície da muralha tornara-se friável e estava se rachando continuamente numa poeira de gelo que podíamos raspar com a unha. Mas era só na superfície - assim esperávamos. Um de nós escorregou e caiu quase do topo da muralha, mas as camadas de neve eram grossas agora e ele não se machucou. Os degraus alargavam-se em pequeno espaço entre línguas de gelo que nos ameaçavam dos dois lados, e ficamos bem juntos uns dos outros, pois era difícil nos mantermos de pé. Um vento cortante uivava à nossa volta, fazendo rodopiar pequenas partículas de neve, tornando o ar pesado e nos impedindo de ver o horizonte. Abaixo de nós, nossa cidadezinha, que antes resplandecia, branca, por entre verdes parques e avenidas, quase não se via, pois as cinzentas cúpulas protetoras se confundiam com a tundra, de modo que vislumbrávamos apenas um aglomerado de bossas e protuberâncias que pareciam nascer da terra. Alguns prédios mais altos destacavam-se nítidos e escuros, mas sua parte superior fora destruída pelas nevascas, e tinham uma aparência estranha. Havia apenas ligeira movimentação nas ruas; algumas pessoas só saíam de casa por motivo estritamente necessário. Tinham-se transformado em uma população passiva e gregária, irritada com a inatividade, sombriamente paciente. Esperavam.

Esperavam pelo momento em que nós todos fôssemos erguidos e removidos daquela terra frígida e monótona para o paraíso de Rohanda. Agachados nas casas baixas, escuras e malcheirosas, onde qualquer esforço se tornara mais lento e difícil por causa do frio, esperavam. E, de pé lá no alto da montanha de gelo, perscrutávamos

o céu sombrio à procura de Canopus, das maravilhosas espaçonaves do nosso Criador e Salvador Canopus.

Onde estava Canopus? Por que tardava tanto, por que nos fazia esperar, sofrer, admirar e duvidar de nossa sobrevivência? Para destruir nossa crença em nós mesmos e neles? Por quê? Sim, eles nos tinham prevenido, tinham feito com que nos preparássemos, haviam ordenado a construção da muralha e nos ensinaram a mudar de hábitos - às vezes parecia como se fosse uma mudança em nosso próprio ser, no mais profundo do nosso ser - e haviam enviado através dos céus aquela maravilhosa substância que agasalhava cidades como se fossem pessoas. Mas não estávamos *a salvo*, não tínhamos sido resgatados, e por toda a parte nossos povos degeneravam e se tornavam ladrões, às vezes assassinos, e não parecia haver um fim para isso tudo.

Dissemos o que estávamos pensando, naquela manhã gelada, no topo do rochedo de gelo, nós, os Representantes... Éramos cinquenta, e cada atividade, dever ou trabalho a nosso cargo (o que ainda nos restava) foi ali delineado por nós. E juntos, enquanto olhávamos para os rostos apenas visíveis por trás dos pesados abrigos de pele, podíamos ver os múltiplos objetivos e usos dos velhos tempos, onde agora havia - repetidamente - Representante da Habitação e Abrigo, Representante da Alimentação, Representante da Conservação do Calor. E variações dessas necessidades básicas.

Pois estávamos mantendo, num esforço consciente, o conhecimento de nossas próprias possibilidades, nosso potencial para o futuro, tão amplamente demonstrado no passado. *Não éramos* apenas aqueles animais que tremiam de frio, preocupados somente em nos manter aquecidos, alimentados - não apenas o que podíamos ver agrupados ali, tentando não perder o equilíbrio, enquanto as rajadas de vento avançavam em nossa direção. Não, éramos ainda o que tínhamos sido e voltaríamos a ser... Mas onde estava Canopus que ia nos devolver a nós mesmos?

Mais uma vez demos a volta ao nosso planeta, agora ao pé da muralha ou rochedo, não em cima dele, já que isso não era mais possível, devido ao volume de gelo. Tropeçávamos em meio a blocos de neve ou pedaços de terra congelada, com olhos sempre voltados para a direita, no empenho de manter, tanto quanto possível, o sol à nossa frente - nosso pobre, enfraquecido e pálido sol, aparentemente quase a ponto de absorver nosso calor ao invés de nos aquecer e nos alimentar. Nossos olhos fixavam sempre a superfície da muralha, ou paredão de rocha, pois temíamos bastante que cedesse a qualquer momento. Mas até então, embora todo ele estivesse gretado e se esboroando, não apresentava grandes fendas. Estava aguentando. A viagem nos custou o dobro do tempo da outra, feita com Canopus, e estávamos enregelados e entorpecidos. Dormir... dormir... o refúgio da nossa mente e a necessidade de nos abandonarmos ao esquecimento era um tormento. Sentávamos muito juntos, logo que a luz desaparecia, em algum lugar onde as camadas de neve não fossem tão profundas, as costas contra a grande barreira, e comíamos nossa desagradável carne-seca sem gosto, ou raízes de juncos semi-congelados. E então dormíamos como se fôssemos um único organismo, - como se nossas individualidades ímpares e distintas se tivessem tornado uma outra carga, que devia ser posta de lado, como todo movimento desnecessário. Mas estávamos em movimento... e afastados de nossos povos sentíamos uma espécie de inquietação que nos levava a empreender esta viagem. Enquanto eles cochilavam e sonhavam, para fazer passar este longo tempo de espera, empilhados em suas casas escuras e geladas, nós ainda sentíamos certa necessidade de avançar de um lugar para outro, como se procurando encontrar algo que nos ajudasse.

Foi nessa viagem, enquanto nos aconchegávamos uns aos outros, quando a luz acabou, que um de nós - Marl, outrora especialista na criação de animais agora extintos - não se acomodou imediatamente ao nosso lado, mas, empilhou neve, com as mãos, mais alto, fazendo um quebra-ventos para maior conforto nosso. Marl sempre fora um homem forte e bem constituído, e mesmo agora conseguia movimentar-se ainda com alguma leveza e determinação, cada movimento seu sempre preciso, um prazer para os olhos. Nós o observávamos: vimos naquele rosto, emagrecido como o de todos os outros, uma concentração e um esforço que nos pôs de pé novamente, com determinação e autodisciplina. E naquela noite e nas seguintes erguemos paredes cada vez mais altas, e de modo que nos abrigamos dentro de um círculo de neve empilhada, que se adensava para dentro na parte de cima; e logo passávamos as noites dentro de cúpulas de neve compacta. Estas, nas noites mais calmas, permaneceram firmes em volta e acima de nós, mas, quando chegaram as nevascas foram levadas pelo vento. Assim aprendemos a comprimir a neve em blocos maciços, empilhando-os; e soubemos que tínhamos descoberto uma forma de construir uma espécie de habitação para nosso povo sem teto, que não podia mais morar nos altos prédios e que era tão mal acolhido nas casas superpovoadas. Masson, o chefe dos Representantes da Habitação e Abrigo, trabalhou durante toda a viagem, quase sempre com Marl, compactando blocos de neve, desta e daquela forma, usando pedaços de gelo como reforço, experimentando em fendas, e colocando-as em cima e embaixo - finalmente, construindo túneis curtos, que nos davam acesso às novas casas, evitando assim que o calor dos nossos corpos se perdesse.

Portanto, essa viagem alcançou mais do que a simples verificação de que nossa muralha permanecia firme e íntegra. E nos lembramos que esforço de qualquer espécie quase sempre gera como recompensa realizações e conhecimentos nunca antes imaginados. Voltamos, pois, para nossas cidades, resolvidos a despertar nossos entorpecidos povos para o trabalho - trabalho de quase qualquer espécie.

Eu, Marl e Klin - este último certa vez cultivara variedades deliciosas de frutas - e a moça Alsi fomos para todos os lados e entramos e saímos de residências exortando, falando, rogando.

Quantas vezes entrei num prédio escuro onde pequeno ponto de luz iluminava o que parecia um bando de animais dormindo no chão. Mas era gente nossa, metida -, *hem* dentro de peles de animais; e os rostos se erguiam relutantes de sob os braços, ou fora dos capuzes de pele, e os olhos me observavam, enquanto eu andava com passo decidido, tentando mostrar que ainda era possível nos movimentarmos vigorosamente. Os olhos moviam-se com lentidão, seu brilho a todo momento apagado pelo sono, e então percebi que cintilavam outra vez... Era como chegar, no crepúsculo, à encosta de um monte, onde um rebanho de nossos grandes animais tinham deitado para dormir e à nossa aproximação ergueram as cabeças e olharam a fim de verificar se corriam perigo e, depois, constatando não ser o caso, o brilho de muitos pares de olhos desaparecia novamente, enquanto eles viravam às grandes cabeças de pesados chifres para o outro lado. Oh, era tão abafado e desconfortável em nossas casas então! Como eu detestava ter de entrar nelas e ficar ali, tentando parecer alerta e cheio de vida, quando a atmosfera fétida, o torpor geral e o frio amorteciam minha mente, fazendo-me desejar apenas deitar com eles e dormir pelo resto da vida... até que Canopus chegasse.

- Canopus já chegou? - ouvia eu por toda parte, vindo desses cômodos malcheirosos, e o brado ansioso e urgente parecia ressoar em meus ouvidos o tempo todo, enquanto eu me entregava ao trabalho.

Conseguimos animar um número suficiente de jovens fortes para estender os abri-

gos e passagens até o lugar em que Alsi estava criando os animais da neve, o que cobria uma grande área perto da nossa cidade, e o sistema criado por Alsi já funcionava em todas as nossas cidades. Por serem animais do frio, eles não precisavam de muito abrigo. Arranjamos para eles algo como as cavernas das quais supúnhamos que tivessem se originado, feitas de pedra e carregadas de líquens e musgos. Os animais eram mantidos presos entre paredes feitas com a terra semi-congelada da tundra. Eram, agora, tão importante fonte de alimento, quanto os rebanhos dos grandes animais. Sua alimentação era um problema que não esperávamos resolver. Precisavam de matéria vegetal e essa necessidade competia com a nossa. Haviam aprendido a aceitar uma dieta de líquens, musgos e os novos tipos de plantas rasteiras, no momento a vegetação predominante no planeta. Mas isso era o que também estávamos comendo em sopas e cozidos variados, quando não conseguíamos suportar nem por um minuto a monotonia da carne. Mas o que esses animais nos davam era a carne... outra vez carne. Contudo, como pareciam precisar de tão pouco para se desenvolver, o que nos forneciam era muito mais do que uma dieta de líquens e plantas rasteiras amargas.

A criação desses animais era econômica, racional. Mas não gostávamos deles. Não sentíamos afeição por eles.

Criados no cativeiro, haviam se tornado lentos e pesados e sua brancura era prejudicada pela terra necessária e inevitável de seus viveiros e cavernas. Eu costumava observá-los ao lado de Alsi. Ela, a mais capaz e criativa tratadora de animais, não gostava desse trabalho. Quase sempre trazia uma expressão de tristeza naquele seu agradável rosto largo, e os olhos sobressaíam, brilhantes, do profundo capuz de pele, como se pedissem desculpas. Pelo quê? Eu sabia, e muito bem! Todos nós sabíamos. Quando Alsi, Klin, ou Marl, ou eu mesmo, mostrávamos certo ar defensivo ou de protesto, era sinal de que não gostávamos do que tínhamos de fazer!

O cativeiro também havia mudado a natureza daqueles animais. Eram desagradáveis e distantes e seus olhos azuis brilhantes e inexpressivos correspondiam ao nosso olhar com sua cara branca e suja. Mas em sua própria casa, que ocupava com irmãs e uma irmã, Alsi tinha dois deles como animais de estimação. E lá brincavam e saltavam para todos os lados, alegres e amorosos. Saudavam a chegada de qualquer um de nós com trinados de prazer e gostavam de se aninhar ou se enfiar por entre as dobras de um casaco ou echarpes, onde se deitavam piscando os suaves olhos azuis cheios de malícia e amizade. Tal era a verdadeira natureza dos animais que havíamos transformado em prisioneiros desagradáveis.

Às vezes eu saía sozinho quando ocorria uma queda moderada de neve e lá ficava, imóvel; logo percebia um leve disparar que não era de flocos de neve levados pelo vento ou caindo no solo. Olhando por algum tempo, firmando o olhar naquilo que esperava ver, esse levíssimo e vago movimento tomava forma, e lá estavam os animai-zinhos da neve, livres e selvagens, que pareciam se erguer, se abaixar e depois correr através da precipitação branca, bailando no meio da neve. Sim, eu vi isso: como eles corriam e eram transportados pelo ar, algumas vezes por longas distâncias, como pássaros se deixando levar pelas correntes de ar. E pousavam com mais leveza do que os pássaros; então, surgia outra vez o branco vulto emplumado bem acima do solo, à altura do meu próprio olhar. Numa fração de segundo, olhos azuis alertas e amistosos fixavam-se reluzindo nos meus, e, então, havia uma rápida virada de corpo, como a de um ser das águas e aquela coisa branca e suave se afastava a flutuar por entre as partículas brancas, esvoaçantes e leves. E já tinha estado com Alsi lá fora, fazendo o mesmo: refazendo-nos com esta delícia, este brinquedo suave e delicioso na neve, lembrando-nos da verdadeira natureza dos pobres animais que ha-

víamos aprisionado. Mas do que eles viviam? Havia poucos excrementos dos grandes pássaros que se alimentavam deles, e geralmente eram cobertos quase que imediatamente por novas quedas de neve. Os líquens nas rochas e as plantas tinham que ser retirados por nós de sob a neve. Alsi e eu chegamos a acreditar que os animaizinhos se alimentavam de neve; ou, se não acreditamos nisso, pelo menos nos divertimos com a ideia, reservando um lugarzinho em nossas mentes onde pudéssemos gozar da fantasia e da improbabilidade. Um lugar de repouso, revigorante para nós, que vivíamos em meio a uma necessidade excruciante que nos limitava e oprimia cada vez mais.

Então Canopus chegou. Canopus chegou finalmente. Foi Johor quem veio, mas o que vi primeiro foi um vulto alto, metido em roupas espessas, de pé, não muito longe dos viveiros e cavernas dos nossos animais da neve, examinando nossa cidade com uma vivacidade e um interesse que me fez dizer imediatamente: - Esse é um estrangeiro. - Pois qualquer espécie de vivacidade tinha de me chamar a atenção pelo ineditismo. Então, ele virou-se para mim e vi seu rosto moreno e saudável, já começando a ficar cinzento por causa dos flocos de neve sobre a pele e as sobrancelhas, e disse:

- Johor!

E ele exclamou:

- Doeg!

Nessa época eu dormia numa cúpula de neve, ou cabana de neve, deixando mais espaço livre para os outros, mas eu só a usava para dormir, não para passar tempo. Johor disse:

- Oh, está frio! Onde podemos conversar?

Perto do curral havia um comprido e baixo barracão, que Alsi usava para guardar o alimento e a palha dos animais, e eu disse:

- Ali dentro...

Eu já estava sentindo que minhas veementes esperanças de libertação estavam para ser aniquiladas, pois nada havia em sua atitude que me comunicasse: "Sim, agora tudo terminou, acabou-se a provação de vocês, vão ser libertados." Ao invés disso, havia uma reserva em sua atitude, um distanciamento e uma expressão em seus olhos que eu conhecia muito bem. Pois a vi muitas vezes, o bastante, entre nós mesmos, os Representantes. Johor sentia a pressão de paciência que nasce do espetáculo do sofrimento alheio, ciente de que nada do que se possa dizer poderá modificar o sofrimento, ciente de que você mesmo é parte do que eles experimentam como dor. Pois naturalmente, nós, os Representantes, tomando decisões, todas obrigatoriamente difíceis e com resultados opressivos, éramos considerados pelo povo como presenças incômodas. Fomos nós que dissemos: Não, ainda não. - Que dissemos: - Esperem. - Dissemos: - Não durmam o dia inteiro nos seus quartos escuros, animem-se, façam alguma coisa, trabalhem - não, procurem suportar o peso de sua consciência, de seu saber, não o desperdicem no sono. - Dissemos: - Assim é e assim deve ser... pelo menos por algum tempo. - E isto nada tinha a ver conosco como indivíduos, pois qualquer um que eles escolhessem para representá-los, nesta ou naquelas funções, deveria dizer: - Não. - E: - Isto é tudo o que há. - E: - Vocês devem passar sem isso.

Portanto, o que vi nos olhos de Johor foi o que eu via todos os dias, e que os outros viam nos meus. Já sabia que não existia nenhuma flotilha de embarcações de socorro à nossa espera, em algum ponto bem fora da minha linha de visão na tundra. Sabia que Johor tinha chegado até nós sozinho.

Perguntei, sabendo o que ele diria:

- Seu Viajante do Espaço? Ele disse com voz mansa:
- Mandei embora. Vou ficar com vocês por... bem pouco tempo.

Virei o rosto sabendo que ele não o poderia ver mergulhado na pele espessa, pois não podia esconder o que senti.

Entramos no barracão. Era comprido e baixo, com aberturas ao longo de uma parede que dava para as calhas onde era colocada a comida dos animais. Sacos de plantas ásperas e duras da tundra estavam empilhados e exalavam um cheiro forte e agradável. Sentei-me sobre um deles, deliciando-me com a frescura do lugar, e Johor sentou-se ao lado. Tirou dos bolsos algumas frutinhas vermelhas, que eu não conhecia, e estendeu-as para mim. Minhas mãos se adiantaram como se eu fosse agarrar e roubar, e, vendo-as assim, não pude deixar de me horrorizar comigo mesmo e desviei o rosto. Aquele gesto instintivo disse bem claramente o que nós todos éramos naquele momento, a que ponto tínhamos chegado, e, naturalmente, Johor compreendeu.

Agora ele empurrava para trás o capuz e eu o vi claramente. Não tinha mudado, e era um prazer para mim contemplar-lhe o brilho saudável da pele morena, a alerta vivacidade dos olhos sadios. Eu sabia que ele bebia com os olhos aquela visão, compreendia o que tais palavras queriam dizer. Endireitei a cabeça e abri o pesado casaco, e os olhos de Johor puderam ler o que meu rosto revelava.

Ele fez um gesto de assentimento e suspirou.

Eu disse:

- Se vocês não têm uma frota de Viajantes do Espaço, então não há suprimento de alimento fresco.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

- E, ainda assim não vamos ser removidos daqui imediatamente?

Inclinei-me conscientemente para a frente perscrutando-lhe o rosto, e Johor permaneceu imóvel, deixando-me examinar seu rosto e seus olhos.

- Não vamos ser removidos daqui - disse eu, afinal, e ouvi quando minhas palavras ecoaram no gélido silêncio, cada qual parecendo penetrar no ar, como se o próprio ar as repelisse - a essência das minhas palavras estava sendo rejeitada pelo ar, e eis o que eu sentia: 'Se minhas palavras são verdadeiras, então *o que* as está rejeitando?'

- O que aconteceu? - perguntei por fim, e minha voz soou descontrolada e furiosa.

Johor tentou falar e não conseguiu. Eu disse:

- Existe um paraíso em algum lugar, nós o vemos quando erguemos os olhos para fora deste lugar sórdido, nós o vemos cintilar em nosso céu gelado, ou melhor, vemos a mãe dele, uma estrela fértil. Rohanda será o nosso lar, Rohanda, a generosa. Rohanda, o planeta onde tudo frutifica e onde uma raça humana está sendo desenvolvida como plantas particularmente repletas de promessas, criada por Canopus para um dia ser nossa anfitriã, pois os pobres habitantes do Planeta 8, também criados por Canopus, feitos, cultivados e alimentados por Canopus a fim de que eles e nós possamos nos reunir e fazer de Rohanda um planeta que encherá o próprio Canopus de espanto e admiração. Naquele belo planeta esperam até hoje por nós oceanos mornos, campos ensolarados e florestas agradáveis cheias de frutos, e colinas onde o grão é dourado, branco e de um verde cheio de vida, enquanto os ventos suaves se agitam. Em Rohanda há armazéns cheios de roupas leves e macias e de comida leve e fresca e, tudo, tudo, tudo que contemplarmos há de ser colorido, viveremos outra vez entre as cores das coisas vivas, veremos as tonalidades infinitas do verde, do amarelo e do vermelho... nossos olhos se alimentarão novamente do escarlata, do ouro e do púrpura, e quando mergulharmos o olhar nas profundezas do céu, nossos olhos se encherão de azul, azul, azul, de modo que, quando nos olhar-

mos nos olhos não mais veremos o insano fulgor branco, toda cor sugada pela brancura, o branco, o branco, sempre o branco, ou o cinza, ou o marrom... hem, Canopus? Foi isso o que veio nos dizer?

- Não - respondeu ele, afinal.

- Muito bem. E como está Rohanda? Fizeram planos para que outra espécie, outra das suas criações genéticas se aproveite dele?

- Canopus cumpre sua palavra - disse ele, mas sua voz me pareceu bem estranha.

- Quando pode? - perguntei.

- Quando pode.

- Muito bem, e então?

- Rohanda... sofreu o mesmo destino que o Planeta 8, embora não com tanta violência nem tão subitamente.

- Rohanda não é mais belo e fértil?

- Rohanda é... Shikasta, o derrotado, o sofredor.

Agora eu começava a perceber, todo o meu ser começava a absorver o que ele dizia, e controlei minha indignação, minha rejeição selvagem contra o que ele estava me dizendo. Ali, sentado entre as peles espessas, ouvi um brado agudo sair de dentro de mim - o mesmo brado das populações quando nos postamos em volta do lago, do nosso lugar sagrado, e elas compreenderam que o íamos destruir.

Não consegui reter o lamento, não imediatamente, não por desejar fazê-lo, porque estava pensando nos milhares de abrigos escuros e baixos espalhados por todo o nosso pequeno mundo, onde nosso povo se amontoava como animais, sonhando com dias ensolarados e brisas suaves - sonhando com Rohanda e com a nossa regeneração.

Johor não se afastou, não me poupou e nem a si mesmo. Ficou ali sentado, bem perto, o rosto aberto para os meus olhos.

E quando finalmente eu fiquei em silêncio, ele disse:

- E Canopus mantém a sua palavra.

- Quando vocês podem.

- Se não de um modo, de outro.

Eu sabia que as implicações dessas palavras eram profundas demais para mim. As palavras tinham aquele som especial das palavras quando pela primeira vez nos apresentam verdades com as quais vamos ter de conviver... por bem ou por mal! Oh, sim, eu estava ouvindo, e sabia disso, o oferecimento de novas possibilidades de crescimento para mim. Possibilidades a que eu ia ter de aspirar... de procurar alcançar... *de aceitar*.

Mas a indignação dolorida ainda se avolumava e me dominava, e eu disse:

- No outro lado do planeta, em Mandeí, a grande cidade, na qual poderíamos emergir se nos fosse possível escavar diretamente daqui até lá, está havendo uma guerra civil. Estão se matando. Os mortos empilham-se formando verdadeiras montanhas em volta da cidade, porque não há como enterrá-los no solo gelado, e não há como queimá-los, pois não temos combustível. Os vivos - se é que se pode chamar de vivos - continuam com seus afazeres, cercados por pilhas de seus mortos. E esse povo até há pouco tempo não tinha uma palavra para significar assassinato. Ou guerra.

Ele suspirou... e sofreu. Mas não desviou o rosto.

- Como vamos dizer a eles, Johor? Não respondeu.

- Você vai dizer a eles... você, Canopus?... Não, esse não é o seu método. Você vai ficar conosco por algum tempo, e logo, nós, os Representantes, vamos perceber o que todos já sabem, sem sabermos como aconteceu.

Fiquei em silêncio por um longo tempo, pois minha mente parecia pronta a se abrir para algo - sentia a pressão de uma grande verdade fervilhando lá bem no interior dela.

- Johor, o que é que preciso compreender?

- Já pensou no que significa ser um Representante?

- Acha então que não passei noites em claro pensando nisso, pensando e conjecturando? Claro que sim. Minha vida não tem sido outra coisa! Estarei agindo da melhor forma, tomando as decisões melhores e mais acertadas, trabalhando como devo e direito com os outros Representantes, representando-os quando eles...

Então minha mente recolheu-se outra vez num local onde a verdade estava esperando por mim.

- Como eles me representam? - perguntei finalmente.

- Como foi que se tornou Representante? Quando foi? Você se lembra?

- Por estranho que pareça, só recentemente me fiz essa pergunta. E não é fácil dizer exatamente quando foi. Mas acho que foi quando vários jovens, eu entre eles, foram designados para trabalhar em uma nova seção da muralha. Tínhamos de cavar a terra para fazer os alicerces. Éramos vinte, mais ou menos. Bem, eu me tornei o porta-voz do grupo.

- Sim, mas como?

- Isso é que é difícil de dizer. Creio que se deveu a uma série de oportunidades. Qualquer um de nós poderia ter sido o porta-voz, e em épocas diversas todos eles foram.

- Qualquer um deles poderia ter representado os outros?

- Sim, acho que sim.

- E vocês foram Masson durante aquele tempo?

- Não, não ainda - Masson estava nos orientando. Naquele tempo Masson eram muitos, porque precisávamos construir a muralha. Nós, os jovens, éramos aprendizes de Masson. Klin e Marl estavam lá também, mas isso foi antes de se tornarem Klin e Marl. Usávamos ainda nossos nomes de família. Não havíamos ingressado no mundo adulto, não sentíamos ainda nenhuma pressão para que escolhêssemos nossos nomes de adulto. A outra vez em que agi como representante foi durante a colheita, mas estávamos nos revezando para falar por todos e para distribuir o trabalho. E assim prosseguiu. Fiz toda a espécie de trabalho, exatamente como todos os outros. E todos nós, em diversas épocas, fomos Representantes.

- Contudo, alguns desses jovens cresceram e se tornaram Representantes e outros não?

- Sim. Tenho pensado nisso. E estranho, pois não consigo achar que os que não se tornaram sejam tão diferentes. Quanto a mim mesmo, não me via naquele tempo como uma pessoa que viria a se tornar um Representante. Creio que só depois de me tornar Doeg passei a ser realmente um Representante. Klin, Marl e eu fomos levados por Canopus ao Planeta 10. Não recebemos uma instrução formal, mas fomos levados a toda parte para ver como o seu povo vivia e de que forma diferente as coisas eram feitas ali. Você diz ser o povo do Planeta 10 que estava instruindo os rohandanos, antes de tudo degradingolar por lá. Mas quando visitamos o Planeta 10 não sabíamos que havia alguma ligação especial entre nós e aquele povo, ou que podia ter havido. Mas naturalmente, verificamos que era muito mais adiantado do que nós. E quando nós três voltamos do Planeta 10, éramos todos Doeg, pois então começamos a viajar pelo nosso planeta e contamos o que tínhamos visto. E todos se maravilharam - pois antes esse povo não havia sido levado de nosso planeta para outros lugares. Gostaria de saber por que nos escolheu, Johor. Lembro-me de ter pensado nisso

naquela época. Pois não éramos em nada diferentes dos outros. Talvez tenhamos os três feito mais tipos de trabalho do que os demais, mas não tanto assim. Não, quando falamos a esse respeito, porque naturalmente discutimos o assunto entre nós e chegamos à conclusão de que tínhamos sido escolhidos por sermos tipos comuns. E mantivemos essa opinião quando voltamos e iniciamos um período de nove dias de assombro com nossas histórias maravilhosas... E então pela primeira vez notei que sempre que alguém está contando alguma coisa feita, vista ou experimentada, isso vira história, fábula... de qualquer modo, nosso povo ouvia como se fosse uma fábula ou lenda. Mas basta dizer "fomos levados a esta ou àquela cidade, em tal hora, e fomos recebidos por...", e imediatamente forma-se algo maravilhoso em torno, e todos querem saber o que vai acontecer depois! Isso é válido, mesmo quando se está contando algo perfeitamente comum, quanto mais em relação a um novo planeta. Desde então, permaneci Doeg quase o tempo todo, mas não Klin e Marl. Embora eu tenha sido Klin, Marl, Pedug e Masson sempre que necessário. Mas acho que sou Doeg por natureza.

- E quando você foi um dos cinco Representantes dos Representantes?

- Oh, isso foi por conveniência, por acaso... sim, as pessoas são escolhidas quase ao acaso.

- Qualquer Representante pode representar todos os outros?

- Pode! Você sabe disso! Você sabe tudo o que estou dizendo... bem, compreendo que devo dizer a mim mesmo o que sei... mas estamos aqui sentados, conversando, você e eu, nós dois, e você estimula, me faz dizer coisas que eu acho importantes... A não ser que espere que eu não o leve a sério quando me faz perguntas. Devo ignorá-las, porque você já conhece as respostas? Representante Doeg, quem você representa? E o que você é?

Diante disso, ele inclinou-se para a frente, olhando fixamente o meu rosto, mas o sentimento que então me assaltou desfez um momento que me poderia ter poupado tanto interrogatório, e tanta dor. Enfim, não devemos acelerar certos processos em nós mesmos: eles têm de seguir seu curso normal, e, na maioria das vezes, sem nossa ajuda ativa ou consciente.

Eu estava pensando nos nossos pobres povos; a dor do seu destino invadiu-me, o desperdício dele, o desperdício...

Johor comentou secamente:

- Este é um universo rico e generoso.

- Quer dizer, pode permitir a morte de alguns milhões de pessoas?

- A morte é algo novo para vocês? Só agora vocês começam a meditar sobre a morte... o que ela significa?

- Está dizendo que a morte de pessoas velhas, que viveram suas vidas, e que fizeram uso delas é o mesmo que a morte que temos de enfrentar agora?

- Crianças, jovens e mesmo crianças nunca morreram por aqui? Só tiveram de render-se à morte dos idosos?

- Não pode estar dizendo que não importa se a população de um planeta inteiro tiver de morrer... toda uma espécie?

- Eu não disse que não importa. Nem que nós, Canopus, não sofremos com o que está acontecendo. Nem mesmo, Doeg, que não tenhamos feito tudo para evitar que acontecesse. Nem que não estejamos...

Mas a indignação fez com que eu o interrompesse.

- Mas não são capazes de retirar deste planeta, através do espaço, seus milhões de pessoas condenadas?

Será que não têm em algum lugar um pequeno planeta desprezado, que possam

nos dar, para que o possamos utilizar, desenvolver e tornar fértil? Não temos nenhuma utilidade para vocês?

- Está realmente perguntando, Doeg? Muito bem, vou considerar como perguntas... porém, pergunte a você mesmo, segundo a sua experiência. Canopus alguma vez fez uso de retórica? Não, não podemos retirar toda a sua população do Planeta 8. Não temos os recursos...

Mais uma vez, completamente tomado de indignação, não o deixei prosseguir e exclamei:

- Não têm recursos! Ou está dizendo que alguns de nós serão retirados, deixando os outros por conta de seu próprio destino? Se é isso que está dizendo, então, quanto a mim, recusarei! Não quero ser salvo à custa dos outros! E sei que todos os Representantes dirão o mesmo! Não passamos nossas vidas trabalhando para o nosso povo, representando o nosso povo, *sendo* o nosso povo, apenas para abandoná-lo no final...

Minha mente escureceu nesse ponto e por longo tempo. Senti que muito tempo tinha se passado quando voltei a mim e me vi ainda sentado ali, no barracão frio, em frente de Johor, que esperava pacientemente. i

Seus olhos perscrutavam atentamente os meus, o meu rosto.

O que tinha acontecido dentro de mim durante aquele longo e escuro espaço de tempo deixou-me impossibilitado de desafiá-lo com a revolta e a fúria anteriores. Depois de algum tempo, porém, ouvi minha própria voz dizer debilmente:

- É estranho o que você disse, que Canopus não tem recursos para isto ou aquilo... Sempre os consideramos todo-poderosos, capazes de fazer o que bem quisessem. Jamais imaginamos que pudesse haver limites para vocês. Limitados pelo quê, Johor? - E eu mesmo respondi: - Vocês são a criação e as criaturas de alguma coisa, de algum Ser, em relação ao qual estão nas mesmas condições que estamos para vocês?... Sim, deve ser isso. Mas jamais pensei nisso antes... E vocês não podem transcender suas fronteiras, como não podemos transcender as nossas... - E então a raiva novamente se apossou de mim. - Mas Canopus não se viu de repente na situação de centro de súbito desastre cósmico! Seu planeta... ou serão planetas?... será que a sua estrela alimenta mais de um dependente? *Seu* planeta não se viu subitamente, quase da noite para o dia, destruído e condenado por algum movimento de estrelas tão distantes, que vocês provavelmente nem sabiam que existiam, a que nem chegaram a nomear?

Ele disse gentilmente, com bom humor:

- Bem, ainda não. Mas, você sabe, isso poderia ter acontecido conosco, como aconteceu com vocês.

- E com Rohanda.

- E com Rohanda.

Aqui, ao dizer esse nome, Johor deixou escapar um suspiro tão profundo e doloroso que não me contive e exclamei:

- Ah, Johor, gostaria de saber se suspira e sofre por nós, Planeta 8, como vejo que sofre por Rohanda. Preocupa-se tanto com ele? É assim tão mais belo do que este é... era? Quando fala com outras pessoas, talvez com seus iguais, em Canopus, será que suspira como suspirou agora ao mencionar Rohanda, quando alguém diz "Planeta 8"?

Ele respondeu:

- É verdade que neste momento estou sofrendo por Rohanda. Acabo de vir de lá. É doloroso ver algo tão saudável, tão bom e tão promissor como Rohanda perder o impulso, a direção.

- Pior do que nos ver nas mesmas condições?
- Você esquece que o futuro de seu planeta seria o futuro de Rohanda! Enviamos para Rohanda colonizadores especialmente preparados e admiráveis do Planeta 10, para uma síntese com uma espécie que estávamos desenvolvendo até certo nível, para que vocês, deste planeta, pudessem fazer uma síntese com eles, tornando-se algo realmente extraordinário. Era o que esperávamos...

Eu disse:

- Vocês estavam planejando remover nossa gente para Rohanda. Vocês têm recursos e intenção de fazer *isso*... mas não para nos salvar agora.
- Não há para onde possamos levar vocês. Nossa economia é rigorosamente equilibrada. Nosso império não é governado aleatoriamente, nem obra de decisões de governantes egoístas ou de um desenvolvimento desregrado da nossa tecnologia. Não, há muito tempo saímos do barbarismo. Nosso crescimento, nossa existência, *o que somos* é uma união, uma unidade, um todo... uma organização como, até onde se conhece, não existe igual em nossa galáxia.
- Então somos vítimas da sua perfeição!
- Perfeição não é a palavra que já tenhamos alguma vez usado para nós mesmos, nem em pensamento... essa palavra pertence somente... a algo^mais alto.
- De qualquer modo, vítimas.

Eu disse essas palavras asperamente, com frieza e com determinação. Não me sentia capaz de continuar a conversa. Sentia um cansaço tal, que já se tornara familiar - como se cada movimento, cada palavra, até mesmo um pensamento que me viesse à cabeça fossem pesados e difíceis demais. Eu precisava dormir.

- Se precisar de privacidade, pode usar minha caverna de gelo - disse eu. - Mas eu preciso dormir... preciso... preciso...

Encolhi-me entre minhas peles grossas, empurrei para o lado dele uma manta de carnes-secas, e vi quando Johor tirou um pedaço e provou, não com prazer, mas sem dúvida com interesse. - Canopus ia se *interessar* por tudo o que acontecesse, tinha de ser assim, por sua natureza- mesmo que se tratasse da morte de um planeta...

Acordei consciente de estar acordado: *estou aqui, neste calor pesado de peles e pelos* Compreendia que, quando, nos dias mais felizes, eu acordava pensando assim: *Esta é minha condição, aquilo foi o meu sono, devo agora mergulhar nesta ou naquela atividade*, jamais o fazia com esta clareza, esta urgência.

A facilidade da nossa antiga vida sensitiva não exigia de nós uma certa espécie de auto-conscientização Agora, eu surgia por entre as camadas do sono e meu corpo estava protegido pelo calor, como deveria ter sido nas águas mornas da nossa vida antiga, e minha mente estava solta e livre também, embora soubesse que logo a tensão e a dor da nossa vida deveriam começar. Imaginei se era assim que nossos imensos e peludos animais acordavam em uma colina semi-congelada, músculos e ossos relaxados dentro da proteção das peles grossas e quentes. Sentiriam, ao erguerem as cabeças, os olhos se abrindo num redemoinho de flocos de neve, que num momento o esforço ia percorrer seus membros desajeitados, obrigando-os a ficarem de pé e ao trabalho de se manter alimentados e abastecidos... mas enquanto isso, ainda deitados, flutuavam no sono e nas boas lembranças trazidas por ele... precisariam, porém, se levantar, os cascos escorregando nas rochas e nos cascalhos, e seus dentes raspariam nas superfícies das pedras desagradavelmente frias atrás dos líquens, e os focinhos macios teriam de empurrar a neve solta para alcançar a terra que é meio vegetal, o nutrimento que se acumula, pesado e incômodo, no estômago? Eu era um animal com eles, dentro de pele de animal, pensando em alimento de animal, e tão intensa era minha identificação com eles, que, ao sentir o ar frio pe-

netrando através das camadas de pele sobre meu ombro, quase pensei ser o vento. Virei a cabeça e vi Johor entrar silenciosamente por uma porta que ele mal entreebriu, fechando-a imediatamente por causa do frio.

Ele se sentou sobre um monte de urze seca e olhou para mim. Fechei os olhos rapidamente, pois não me sentia preparado ainda para o esforço de enfrentar sua mente.

- Está havendo uma nevasca - disse ele, pois sabia que eu estava acordado. - Não há ninguém lá fora. Fui de casa em casa, pela cidade, e em cada uma todos estão deitados assim como você, calados e imóveis e ainda enfiados em camadas de peles.

Eu estava olhando para o teto: uma boa quantidade de urze sobre a qual haviam sido empilhadas grama e terra, Havia um brilho de geada sobre a urze e as pedras das paredes.

- E enquanto você ficava lá parado nas entradas - disse eu -, via cabeças se erguerem, uma depois da outra, os olhos brilharem na sua direção, e depois se apagarem, quando as cabeças voltavam a cair no sono.

- Sim. De volta ao sono.

- De volta às trevas das quais todos nós viemos.

- De volta à luz da qual todos nós viemos.

- Não tenho sonhado com a luz, Johor! Acordo como se viesse de...

- Do quê?

- De algo doce e maravilhoso... sei disso. Alguma coisa que desejo ardentemente.

- A luz. Um mundo resplendente de luz, todo ele uma maravilha cintilante... onde brilham as cores que você tanto deseja ver... o mundo de onde você veio.

- É o que você diz, Johor.

- E para onde voltará.

- Ah, mas quando, quando, quando...?

- Quando merecê-lo, Doeg - disse ele, suavemente, mas com intensidade bastante para me fazer mover no interior das peles, espreguiçar-me, e assumir a carga dos meus membros que se recusavam a me suportar o peso... o peso de viver. O peso do pensar...

Sentei-me com esforço e olhei para ele.

- E eles - disse eu -, essa pobre gente amontoada por aí, sonhando com paraísos falsamente prometidos, como farão para merecê-lo? Como alcançarão a luz, afinal... onde quer que ela esteja, pois isso você ainda não me disse, Johor.

Ele me olhou com ar severo e disse:

- Representante Doeg, quando você jaz ali, sonhando, imagina que seus sonhos são só seus, imagina que cria sonhos que são exclusivamente seus? Acredita que quando volta a si mesmo de um mundo de sonhos, que pensa não partilhar com ninguém, essa sua consciência de si mesmo, este sentimento de *eu estou aqui, Doeg está aqui...* pertencem unicamente a você e a mais ninguém? A medida que desperta, sentindo que *isto é Doeg, esta é a sensação do meu eu, Doeg* -, quantos estão no mesmo instante despertando por todo o planeta, pensando: *Isto sou eu, esta é a sensação do meu eu?*

Era amargo para mim abandonar aquele lugarzinho onde podia descansar, refugiar-me no pensamento *de Isto sou eu, eu, Doeg...* e resisti. Eu disse:

- Não faz muito tempo eu era uma criatura esbelta, de pele morena, ágil, que acordava todas as manhãs pensando: logo vou sair para o sol que desenhará brilhos de cor na minha pele, e o ar vai entrar e sair dos meus pulmões com a suavidade de um bálsamo... esse era eu então, esse era Doeg. Agora, sou uma criatura atarracada, pesada e suja, de pele morena acinzentada e sem brilho. Mas ainda sou Doeg,

Johor... essa sensação permaneceu... e você agora diz que eu devo abandoná-la também. Muito bem, não sou o elegante e belo animal que fui e não sou este monte desajeitado. Mas ainda acordo do meu sono e sinto: *aqui estou eu*. Eu me reconheço. *Sou eu quem está deitado aqui, depois de tantas jornadas e aventuras no meu sono.*

- Seu sono compartilhado.
- Meu despertar compartilhado. Muito bem, então, Johor, ao que devo me apegar nesta... nevasca que está levando tudo, tudo, tudo...
- Lembra-se de como nós, Canopus, viemos a vocês e os instruímos para que fossem o que são, para fazer o seu mundo?
- Sim, foi pouco antes de vocês virem a nós com a ordem de construir... a muralha que nos protegeria do gelo.
- Que os protegeu e os protege do gelo.
- Que deveria ter cedido há muito tempo, pondo um fim a este longo desânimo e tormento.
- Não.
- Por que há ainda algo a ser feito? O quê? Você fez essa longa viagem até aqui desde o seu lugar na galáxia, mandou embora o seu Viajante, e agora senta-se comigo aqui neste barracão e...
- E então, Representante?
- O que é que eu represento, Johor?
- Lembra-se do que lhe ensinamos?

Sentei-me ereto no meu ninho e aconcheguei as grossas cobertas em volta do corpo e da cabeça, deixando apenas o rosto à mostra. O rosto de Johor, perto do meu, revelava-se sob o capuz.

- Lembro-me quando pela primeira vez compreendemos que vocês estavam nos ensinando algo de uma forma como jamais nos haviam ensinado... diretamente. Vocês pediram que todos nós subíssemos as colinas, no outro lado da muralha, e escolhêssemos um lugar onde o solo se erguia em toda volta. Todos nos reunimos lá, todos nós, os habitantes da cidade e das redondezas. Vocês nos pediram para levarmos um dos animais, agora extintos, que pretendíamos matar para comer. Vocês nos disseram para matá-lo antes da chegada do povo e nós, os Representantes, ficamos satisfeitos por não se associar o ato de matar com a presença de vocês, pois, embora não fizéssemos segredo do que havia por trás do hábito de comermos carne, procuramos ver que não havia motivo para insistirmos nisso tudo: os abatedouros, a preparação da carne. Pois quando nós, os Representantes, precisávamos, juntos, discutir esse fato, sempre encontrávamos, por alguma razão, em nós mesmos certa relutância, certo temor a tudo que se relacionasse com esse negócio de matança de outros animais. Sempre nos pareceu haver terreno perigoso aqui. Algo que poderia pegar e difundir-se. Contudo, não nos lembramos de ter ouvido Canopus dizer qualquer coisa a respeito.

- Uma das quatro espécies usadas para criar vocês tinha certa tendência para matar. Alguns de nós, em Canopus, não queríamos fazer uso desse material, mas outros o usaram, pois era, e ainda é, uma espécie fisicamente forte, resistente, capaz de suportar adversidades.

- Quando estávamos nas colinas olhando para aquele antílope morto lá embaixo, e meu velho amigo Marl empunhou a faca para abrir o animal, tive frêmitos de comoção e tive medo de chamar isso de prazer, mas sabia que era. E quando o antílope foi aberto do pescoço à cauda e as entranhas despencaram, senti o quanto seria fácil enfiar minhas mãos naquela massa e então...

Uma névoa vermelha atravessou minha mente e, quando desapareceu, os galhos cheios de geada no telhado, as pedras cinzentas, o rosto angustiado de Johor me pareceram ainda mais pobres e mais feios.

- Tem razão - disse ele -, fez bem em ser cuidadoso.

- No entanto, vocês nos chamaram lá para assistirmos ao sacrifício daquele animal. Ficamos de pé sob um sol quente, e o vento nos trazia os perfumes fortes do lago, e vimos as entranhas amontoadas lá, com o fígado, o coração e os outros órgãos, a cabeça, a cauda e a pele juntas, e os ossos despojados como os galhos de uma árvore. E, inquietos, nos movimentávamos por ali nas colinas, farejando o cheiro do sangue que parecia parte das nossas lembranças, e então você se afastou de nós e ficou bem no meio daqueles pedaços sangrentos de carne e osso. E você nos disse: "Estão todos tentando imaginar para onde foi o animal - a parte real dele, a que vocês conhecem. Onde estão seu encanto, sua mansidão, sua graça, seu jeito de andar que agrada a vocês. Todos vocês sabem que o que jaz aqui não é o que é real acerca deste animal morto. Olhando para essas colinas, onde o vento está ondulando a relva e branqueando os arbustos, vemos o mesmo espírito que era a realidade deste animal morto - vemos o movimento, o frescor, o prazer. E quando olhamos agora para as nuvens que brincam lá em cima - vemos a realidade do animal. E quando olhamos uns para os outros e vemos como somos belos, vemos mais uma vez o animal, tudo o que era agradável e íntegro nele..." E assim você falou, Johor, por muito tempo, até parar de falar de beleza e graça. Então, inclinou-se sobre as pilhas de carne e ossos, tomou o coração do animal nas mãos nuas, e disse que cada um de nós era um conjunto de coração, fígado, rins, entranhas, ossos, e que cada um desses órgãos forma um todo e tem consciência de si mesmo. "O coração sabe que é um coração e sente-se como tal. Assim também o fígado e cada órgão dentro de cada animal, dentro de cada um de vocês. Vocês são um conjunto, uma combinação de pequenos itens, todos entidades, cada qual sentindo a própria identidade, dizendo para si mesmo: 'aqui estou!', exatamente como vocês fazem nos momentos em que tomam consciência do que são. Mas esse conjunto de coração, pulmões, pele, sangue, tão bem encaixados dentro de uma pele, é um todo, é uma criatura..." E você nos fez rir, Johor, ali naquela bela manhã, que relembro em termos de colorido, colorido: azuis e verdes, vermelhos suaves e amarelos... quando disse que um fígado talvez se considerasse o melhor e mais importante órgão do corpo, assim como o coração, e o sangue também, e que talvez eles até mesmo acreditassem que um corpo é feito só de coração, ou só de fígado, ou talvez só de sangue... Sim, lembro como rimos. E foi assim que terminou a lição. E na visita seguinte de Canopus, você nos trouxe os instrumentos para ver as coisas muito pequenas e por muito tempo cada um de nós, até as crianças pequeninas, estudamos o muito pequeno através desses instrumentos.

- E que lembrança você guardou daquela ocasião? O que o marcou mais? A visão desagradável dos órgãos sanguinolentos espalhados pelo chão e a pena que sentiu do animal?

- Não. O modo como nos ensinou a procurar o encanto e a rapidez dos animais em toda parte: no movimento da água, ou nos desenhos formados por bandos de pássaros quando revoavam, mergulhavam ou ondulavam pelo céu.

Assi esgueirou-se rapidamente barracão adentro, abrindo a porta o mínimo possível. Ela parecia pesada e morosa com a carapaça de peles. Ainda assim, sorriu para nós dois e começou o trabalho de enfiar urzes, líquens e cascas de árvores através das aberturas nas gaiolas dos animais da neve. Levou um tempo enorme e eu me lembrei de quão rápida ela já tinha sido. Quando terminou, pôs-se diante de nós

dois, abriu o pesado casaco e vimos ali o focinhozinho confiante de um dos seus bichos de estimação e seus brilhantes olhos azuis. Ela o acariciou de um jeito que revelava o quanto precisava desse contato com algo realmente vivo e animado, e disse:

- Os Representantes do Lago dizem que restam poucas criaturas nele.

- Não se preocupe - disse eu, enquanto Johor não se manifestava. - Não vamos precisar mais de muito alimento.

Ela assentiu com a cabeça, pois já começava a compreender o que estava acontecendo. Depois, anunciou:

- Temos agora notícias de muitas cidades e aldeias, de que o povo resolveu não comer, mas deixar-se morrer.

Johor falou:

- Por favor, reúna todos os que estiverem dispostos e vão a esses lugares com a seguinte mensagem: Canopus pede que se mantenham vivos pelo maior tempo possível. Digam que é necessário.

- É necessário?

- É.

- Mesmo sabendo que vamos morrer em breve?

Era apenas uma leve censura, e Alsi achou difícil encarar Johor. Mas o fez, e sua expressão de espanto foi tal que ele se sentiu atingido - e pude perceber que ele mudou de posição dentro das peles pesadas, como se preparando para carregar um fardo. Alsi era uma criatura tão honesta e direta, tão forte, tão boa... e não se tinha deixado de forma alguma dominar pela lassidão e pela indiferença generalizada.

- Há mais de uma forma de morrer - retrucou ele, suavemente.

Olhou-a direto nos olhos. Alsi retribuiu o olhar. Naquele momento, portas invisíveis pareceram querer se abrir, querer introduzir verdades, um novo conhecimento... Pude sentir tais pressões em mim mesmo. Eu observava aqueles olhos, que com tanta bravura enfrentavam Johor. Enquanto isso, ela continuava a acariciar a cabeça do seu amiguinho, que lhe erguia os olhos cheios de incrível confiança.

- Muito bem - disse Alsi. - Vou providenciar para que todos recebam a mensagem.

E Johor fez um gesto de assentimento que significava: "Sim, posso contar com você." Ela saiu rapidamente outra vez, se esgueirando, enquanto deixava entrar o rugido da tempestade lá fora e uma rajada de flocos brancos que não derreteu, mas se acumulou num determinado ponto do chão de pedra, perto da porta.

Observei para Johor:

- É mais fácil suportar a notícia da morte de milhões de pessoas do que pensar que Alsi vai morrer à míngua em meio àquela pilha de peles malcheirosas. Detesto isso em mim, Johor. Jamais pude aceitar essa parcialidade em nós.

- Está se queixando de que nós a fizemos inadequadamente - observou ele, não sem algum humor.

- Sim, acho que sim. Não posso deixar de achar. Jamais consegui me acostumar à ideia de ver alguém chorar e sofrer agonias por causa da morte de uma pessoa muito chegada, mas não reagir absolutamente a alguma calamidade ou perigo generalizado, sem sentir estar diante de terrível falha, alguma falha muito profunda.

- Esquece que não esperávamos que passassem por esta dura prova.

- Ah, Canopus, vocês realmente esperam demais de nós, pobres criaturas despreparadas para o que é necessário.

- E, contudo, quando Alsi ficou ali ainda há pouco e aceitou, tão bem e com tanta bravura o que eu lhe pedi, pareceu-me que, como espécie, vocês estão demonstrando uma grande capacidade para o que é necessário.

- Outra vez se faz uma pessoa, um indivíduo para representar tantas outras!

E, enquanto falava, senti as conhecidas aflições, o aviso, nas profundezas do meu ser, de algo que eu devia estar compreendendo.

E foi então que me deixei vencer pelo sono, depois de ter absorvido o máximo possível. Quando acordei, Johor estava pacientemente à minha espera. Eu mal tinha registrado: "Aqui estou!", e acrescentado: "Mas esse 'eu' não me pertence, não pode me pertencer, deve ser uma consciência geral e compartilhada" - quando Johor retomou:

- Doeg, diga-me o que vocês todos aprenderam durante o longo tempo em que estudaram o material do seu planeta através dos novos instrumentos.

Tudo estava quieto. A fúria do vento havia parado. Imaginei como a neve lá fora estaria se depositando em novas camadas brancas. Com a neve até a cintura, Alsi devia estar começando sua caminhada, seguida por aqueles que tivesse conseguido convencer, e outros estariam se dirigindo para as cidades e aldeias mais próximas, esperando alcançá-las antes de a tempestade voltar a cair e tingir o ar de branco, branco, branco.

- Aprendemos que tudo é feito de coisas menores. E estas das menores e melhores... Estes nossos órgãos, um coração ou um fígado, nos quais nem pensamos, mas sabemos estarem dentro de nós, fazendo o seu trabalho, são compostos de toda sorte de partes, de todo tipo de formas - fios e módulos, listras, camadas e esponjas. E esses pedaços são formados por células de todos os tipos. E estas - cada qual com vida própria, energética e satisfatória, e com uma morte também, pois é possível observar essas mortes, como a nossa - são compostas de aglomerados de unidades vivas menores, e moléculas, as quais, por sua vez são também constituídas de várias unidades, que também...

Meus olhos que, em imaginação, tinham estado dissecando um naco de carne, um coração, vendo-o se dissolver em uma miríade de pequeninas vidas, voltaram então a notar Johor, um monte de peles, de onde sobressaía um rosto pálido. Mas mesmo assim, era sem dúvida Johor que se achava sentado ali, uma presença, uma força... uma *solidez*...

- Johor - disse eu -, estou aqui sentado, sentindo-me sólido, matéria com peso, densidade, uma forma, da qual conheço cada curva e cada superfície, e minha mente me diz que isso é nada, pois eu sei disso através do que vi com os seus instrumentos.

- Então, o que encontraram quando chegaram ao menor item visível?

- Um cerne... de alguma coisa. No entanto, ela se dissolve e torna a se dissolver. E ao redor dela, uma espécie de bailado de... pulsações? Mas os espaços entre esse cerne e as oscilações são tão vastos, tão vastos... que compreendo que esta solidez que eu sinto não é nada. Uma forma de névoa, eu sou, uma mancha de luz colorida, como quando vemos... ou víamos, pois agora vemos apenas neve, ocupando os espaços da luz do sol... uma extensão luminosa com grãos de poeira flutuando nela. Visto de uma perspectiva muito distanciada de meus próprios olhos, não sou, absolutamente, denso, nem sólido... Mas, Johor, embora eu saiba o que você andou me levando a lhe dizer, que esta sensação de peso... pois sinto-me pesado, tão pesado, tão denso e pesado que mal posso suportar... esta sensação de peso não significa nada. Uma forma de luz que contenha partículas ligeiramente mais densas em alguns pontos que em outros. Mas o que minha mente reconhece não resolve essa sensação de peso, Johor. O que você vê de mim, com esses seus olhos que pertencem a outro planeta, uma estrela com noção de peso diferente, posso imaginar, pois vi células e moléculas desaparecerem numa espécie de dança, mas...

- Uma dança que você modifica segundo a forma como a observa. Ou como pensa nela - observou ele.

O silêncio que é um profundo escutar nos envolveu. Mas os reclamos do meu desconforto e de minha impaciência fizeram-me rompê-lo.

- Contudo, este nada, este peso e esforço de matéria que se acha tão dolorosamente sobre todos nós é a matéria com que *você* trabalha, Johor, pois você senta-se aqui, neste lugar gelado, e o que diz é: 'Não se deixem morrer ainda, procurem se manter vivos' - e o que você está querendo manter vivos são estes corpos, a carne que desaparece quando se olha para ela com olhos diferentes, transformando-se em algo como ciscos iluminados pelo sol.

Sim, eu dormi então, me desliguei, fui embora, e voltei, dizendo:

- Sempre quis saber, quando observava as minúsculas oscilações e pulsações que nos compõem, onde estão os nossos pensamentos, Johor. Onde, o que sentimos? Pois não é possível que não sejam matéria também, como nós. Num universo que é todo ele gradações de matéria, da maior para a menor e para a menor ainda, de modo que terminamos com tudo de que somos compostos num bordado, numa grade, numa rede, numa névoa, onde partículas ou movimentos, tão minúsculos que não os podemos ver, são mantidos em uma teia ordenada e precisa, não obstante inexistente para os olhos que usamos na vida cotidiana. Nesse sistema de menor e ainda menor, onde então se encontra a substância do pensamento?

- Eu me observo, Johor... eu me sinto... dentro desta massa de líquidos, tecidos, ossos e ar que é tão pesada, pesada demais, mas que, afinal, é nada, mal existe. Quando me enfureço, será que minha fúria explode através dos interstícios da rede e teia, que é o que eu mesmo sei ser? Ou quando sinto dor, ou amor... ou... Digo essas palavras e todos sabem o que quero dizer por fúria, desejo, perda e todo o resto, mas será que vocês têm em Canopus instrumentos capazes de vê-los? *Você* os pode ver, Johor, com esses seus olhos diferentes? Você me vê aqui sentado, este pobre animal Doeg, como uma mancha de luz colorida, mudando de cor quando a ira ou o medo se apossam de mim? De onde vêm, Johor? A substância da nossa carne, a matéria da qual somos feitos, dissolve-se em vastos espaços, delimitados pelos movimentos de uma dança. Mas ainda não colocamos o medo ou a solidão sob a lente dos instrumentos.

Adormeci outra vez - mergulhando em um sonho tão vivido, satisfatório, e detalhado, e era um mundo fortemente definido como coisa alguma que tivesse conhecido quando acordado, no nosso planeta ou em outro qualquer. A paisagem que atravessei tinha algo do nosso planeta, mas não era; acontecimentos, pessoas, sentimentos - tudo me era conhecido, mas não na vida cotidiana. E eu já tinha tido esse sonho antes e o reconheci, isto é, o cenário do sonho. Quando entrei no sonho, dizia para mim mesmo: "Sim, conheço este lugar porque *reconheço seu perfume*." Acordei depois de uma espécie de intervalo, longo ou curto, e a atmosfera do sonho era tão marcante que eu a trouxe comigo, e ficou bruxuleando, com cores atraentes que eram agora apenas lembrança para nós, desde que toda cor fora tirada do nosso mundo, para além dos cinzas e marrons gelados do interior do barracão. E então o sonho se desfez e eu disse:

- Eu sonhei.

- Sim, eu sei. Você andou rindo e sorrindo, e fiquei observando você.

- Johor, posso contar a história do meu sonho, pois tinha uma estrutura, um começo, um desenvolvimento e um fim, exatamente como as histórias de Doeg, o contador de histórias, e posso descrever os incidentes, as aventuras e as pessoas que faziam parte dele, algumas minhas conhecidas, outras não, mas jamais poderei descre-

ver a *atmosfera* do sonho, embora seja tão forte e tão excepcional para este sonho, para este ciclo de sonhos, que eu jamais a confundiria. Assim que entro nesta paisagem especial de sonho, ou mesmo me aproximo dela através de outro sonho, eu a reconheço, reconheço-lhe o ar, a sensação, o gosto. Não posso descrever para você e para ninguém o que é essa atmosfera. Não há palavras para ela. Contudo, as esferas de emoções e de pensamentos são idênticas às dos outros sonhos. Pois uma emoção tem certo sabor e certo cheiro, pode quase que ser *tocada*, não descritível através de palavras, mas você pode dizer a qualquer um "amor", "desejo" ou "inveja", e todos saberão exatamente o que está dizendo. E as emoções que em você pertencem à classe do "amor" terão a mesma qualidade, e serão as mesmas para qualquer um; portanto a palavra "amor" é uma comunicação, sabemos o que queremos dizer. E quando um pensamento, que é naturalmente incolor e sem sabor, tinge-se de sofrimento, ou vingança, ele tem um sabor, algo muito seu, de modo que ao experimentar esse pensamento pleno de pesar ou vibrante de alegria, seguem-se primeiro a experiência e depois a palavra, e então eu digo a você, ou a Alsi: "Estou tendo um pensamento que possui a virtude da alegria" - e você e todos os outros compartilham da minha experiência. E este sabor, ou gosto, é *uma substância*, é matéria, é material. Pois tudo é, tudo deve ser; pois se o minúsculo bailado que se dissolve no cerne que não é cerne, no núcleo de um átomo, é material, então assim devem ser a paixão, a necessidade, o leite. E você, Johor pode ver onde as pulsações do átomo se dissolvem em formas de movimentos e dizer: "Isto é inveja, isto é amor?"

- Como é que o material ou substância do amor modifica esse minúsculo bailado? Qual o relacionamento entre eles? Pois é a substância *física* de nossos corpos, de nossos corações, que cria o amor ou o ódio, o medo ou a esperança - ou não é? - e não pode ser separada dele. O vento que é amor deve soprar em alguma parte daqueles espantosos espaços entre o núcleo de um átomo e seus elétrons que se dissolvem, como tudo o mais, em partículas cada vez menores, e se transformam num fluido ou num movimento... *ou numa porta que se abre para dentro de algo mais?*

- Posso lhe fazer esta pergunta, sabendo que partilho tudo isto com você, quando *digo amor*, quando *digo medo* - e voltar então para o reino do sonho, no qual passo um terço da minha vida, que é impregnada de emoções, mas também de sensações e sentimentos que nada têm a ver com emoções, que talvez sejam melhor descritos ou sugeridos como cores envolvendo uma coisa ou um lugar - e dizer: "Johor, eu estava sonhando." E ao voltar para este mundo, meus sonhos terão sido mais reais do que meu despertar e a atmosfera durante minha viagem em sonho será uma que conheci durante toda a vida, desde a primeira infância, e *não posso encontrar uma palavra* que descreva este contato, este sabor, esta cor, esta sensação para você ou para qualquer outra pessoa. Esta é a mais extrema solidão, Johor... e contudo, fico a imaginar, ao ouvi-lo dizer: "Eu fiquei observando você dormir... observando você sonhar...", se você, com esses olhos feitos no planeta cuja estrela tem peso diferente da nossa, pode dizer, enquanto me observa: "Doeg está caminhando naquela paisagem de sonho, naquele lugar, encontrando esta ou aquela pessoa... *Doeg está partilhando da substância daquele lugar*... sei disso porque posso ver a substância desse outro lugar, ou seu tempo, ou pulsação, movimentando-se nos espaços das partículas subatômicas, ou movimentos"... e se é assim, Johor, então abrande-se a solidão de saber que nada posso dizer, nem mesmo para meu melhor amigo, que divido com ele o sabor de um sonho.

- Quando você sonha, pensa que sonha sozinho, Doeg? Pensa que quando entra num reino em seu sono, você é o único que o conhece? Que apenas você entre to-

dos que habitam este seu pequeno planeta, conhece esse reino em particular? Talvez você consiga encontrar palavras para descrevê-lo, para que os outros possam saber onde esteve, mas eles sabem, porque também andam por esse reino nos seus sonhos.

Foi aí que terminou nossa conversa, porque Alsi chegou com Marl e Masson, Zdanje, Bratch e Pedug, ex-encarregado da Educação dos Jovens, antes de O Gelo.

Enquanto Johor e eu tínhamos ficado ali, sentados no barracão gelado, despertando e sonhando, em volta do polo, ainda livre da neve e do gelo, havia ocorrido o leve movimento na direção do calor que agora chamávamos de verão. Num espaço que levaríamos vinte dos nossos dias para percorrer havia uma área de vegetação e pela primeira vez surgira uma planta que não conhecíamos. Crescia muito rápido, atingindo o tamanho adulto em poucos dias; era um frágil e viçoso arbusto, perfumado, carregado de flores azuis, e cobria agora toda aquela parte do nosso globo, talvez um oitavo ou um décimo dele. Klin, que costumava trabalhar na região o ano todo, visitara um vale mais próximo do centro do planeta, antes quente e fértil, na esperança de que ele ainda pudesse produzir alguma coisa, ainda que apenas urzes e samambaias. Mas não: o vale cobria-se de neve, e assim restara-lhe voltar às regiões polares, e fora recebido por mensageiros anunciando que rebanhos dos nossos grandes animais convergiam de todos os lados para os campos e encostas cobertas com a nova planta, que enchia o ar com um perfume novo para todos nós. E quando Klin terminou a caminhada de dez dias até o polo, onde a tundra e o cinza se encontravam com a terra de breve verão, viu que os rebanhos de animais, milhares deles, estavam por toda a parte, pisando com os pés pesados, empinando, mugindo, fazendo a terra tremer com a manifestação de sua alegria, sua embriaguez diante dessa maravilha - o alimento fresco, sumarento e aromático. Estavam embriagados com tudo aquilo, andando de um lado para o outro, sacudindo as enormes cabeças, como se os chifres não tivessem nenhum peso, mugindo e até pinoteando, e era de partir o coração, contou Klin, ver aqueles animais desesperadamente famintos soltos por ali, felizes e leves - se é que se podiam chamar de leves aquelas pesadas arremetidas e marradas - porém, para quem se acostumara a ver a paisagem repleta de animais pesados e melancólicos, cabeças baixas, farejando a forragem com desgosto, mas comendo-a assim mesmo; animais que aparentemente mal conseguiam se mover, que escorregavam, deslizavam e caíam no gelo, quando se moviam - se era assim que se estava acostumado a vê-los, com dor e compaixão - então essa energia súbita era, por contraste, uma coisa maravilhosa.

Mas não eram só os rebanhos que sentiam falta de alimento fresco e verde: eles estavam comendo, consumindo, o que podia ser útil para o nosso povo. Nas vilas e cidades próximas das regiões polares, o povo era despertado com promessas de alimento fresco e saía das habitações escuras e malcheirosas piscando os olhos ofuscados e tropeçando uns nos outros, e penetrava na familiar paisagem cinzenta, mas via para além das nuvens baixas da neve Um azul pálido, nosso frágil e breve verão. E, caminhando na direção do polo, por entre os ásperos e resistentes caules e galhos das plantas da tundra, viam adiante deles uma névoa azul estender-se acima da terra, como se o céu tivesse caído, ou como se a terra estivesse refletindo o céu. E nem a massa dos grandes animais, agrupados e amontoados por toda a parte, escondia completamente o encanto dessas plantas floridas de azul. O ar estava impregnado com um odor picante e forte, que dava nova vida às pessoas, tirando-as daquela terrível indiferença e letargia. Dividiram-se em grupos e expulsaram os animais de metade da terra fértil, pois não queríamos privá-los completamente do alimento, precisávamos da sua carne e temíamos que eles também logo se extinguissem, pois

quase nada havia para alimentá-los. As plantas brotavam e cresciam imediatamente, logo depois de os animais acabarem com elas: camadas azul-pálidas estendiam-se por toda a parte. E homens e mulheres, tirando os pesados agasalhos de pele, deitavam-se entre os arbustos re floridos chorando de alegria e até rolando ou correndo e saltando, como tinham feito os pobres animais, que não o faziam agora, na área mais restrita onde os haviam confinado, apenas continuando a comer sem parar, o mais depressa possível, procurando encher o estômago enquanto pudessem, como se soubessem que essa fartura não seria permanente: o nosso "verão" já estava na metade, há muito tempo não dava frutas, cereais ou vegetais, e recentemente nos dera muito pouco além de relva esparsa. No entanto, eis o milagre, a maravilha, podíamos andar por vinte dias através do azul e verde, sob o céu anil, onde as nuvens do nosso antigo mundo - brancas, espessas, preguiçosas e lindas - se moviam o dia todo, como se não soubessem coisa alguma sobre as massas de nuvens escuras e sombrias que se acumulavam no horizonte.

Depois de um dia naquelas perfumadas pastagens, nosso povo renasceu, voltou ao que era. Evidentemente, as plantas possuíam algum princípio vital e poderoso para a saúde. Klin enviou mensagens para Bratch, o Representante da Saúde, e Bratch veio e convocou seus auxiliares e logo transformaram essa planta, que crescia logo após o corte, em grandes quantidades de uma espécie de feno - mais flores secas que folhagem - e então tratava-se de decidir como seria distribuído o alimento revigorante, pois dele não havia o suficiente para abastecer nosso povo sequer com um bocado para cada pessoa.

Quem devia ser beneficiado? Em que bases se decidiria?

Klin, Marl, Masson, Pedug e Bratch, reunidos no interior do barracão, expondo o problema, mostravam-se impacientes. Podíamos perceber que não queriam estar ali, tinham na cabeça a visão do breve mundo maravilhoso do verão polar, que haviam deixado com relutância para conferenciar comigo, com outro Representante na área... e com Johor. Mas pude ver que eles mal olhavam para Johor; seus olhos como que passavam por cima e se desviavam dele. Isso não era só porque não o tivessem anteriormente visto tão claramente como um ser igual a nós, pálido e sofrido, envolto nas camadas de pele, mas porque nada esperavam dele. Contudo, ninguém lhes havia dito: "Este planeta não vai ser salvo, as promessas por nós feitas não têm futuro." Antes, era de se esperar que todos se dirigissem a Johor perguntando: "Canopus, onde estão as suas frotas de Viajantes do Espaço? Quando vão nos tirar daqui?" Mas ninguém perguntou. E Johor permaneceu em silêncio, sentado na pilha de sacos de urze.

- Por que ficarmos aqui neste lugar de morte - disse Marl -, mesmo que seja pelo tempo de que precisamos para nossa consulta? Venham, vamos para onde está o verão, e lá tomaremos nossas decisões.

Assim, Johor e eu, e todos eles, e mais dez dos outros Representantes, abrimos caminho pela neve que circundava nossa cidade, e depois, aos tropeços e escorregando pelas encostas, chegamos aos desfiladeiros nas montanhas onde pensamos que iríamos morrer de frio, e descemos novamente para onde a distância podíamos ver tudo azul, somente azul - céu azul e terra azul - e um vento intenso levava até nós, não o cortante do frio, mas aromas quentes e tonificantes que já esqueceramos. Meus olhos pareciam crescer e se alargar, enquanto se alimentavam avidamente daquelas cores pelas quais ansiavam... Porém, enquanto eu ia aos tropeços rumo ao verão azul e lindo, lá adiante, dizia a mim mesmo, eu, uma mancha ou névoa de partículas iluminadas pela luz, eu, um nada, um conglomerado de vastos espaços limitados por um dançar que minha mente não consegue entender, eu sigo em frente cor-

rendo para... nada, pois se olhasse para esta terra de verão como Johor a vê, com estes olhos de Canopus, veria um universo de espaço no qual formas indefinidas vagueiam, se formam e se dissolvem - eu, um nada, correndo para o nada, chorando enquanto corro - e onde vivem as emoções que fabricam essas lágrimas, Johor? Onde. nos imensos espaços, na tênue névoa que eu sou, onde na estrutura fluida e flutuante da dança dos átomos, onde... e como... e o quê, Johor?

Quando chegamos às encostas onde o verde aparecia sob as moitas carregadas de flores azuis, atiramo-nos ao chão, rolamos e, sentados acima do verão, com os picos nevados e a terra semi-congelada às nossas costas, mergulhando os olhos na luz do sol onde vagavam sombras de nuvens, súbitos arrepios do inverno que logo de novo desceria sobre aquele milagre perfumado, conversamos sobre o que deveríamos fazer, o que precisávamos fazer.

Nós conversamos. Johor não, embora sentado entre nós, como se fosse um do grupo que conferenciava.

Nosso problema era de ordem prática: quando tivéssemos decidido quem devia ser beneficiado com aquele alimento, como seria feita a distribuição? O movimento entre vilas e cidades cessara, exceto pelos carros que transportavam suprimentos de carne-seca. Como poderíamos carregar grandes quantidades deste material leve, mas volumoso, subindo através da neve e do gelo? E depois de distribuído, deveriam eles cozinhá-lo e comê-lo, ou comê-lo como estava - pois todos nós estávamos comendo as flores direto das moitas, sem nenhum efeito prejudicial, a não ser os leves distúrbios digestivos que teríamos de considerar comuns agora. Por fim, Bratch sugeriu que empilhássemos as plantas secas nos poços e pequenos olhos d'água, esperando que o princípio revigorante das mesmas se transferisse para a água. Parte da água poderia ser transportada em recipientes apropriados para as terras altas cobertas de neve, mas logo os pântanos e charcos voltariam a se congelar quando o frio voltasse, e poderíamos enviar trenós puxados por animais para transportar o gelo, ou até mesmo para arrastar grandes pedaços dele pela neve. Ao mesmo tempo, enviaríamos mensageiros a todos os cantos, avisando que este breve verão tinha chegado, oferecendo matéria vegetal para todos os que pudessem ou quisessem fazer o esforço de vir para desfrutá-lo.

Alguns dos que estavam construindo a cerca viva, para manter os animais longe da parte da plantação que havíamos destinado ao nosso povo, partiram para dar as boas novas a todos os centros habitados. Quanto a nós, ficamos onde estávamos, aproveitando cada hora do dia para empilhar o feno nos pântanos e charcos. A temperatura não estava suficientemente alta para fazer da fermentação um problema imediato. A água desses charcos cheirando a terra logo passaram a exalar o perfume das plantas, e nossas noites foram passadas entre os arbustos vivos, acordados a maior parte do tempo, pois sabíamos que esse alívio temporário logo findaria. As estrelas brilhavam, mas não com aquele brilho duro e frio na escuridão das noites da nossa expedição ao outro polo: era um cintilar distante e suave, e elas constantemente desapareciam quando névoas e véus atravessavam nosso céu.

Quando os mensageiros voltaram, as plantas já não brotavam depois de cortadas; a sombra era mais frequente nas colinas e nos vales do que a luz do sol; e os ventos não eram suaves, e faziam com que nos abrigássemos bem fundo em nossos casacos. E os rebanhos não mais pinoteavam ou disparavam, nem mugiam, mas voltavam a silenciar. Fomos todos a um lugar de onde podíamos ver um vale repleto de animais, todos eles de cabeça baixa sobre a terra, e não mais havia sinal de verde ou de azul, nem o movimento sutil de coisas que crescem. Observamos um touro mais próximo de nós, com o grupo de vacas que ele cobria e os bezerros da estação - já

por várias estações que poucos vinham nascendo. Percebemos na curva desanimada dos seus ombros que ele se considerava um fracassado, incapaz, magoado, pois mais uma vez estaria comandando um grupo constantemente faminto, incapaz de reproduzir, porque a natureza não queria, e porque não havia mais futuro; mais uma vez teriam de baixar os focinhos macios até a terra compacta semi-vegetal, obrigando-se a deglutir o alimento não desejado, que seus estômagos mal digeriam. E as fêmeas mostravam-se ansiosas por manter as crias junto a si, e tinham olhos vermelhos e angustiados, lambiam e procuravam alimentar essas pequenas réplicas de si mesmas com um desespero que traduzia todas as emoções que as torturavam. De horizonte a horizonte, lá estavam os rebanhos... esperando. Nós também, agora, teríamos de retornar à nossa vigília.

Havia cerca de quarenta de nós, Representantes, naquela colina, observando os animais lá embaixo e uns cem ou mais daqueles que haviam levado a mensagem ao povo. Algumas pessoas chegavam em pequenos grupos para compartilhar a colheita, tão escassa agora, e também rolavam por entre os arbustos verdes e comiam as flores. Poucos tinham conseguido livrar-se do torpor e fazer a viagem. Nós, uma pequena multidão, observávamos de uma depressão entre as colinas.

Muito antes dessa Era do Gelo, eu tinha aprendido a observar a disposição das multidões, os acontecimentos, o que se dizia e o que não se dizia - a fim de compreender o que poderia acontecer - *o que estava realmente acontecendo, mas ainda não totalmente revelado*. Aquelas multidões, de pé por ali, outra vez agasalhadas em suas grossas peles, observando o céu, onde as primeiras nuvens de neve se acumulavam, em nada se diferenciavam, e Johor se encontrava entre elas, quase sem ser notado, embora todos soubessem que Canopus estava conosco. Logo nós, os Representantes, nos afastamos do amontoado de pessoas e seguimos por uma elevação. Porque era o que esperavam de nós; podíamos ver, sentir, perceber que devíamos fazê-lo. Mas Johor continuou onde estava.

E quando ficamos ali, de pé, quarenta de nós, olhando para a massa do povo, ele olhando para nós, fez-se um longo silêncio. O que estava acontecendo? Nós todos procurávamos saber, porque geralmente a comunicação verbal entre os dois, representados e Representantes, era rápida demais: prática. Sempre se tornava evidente o que cada um tinha de fazer. Jamais tivemos de fazer discursos, ou exortações, ou persuadir, ou ordenar - como havia visto em outros planetas e através de leituras. Não, sempre houve um consenso, um acordo entre nós todos, e isso significara ter sido uma questão de: fulano se encarregará disto, e tal coisa deverá ser feita... por alguém. Era nesses momentos que o Representante, que considerava necessária alguma mudança, voltava para o meio do povo, ou alguém que se considerasse qualificado e capaz passava para o grupo dos Representantes. Mas longos silêncios nunca fizeram parte dos nossos encontros. Estávamos nos examinando mutuamente com toda a atenção: nós a eles e eles, atentos e alertas, a nós. Ficamos ali por um longo tempo. De um lado, os rebanhos de animais se estendiam até o horizonte, onde as tempestades rugiam em branco e preto. No outro lado, campinas pisoteadas e desaparecendo gradualmente exalavam ainda o tenuíssimo sopro remanescente do verão agora no fim. Acima de nós, o céu era cinzento e baixo, e alguns flocos de neve desciam rodopiando no ar e derretiam-se imediatamente nos nossos rostos, em nossas mãos ainda expostas. Trocávamos olhares, como se examinássemos nossos próprios rostos. *O que estava acontecendo?* Eu sei agora, mas naquele momento não sabia. Senti como se estivesse sendo eleito, mas para uma capacidade nunca antes experimentada. Sentia-me examinado, analisado, quase tocado fisicamente por aqueles olhos que se fixavam pensativos em mim e nos outros Representantes. Para mim era

como se nunca os tivesse visto antes, não devidamente, não como os via agora. Estávamos tão próximos uns dos outros nessa desesperada e terrível aventura que nos envolveria a todos e que só parcialmente podíamos conhecer.

Enquanto durou este intercâmbio, este silêncio que não precisava absolutamente de palavras, Canopus ficou ali, parte da massa do povo, completamente passivo e quieto. Contudo, quase todos naquela multidão, exceto Alsi e, penso eu, Klin, ainda falavam como se acreditassem que Canopus iria nos tirar dali. Era ainda o que *oficialmente* esperávamos; e era como falávamos - às vezes, cada vez com menor frequência. Mas naquele dia, ninguém daquela gente disse para Johor: "Canopus, onde estão suas frotas que nos levarão daqui, quando vai cumprir a promessa que nos fez?"

Não, não havia censura no ar, nem ira, acusação, nem mesmo dor. Isso era notável: o sentimento sóbrio, manso, responsável entre nós, que não admitia sofrimento, lamentação ou desespero. Bem longe, imersa nas terras nevadas, onde nossos amigos jaziam em buracos escuros sob montes de peles, havia a letargia da dor, do desespero. Mas aqui, entre estes poucos que tinham feito o esforço de viajar até onde estava o verão, reinava um sentimento totalmente diverso. Depois de muito tempo, enquanto ali ficamos, *entreolhando-nos*, a imobilidade cessou: todos pareceram ter decidido ao mesmo tempo, por meio de algum processo interior, que já chegava. Então todos saíram para os pântanos e pequenos lagos para verificar se já estavam congelados. Ainda não, mas havia um espessamento das superfícies da água, e a brisa, encrespando-as, formava pequenas ondulações, depois flocos, e depois pedaços do mais fino gelo; e quando nos levantamos na manhã seguinte, nas encostas acima da água onde nos deitamos juntos, vimos que a água se transformara em gelo, estava branca, embora com o negror do pântano por baixo e, na água, os aglomerados de plantas verdes e azuis. Tivemos de mandar um grupo escolher alguns animais novos, nos rebanhos, abatê-los e preparar o alimento, pois a colheita tinha terminado e não havia feno, nem plantas frescas. O cheiro de sangue chegou até nós, trazido pelo vento, e ouvimos os animais mais próximos gemer e mugir, enquanto eles também cheiravam o sangue. Então, desanimados, recomeçamos nossa dieta: carne, carne e carne, da qual tínhamos nos livrado por tão pouco tempo.

Em poucos dias as águas eram gelo puro. Cortamos grandes pedaços e os empilhamos nos trenós, ou os amarramos com cordas, e por toda a extensão da neve era de se ver longas fileiras de pessoas curvadas, no esforço de arrastar os blocos de gelo - branco contra branco, pois tudo voltara à brancura, a neve cobrindo totalmente a terra, nuvens pesadas de neve acima de nossas cabeças, à nossa frente, os picos nevados da montanha. O vento soprava a neve em espirais ao encontro dos alvos redemoinhos que caíam do céu.

Dirigindo-se para todas as direções, arrastavam-se as filas de vultos brancos, e nosso carro subiu sem interrupção pelos desfiladeiros gelados e penetrou nas regiões centrais do nosso planeta onde, ao longe, se avistava, contra um céu cinzento, a massa branca da nossa muralha. A medida que nos aproximávamos, ela parecia imensa onda de água congelada no momento da arrebenção. Uma crista escarpada e denteada estendia-se de horizonte a horizonte, sobrelevando a muralha, agora toda branca, recoberta de gelo, com a neve acumulada até a metade da sua altura.

Quando nos aproximamos da nossa própria cidade, com os trenós repletos de gelo empilhado, alguns foram na frente para acordar os que dormiam. Mas outra vez, apenas uns poucos apareceram, cambaleando, resmungando e se queixando, quase ofuscados pela claridade, depois da longa temporada na semi-obscuridade. Procuramos animá-los: - Provem este gelo que trouxemos - chupem, levem para dentro e

tentem derretê-lo, bebam a água, vamos ver se também vão se sentir revigorados e descansados. - Alguns fizeram isso e se reanimaram, e não voltaram a cair no terrível e mortal sono da morte. Pois muitos estavam morrendo enquanto dormiam, e não conseguimos trazê-los de volta à vida, nem com todo o conhecimento de Bratch.

Cerca de um quarto da população da nossa cidade permaneceu ali, na neve profunda da praça central, e Klin, Marl, Alsi, Masson, Pedug e Bratch também, assim como eu e Johor. Mais uma vez fez-se o longo silêncio que durou o tempo necessário para... *o quê?* Não foi, porém, absolutamente interrompido, pareceu dar segurança e contentar a nós todos. O processo continuou e continuou, e então algo aconteceu, diferente do outro silêncio lá nas encostas da terra polar. Johor afastou-se um pouco da multidão e ficou imóvel, olhando para nós. Era como se estivesse nos *dando oportunidade para fazer alguma coisa...* mas, o quê? Seus olhos iam de um rosto para outro, e pudemos perceber como estava pálido e emaciado, desfigurado como todos nós, apesar da pequena excursão verão adentro.

Oh, estava tão escuro ali, tão escuro, com as tempestades nos assediando de todos os lados, as nuvens baixas e pesadas lá em cima, a sombria muralha de neve erguendo-se às nossas costas; a escuridão era o símbolo do que eu estava sentindo, pois o rosto de Johor, humilde na sua paciência e resignação, dizia que ele esperava algo de nós que ainda estava lá... podia ver nos rostos agora voltados para ele aquilo que, separando-se do povo, ele tinha evocado, mas esperara não evocar. As pessoas se agrupavam em volta dele perguntando:

- Johor, as naves virão? Quando? Quanto tempo devemos ainda esperar?

Mas as perguntas eram feitas em tons de voz perfeitamente em desacordo com elas, como se uma parte da pessoa estivesse perguntando, uma parte que a própria pessoa conhecesse pela metade, ou não conhecesse em absoluto - e subitamente tive a impressão de que todos estavam adormecidos, ou mesmo drogados ou hipnotizados, pois essas perguntas murmuradas pareciam vir das profundezas do sono. Sim, observando-os um pouco afastado, como Johor, contemplando aqueles rostos, tive a impressão de estar no meio de sonâmbulos, que não sabiam o que estavam dizendo e que não iriam lembrar nada quando acordassem. Imaginei então se essas perguntas sempre haviam soado assim para Johor: - Onde estão suas naves espaciais, Canopus, quando vai nos salvar? - E imaginei mais do que isso, naquele breve momento de claridade, quando todos à minha volta pareciam autômatos: era assim que sempre parecíamos a Canopus? Era assim que nos ouvia, como autômatos, dizendo estas ou aquelas palavras, fazendo isto ou aquilo, induzidos pelas partes mais rasas e superficiais de nós mesmos? Pois era claro para mim, ali a observá-los, que os pedidos e apelos eram automáticos, feitos por sonâmbulos. A própria Alsi, que em certos momentos, comigo e com Johor, havia demonstrado saber muito bem que nada daquilo ia acontecer, estava inclinada para a frente, perguntando com os outros: - Quando, Johor? Quando?

Johor ficou em silêncio, apenas olhou fixamente para eles e sorriu com suavidade.

E logo, com os mesmos gestos automáticos, indiferentes mesmo, afastaram-se dele e começaram a caminhar pelos espaços abertos entre as pilhas de neve, dizendo:

- Vamos limpar a neve agora. Como podem as espaçonaves aterrissar? Não há nenhum lugar para elas descerem. - Então todos se lançaram a uma atividade frenética, Alsi também, abrindo espaço na neve, entre as casas, amontoando a neve retirada, abrindo caminho. Contudo, não havia espaço aberto nem mesmo para o Viajante do Espaço de Johor aterrissar devidamente, quanto mais para as enormes naves intergalácticas necessárias para o transporte de grande número de pessoas.

Mas lá estavam eles, apressados, trabalhando furiosamente, sérios, concentrados... e eu ainda os via como Johor os devia estar vendo - como se tivessem sido acionados por algum estímulo superficial e sem importância. Eu observava Alsi de forma muito especial, com triste incredulidade, mas com uma esperança paciente de que ela logo voltasse ao normal, e subitamente me dei conta de que era assim que Johor muitas vezes olhava para mim.

Voltei-me para ele:

- Muito bem, eu compreendo, ainda não chegou a hora... embora não saiba para *o que*, ainda não chegou a hora.

Estávamos ainda imóveis, observando os outros. Não estávamos longe do barracão por trás dos viveiros dos animais da neve. Passamos pela neve sulcada e manchada, pelos montes de blocos de gelo que tinham as flores e folhas das plantas de verão, azuis e verdes, congeladas dentro deles. O interior do barracão estava abarrotado. De sacos de plantas secas, empilhados por Alsi.

O chão achava-se agora todo coberto de gelo, e era gelo, não geada, que reluzia do teto de plantas secas. Afundamo-nos nos sacos cheirosos e nos cobrimos bem com as peles. Um animalzinho branco saiu correndo de trás das pilhas de sacos: Alsi tinha soltado seus bichinhos de estimação e eles agora viviam ali, felizes, e tinham dado cria, pois surgiram umas coisinhas peludas e brancas, olharam a gente, e escolheram como *playgrounds* os sacos onde estávamos sentados. Pareciam tão confiantes e encantados com tudo, tão graciosos que não pude deixar de exclamar:

- Logo terão desaparecido, todos eles, outra espécie a abandonar a vida e os vivos... - E recomecei um novo ciclo de lamentos e apelos, de dor... de sofrida rebelião - E sei qual será a sua resposta, pois não pode ser outra; você, Johor, dirá que todo esse encanto, essa graça vai desaparecer aqui e ressurgir em outro lugar... algum lugar, algum planeta do qual nunca ouvimos falar e, talvez, nem mesmo você! O encanto não será perdido, você vai dizer, a suave amizade que é a base da natureza desses bichinhos não pode se perder, são qualidades que a vida deve recriar - os veículos que as contêm, aqui, agora, para nós, sim, esses desaparecerão logo, os bichinhos em breve estarão mortos, todos eles, todos... Mas não devemos chorar por eles, não, pois suas características nascerão outra vez... em outro lugar qualquer. Não importa que tenham de desaparecer, o indivíduo não importa, a espécie não importa... Alsi não importa, nem Doeg, Klin e Masson, nem Marl, Pedug e todo o resto, pois, quando estivermos extintos, então...

Chegando a esse ponto da minha ladainha, ou nênia, hesitei, minha língua se imobilizou, e ouvi, oi que tinha dito. Compreendia, mas não, não podia compreender, ainda.

E disse com a mesma voz pastosa, mecânica, até exausta, como eu tinha ouvido os outros lá fora, quando interrogavam Johor:

- Contudo, nós, os Representantes, seremos salvos, assim o diz você, foi o que ouvi você dizer... não foi o que você disse... Sim, o que mais você esteve dizendo... não, não, você não disse isso, mas, afinal, eu também não disse nada parecido... porém, se não é isso o que você quer dizer, o que quer que eu ouça...

Interrompi o resmungar arrastado e idiota e me calei por um bom tempo, um longuíssimo tempo. Os bichinhos, cansados do brinquedo, aninharam-se ao meu lado e ao lado de Johor em cima da pilha de sacos, aconchegando-se nas peles espessas. Os pais e os quatro filhotes, todos lambendo nossas mãos, soltando trinados de amizade, saudando seus amigos humanos. Olhos doces e azuis piscaram para nós, depois, mais lentamente, fecharam-se abriram-se, deixando entrever o azul, e então se apagaram, enquanto eles adormeciam enrolados como pequenas bolas brancas.

Voltei do meu tempo de profunda meditação interior que eu não podia regular nem dirigir, pois tinha suas próprias leis e necessidades, e disse:

- Lembro-me de ter pensado que eu, Doeg, tinha esta forma que tenho, estes traços que tenho devido a uma seleção entre muitos. Sentei-me diante do espelho e olhei para meu rosto: nariz de minha mãe, olhos do meu pai, forma da cabeça de um, estrutura do corpo de outro, com reminiscências de avós e bisavós. Olhei e disse: as mãos dela repetiram-se nele, depois nela e depois em mim, e o cabelo dele aparece naquela cabeça e surge outra vez na de minha avó, e então em mim - e pensei como aquele casal, meus pais, podia ter tido tantos... quantos?... filhos, milhares, talvez milhões, cada um com uma pequena diferença. A pequena diferença foi o que me intrigou nesse meu jogo particular. E enquanto ficava olhando meu rosto, meu corpo, imaginei todas as modificações de mim mesmo que se estendiam para trás, para os lados, em todas as direções, algumas na verdade muito semelhantes, outras muito diferentes. Enchi uma cidade com essas variações de mim mesmo, depois uma cidade maior, depois, em minha mente, paisagens imensas. Doeg, Doeg, e mais Doeg, e mentalmente saudei esse povo não-existente, que jamais existirá, povo que não nasceu porque eu nasci com esta forma exata de rosto e de corpo, com este conjunto especial de maneirismos - eu disse para esse povo, cada indivíduo mais ou menos parecido comigo, muito ou apenas ligeiramente, da mesma altura, um pouco mais alto ou um pouco mais baixo, com variações do mesmo cabelo, olhos com diversas possibilidades -, eu disse para eles: "Vejam, aqui estão *vocês*, em mim...", pois a sensação de ser eu, a sensação do *estou aqui, Doeg*, seria sua também se os genes se tivessem combinado de modo diferente e se vocês, com sua forma e estrutura individuais, tivessem nascido, e não eu. Portanto, o que nasceu desses repositórios de milhões de anos de subdivisões dos genes foi um *sentimento*, uma consciência, foi a autoconsciência: *aqui estou eu*. E essa consciência mais tarde recebeu o nome de Doeg, embora eu tenha usado muitos nomes em minha vida. Aquele *sentimento* especial nasceu com esta forma, estilo e conjunto de atributos herdados, e poderia ter nascido como qualquer um daquela multidão de outros, as possibilidades que, aos olhos da minha mente, aí estão, e estiveram, como fantasmas, sorrindo talvez com alguma ironia, vigiando a mim, que *tive a sorte* de conseguir. Mas eles são eu e eu sou eles, pois o que nasceu foi o sentimento de ser eu... Desliguei-me, afastei-me, então, por algum tempo e voltei dizendo: - ...Contudo, Johor, você diz, e naturalmente se você diz é verdade, tem de ser verdade, que esta coisa preciosa na qual me agarro quando digo *estou aqui, Doeg*, o sentimento de ser eu, de ter, e tudo o que vejo em sonho, e reconhecerei como eu mesmo quando morrer, deixando tudo isto para trás, esta coisinha preciosa, tão pequena, pois ao despertar em uma profunda noite escura de um sono tão profundo é preciso algum tempo para que a gente saiba onde está e quem é, tudo isso é da gente, das lembranças da gente, da vida da gente, dos amores da gente, da família, e filhos, e amigos da gente - tudo o que existe é este pequeno sentimento, *aqui estou eu*, o sentimento do *eu* - porém não é absolutamente partilhado, tem de ser, pois como pode ser possível haver tantas variações e graus de auto-identidade quanto indivíduos neste nosso planeta? Não, deve ser por que, embora eu não saiba, esta consciência, este *aqui estou, isto sou eu*, esta sensação que não posso comunicar para ninguém, assim como ninguém pode absolutamente comunicar a quem quer que seja a atmosfera de um sonho, por mais familiar que nos pareça, por mais próximo que esteja de nós, ou por quantas vezes se repita durante uma longa vida - esta sensação, ou gosto, ou tato, reconhecimento, ou memória - esta auto-identidade - é, ainda assim, bem conhecida dos outros. Mas eles talvez não saibam quem mais partilhe este pala-

dar ou tato em especial - esta classe, grau, ou tipo de qualidade de consciência. Quando estão comigo, eles não sabem que partilho o que eles são, seus sentimentos de si mesmos; e eu, quando estou com eles, não tenho conhecimento de que somos a mesma coisa. Também não podemos saber quantos somos, se muitos, se poucos, nem quantos graus, tipos ou espécies desses estados de consciência existem. Neste nosso planeta, existirá um milhão de identidades diferentes? Meio milhão? Dez? Cinco? Ou será que todos nós partilhamos da mesma qualidade de autoconsciência? Não, isso é difícil de acreditar - porém, por que não? -, pois sabemos tão pouco sobre o que somos, o que, na realidade, invisivelmente, somos de fato. Tanto pode haver um milhão de qualidades diferentes de consciência, que é tudo o que somos quando despertamos no escuro de um sono profundo e não podemos nos mover por alguns momentos, muito menos sabemos onde e por que estamos - quanto dez ou cinco. Mas Johor, quando você olha para este planeta com seus olhos de Canopus, talvez não nos veja de forma alguma como indivíduos, mas sim como um composto de indivíduos que partilham da qualidade que os faz, que nos faz, realmente um só. Você olha para nós e não vê as miríades de formas, mas conjuntos completos, como nós, quando olhamos para a água do nosso lago, ou para o céu, vemos grupos, bandos, cardumes e enxames, cada qual formado por uma multidão de indivíduos que se julgam únicos, mas cada qual formando, como podemos ver com nossos olhos superiores, um todo, uma entidade, que se move como um todo, vive como um todo, age como um todo, pensa como um todo. Talvez o que você vê em nós seja exatamente isso, um conglomerado de grupos, coletividades, mas essas coletividades não precisam ser... parece-me, enquanto reviro, aqui sentado, estes pensamentos, Johor, sem que você diga uma palavra... mas eu não poderia pensar nisso ou em nada parecido se você não estivesse presente... parece-me que os todos, ou grupos, ou coletivos, não precisam estar geograficamente próximos ou contíguos, mas que, talvez, um indivíduo que tenha o mesmo sentimento de si mesmo ou de si mesma, exatamente como eu ao acordar no escuro, depois de um sono profundo, sem saber nada do seu passado, da sua história, sem lembranças, pois exatamente naquele breve espaço de tempo - esse indivíduo pode ser alguém que eu jamais tenha conhecido, pode estar morando numa cidade do outro lado do planeta onde jamais estive e jamais estarei. Pode ser até uma pessoa que me desagrade, que me cause repulsa, ou alguém por quem eu me sinta atraído, pois nessa questão de antipatia e simpatia tudo depende do acaso, e às vezes é difícil determinar a diferença entre atração e repulsão, gostar e não gostar. Mas que dimensão acrescenta ao ato de viver esta minha ideia - *ou será sua*, Johor? - de que, enquanto sigo no meu trabalho e nos meus negócios, cuidando disto ou daquilo, fazendo o que deve ser feito, encontrando centenas de pessoas por dia, nessas pessoas seja possível que esteja encontrando não estranhos, não o desconhecido, mas a *mim mesmo? Eu mesmo*, tudo o que realmente sei de mim mesmo, este sentimento do *aqui estou eu, eu estou aqui* - tudo o que nos resta quando acordamos no escuro com os membros por demais pesados de sono, incapazes de nos fazer lembrar onde estamos, o que estamos fazendo ali, em que quarto estamos acordando. Johor, você disse que o terrível sentimento de isolamento e solidão que me invade, quando compreendo que nunca, por mais que tente, poderei transmitir para outra pessoa a atmosfera, a *realidade*, a natureza real de um cenário de sonho, esses cenários nos quais vagueamos em sonho e que são mais reais do que nosso despertar - você diz que esse isolamento deve ser atenuado, deve ser eliminado, se compreender que outros também devem usar esses cenários em seus sonhos e encontrar-me lá, como eu me encontro com eles, embora jamais, talvez - ou muito raramente - possamos saber disso quando nos encontrarmos durante o dia, e

assim também, minha solidão é atenuada quando reflito que, ao dizer *eu aqui estou, isto é o que eu sou*, este sentimento, ou sensação, ou gosto de *mim* - falo por... nem sei quantos outros. Por outros, isso é certo. Nesse sentimento de identidade há, precisa haver, partilha, companheirismo. Nunca mais voltarei a despertar de um sonho profundo, como água negra, no qual tenha estado submerso de forma tão confiante, tão terrível e maravilhosa - de forma tão confiante quanto esses animaizinhos se encostam em nós, entregando seu desamparo e pequenez a nós, tão grandes e desconhecidos para eles - sem pensar, enquanto sinto outra vez: *Aqui estou, esta é a consciência de mim*, de todos os outros, que são eu, que são eu mesmo, embora eu não saiba quem são eles, nem eles quem sou... é muito estranho, Johor, nos sentirmos parte de um todo muito maior do que nós, nos sentirmos desaparecer quando começamos a pensar, ou a falar, dissolvendo-nos em algum cerne, ou essência - e essa parte interior, central, dissolvendo-se também, afastando-se, mudando, enquanto falamos, pensamos ou contemplamos, algo diferente... O que sou, então, Johor, aqui sentado nesta pilha de sacos se mi congelados, que exalam o odor delicioso daquele nosso verão perdido, meu corpo mal acomodado dentro deste imenso casaco de pele, minha mente repleta de pensamentos que vêm de algum lugar, flutuam à minha volta, como se eu fosse uma espécie de peneira ou rede para apanhar pensamentos, que são parte de mim por algum tempo e, depois, se afastam? Olho para você e sei que, nessa pessoa que me parece desconfortável, doentia e pálida, não muito diferente de mim, absolutamente nada vejo de você, nada sei: sei apenas, porque minha mente me diz, que este é Canopus -, e que está tão além do que posso conceber, que simplesmente tenho de desistir de pensar. Sinto minha pessoa, penso em mim mesmo; e quando faço isso, eu me dissolvo, desapareço, fico sem nada, nada, nada - a não ser que eu seja o vento que sopra nos espaços imensos que há entre os elétrons, entre os prótons e seus assistentes, espaços que não podem ser preenchidos com *o nada*, pois o nada é *nada*...

E mergulho novamente no sono, onde sempre me esperam a inquietação sombria e a segurança, e do qual sou arrancado outra vez, de volta ao barracão gelado, para a companhia de Johor. Ele observava os animaizinhos, todos despertos agora. Estavam abrindo um saco, com seus dentes brancos e cortantes, espalhando pelo gelo do chão os galhos secos e pedaços de verde e de azul desbotados, e rolando, e brincando e saltando entre eles. Johor olhou-os e sorriu, sorriu para mim, e eu retornei da escuridão dizendo para mim mesmo: *Aqui estou, Doeg*, e depois: *Aqui está o sentimento do meu eu, que compartilho com meus amigos desconhecidos, meus outros eus*.

Alsi também estava no barracão, percebi naquele momento, afastada de nós dois. Tinha alguma coisa nas mãos grandes, que estavam sem luvas, e lamentava-se, um pouco inclinada para a frente. Um dos filhotes estava doente, ou morrendo, e Alsi tentava reanimá-lo com a vitalidade que ainda lhe restava nas mãos geladas. Ela se balançava, sem perceber, para trás e para a frente e de um lado para o outro, e compreendi que era um protesto ou uma queixa do seu corpo muito sofrido, uma afirmação de que ainda existia nele uma vida forte e pronta para lutar, assim como uma expressão de dor de sua mente. E pensei outra vez que corpos e mentes estão ligados intimamente, um afetando o outro, contudo, nos vastos espaços entre as pulsações, que são as partículas das partículas das partículas das unidades do nosso ser físico, não há sinais de... dor, por exemplo, ou de amor. Amor, amor era o que se lamentava ali em cada pedacinho do grande mas macilento corpo de Alsi, pois ela sabia, como demonstrava sua terrível dor, que essa morte significava outras mortes: os filhotes dos seus dois bichinhos de estimação, aqueles filhotinhos tão alegres e lindos, logo

estariam mortos, pois não podiam suportar aquela vida.

- Você já percebeu, Johor - disse ela, no mesmo tom pesado de acusação que eu às vezes usava com ele -, que não existem mais seres jovens no nosso planeta? Os bezerros nascidos no verão morreram, não eram bastante fortes, e agora não nasce mais nenhum... e lá fora, nas gaiolas, só há adultos. Não consigo fazer com que se reproduzam, nada que eu faça pode mudar o que estão sentindo... ou o que sabem. - E ela chorou amargamente, o rosto encostado na criaturinha peluda em suas mãos geladas, já morta e começando a enrijecer.

Johor não disse nada, apenas a contemplou.

Quando Alsi se acalmou, disse, ainda desesperada, mas em voz baixa:

- O que vamos fazer? Quando os rebanhos se extinguirem, quando morrerem os animais adultos, não teremos o que comer. Oh, vou ficar satisfeita, satisfeita, pois estou tão enjoada dessa carne que o último pedaço que tiver de mastigar vai ser uma festa mesmo que signifique o meu fim...

Percebi então que alguma ideia lhe passava pela cabeça, pois mudou de expressão e pareceu não nos ver por algum tempo, mas os olhos da mente estavam voltados para seu íntimo. Finalmente ela suspirou e voltou-se para nós. Cuidadosamente colocou no chão o pesado e frio volume que até poucos momentos atrás tinha sido um lindo animalzinho que brincava em torno de nós, e olhou longa e fixamente para outro, que havia parado de brincar e estava encolhido e tremendo junto a seu pé. Inclinou-se, fez-lhe um carinho terno e a mágoa endureceu as linhas do seu rosto, mas ela não o apanhou do chão.

- Alsi - disse Johor. - Quero que deixe Alsi de lado agora e se torne Doeg.

Ela ergueu os olhos para Johor. Frequentemente trocávamos de atribuições, fazíamos diferentes tipos de trabalho, tornando-nos, assim, Representantes daquilo que fosse necessário no momento: portanto, não era novidade para ela "tornar-se Doeg", pois Alsi tinha sido Doeg recentemente, quando na sua vez de se lembrar e reproduzir em palavras experiências que nós todos precisávamos fixar e fazer com que nossos registros ficassem em ordem. Ela falara sobre a viagem às terras de gelo ao polo mais frio, de pé entre nós, os Representantes, que ouvíamos atentamente. Enquanto isso estava sendo feito, ela era Doeg.

- Quero que volte, em sua lembrança, a infância e que descreva seus sentimentos naquela época, o que pensava e como via a sua vida.

E Johor apanhou um dos animaizinhos ainda saudáveis que logo começou a lamber-lhe e morder-lhe alegremente os dedos neles esfregando o focinho. E Johor sentou-se ali com ele, pondo-o devidamente sobre os joelhos. Seu ronronar satisfeito encheu o barracão gelado, e seus olhinhos azuis e doces tinham a expressão maravilhada da criança que faz novas descobertas: - Oh, que mundo maravilhoso! Fantástico! Extraordinário! Lindo! Vejam o que posso fazer com ele! Olhem só! E ali, mantido dentro do casaco pesado de Johor, estendeu uma pata branca para fisgar um bloco de neve que penetrara, flutuando, entre os interstícios do teto, e então, quando o floco desapareceu no meio da pele, o animalzinho espreguiçou-se e bocejou, com um prazer sensual em todos os seus movimentos, e adormeceu, com os músculos relaxados da maneira mais encantadora, o focinho apoiado nos dedos de Johor.

Johor olhou ternamente para a moça de cujos olhos corriam lágrimas ardentes. Ela empurrou para trás o capuz de pele, como se estivesse confinada e, no mesmo impulso, sacudiu o casaco para fora dos ombros. Sob ele Alsi vestia camadas de roupas gastas e esfarrapadas dos nossos dias de calor e de riso; e suas mãos puxaram e rasgaram, como se num impulso não dela, e continuou ali sentada, seminua, no seu ninho de peles gastas.

Naqueles dias não víamos nossos corpos despidos, nem os dos outros. Em parte por causa do frio terrível e em parte por vergonha. Não acredito que Alsi tivesse a intenção de se desnudar daquele modo, mas estava sendo arrastada pela dor. Seus olhos fixavam-se na criaturinha entre as mãos de Johor, cuja imobilidade não era mais a quietude viva do sono, mas uma rigidez completa. As mãos dela se estenderam para o animalzinho num gesto selvagem e instintivo que dizia: - Não, não, não, eu salvarei você, e depois recuaram, ergueram-se até os cabelos dele e seus olhos surgiram fixos e imóveis entre seus pulsos.

- Alsi - disse Johor, depositando o pequeno corpo ao seu lado, no chão coberto de gelo.

- Nasci... nasci, mas não posso me lembrar, e você sabe disso, mas acho que dei prazer a todos, como este pequeno animal acabou de nos dar, por causa do meu encanto que eu mesmo ignorava. E cresci... mas não me lembro como, sei que foi sob seu comando e com seus cuidados, Canopus, pois essa é a essência da nossa vida e do nosso ser. E a cada dia aprendia mais e mais sobre mim mesma, pensando muitas vezes: *Aqui estou eu, esta é Alsi* - e essa percepção de mim mesma não estava tanto em meu corpo, naquele tempo, embora me desse prazer, quanto em outro lugar qualquer... talvez em *você*, Canopus... mas, na verdade, não nos compete saber, não é certo? Contudo, lembro-me como voltaria a mim mesma, criança ainda, cheia de espanto, de prazer, maravilhada, exatamente como estava até poucos momentos atrás esta pobre coisinha morta. E então, subitamente, algo aconteceu, meus seios apareceram e...

Sentou-se, os olhos fixos por algum tempo à sua frente; depois seus punhos baixaram de ambos os lados do rosto e suas mãos tocaram de leve apenas uma vez a parte superior do peito e então com incredulidade e repulsa, desceram... o que pudemos ver foi a pele amarela bem esticada sobre as costelas, cada osso bem visível e... onde estavam seus seios? As mãos continuaram a descer, os olhos fixos, inconscientes, à frente dele, que abriu mais a roupa e vimos duas bolsas muito magras pendentes da parte inferior do peito, e essas bolsas terminavam em pequenos nódulos rígidos, e na pele desses nódulos, vimos estrias marrons - os mamilos. Ela tomou os nódulos com as mãos grandes e ainda fortes e depois, largando-os, explorou com as mãos os ombros, onde os ossos e as juntas apareciam claramente sob a pele esticada.

Alsi já não chorava mais, nem lamentava, mas seu rosto tinha a expressão de quem só procura aceitar o impossível. O corpo de mulher, envelhecido, muito envelhecido, murcho pela fome, estava ali exposto, e o rosto aberto para nós: macilento, pálido, os olhos negros encovados. No entanto, havia no encovado perto das órbitas uma certa vulnerabilidade, algo ainda fresco e jovem, e eu pensei, corajosamente. "Bem, quando nós, os Representantes, formos retirados daqui, quando pudermos comer outra vez, como precisamos comer, então Alsi será jovem novamente, não é tarde demais e..." Mas este pensamento mergulhou nas profundezas de minha mente e não se acomodou como devia. Não, pensei, não é isso, não é, não devo inventar essas histórias e ilusões, não devo me consolar pensando em como os outros poderão ser consolados.

Ela ajeitou de novo as roupas esfarrapadas sobre os ossos cobertos de pele e agasalhou-se no casaco pesado, puxou o capuz para a cabeça e voltou a ser pouco mais que decididos olhos escuros espiando em meio a abrigos nervosos e emaranhados.

- Alsi! - disse Johor.

- Está bem! Eu nasci... e agora devo morrer. Não, Johor, se quer que diga como vejo minha vida, então é assim que ela é cada vez mais... É como a vejo... Diga,

quando você olha sua vida que vai ficando para trás, você... não, é uma pergunta inútil, sei disso antes mesmo de perguntar. Vocês vivem muito mais do que nós, para vocês, quando nos olham, devemos ser o mesmo que essas criaturinhas são para nós, de vidas tão curtas... ou como são para elas um inseto da neve! Ainda assim, vou perguntar, Johor, pois não me sai da cabeça, não consigo deixar de pensar e de imaginar como você, o seu povo, suas mentes de Canopus, como vivem suas lembranças. Pois é sobre isso que deseja que eu fale agora, não é? Lembrança, um tipo de matéria fina e transparente, tudo o que resta de uma vida já vivida? Você sente como se sua vida não tivesse nenhuma substância? Não, naturalmente que não, mas ainda assim, tenho de perguntar. Será que você sente que poderia afastar suas lembranças num simples soprar? Pois é assim que vejo minha vida, como um trapo jogado a um canto, ou o fragmento de uma teia muito colorida, as cores se diluindo enquanto olho: lembrança... lembranças, pois aí não há nada de minha vida! Sim, sei que vou morrer mais cedo do que deveria em condições normais, mas se uma vida é alguma coisa, então um terço de vida é alguma coisa e eu já atravessei um terço da minha. Não é nada, minha vida; um pequeno sonho. Juro, Canopus, quando desperto de um sono, por vezes meus sonhos me parecem mais vividos do que minha vida. E, *contudo*, é aqui que preciso pensar, meditar, e ainda assim não compreender; mesmo quando começa um dia, é como se fosse uma montanha a ser escalada, um peso que devo empurrar encosta acima, algo a conter todo um peso de dificuldade. Às vezes, quando acordo, não consigo enfrentar o longo e difícil dia à minha frente. Muitas vezes, no meio do dia, as propriedades de resistência e peso que ele contém me esmagam, levando-me de volta ao sono nem que seja por poucos momentos. É algo que me alivia a carga de estar... consciente. Sim, de estar desperta para a textura e a substância do dia, como um pedaço de pano que está sendo tecido, que deve ter os desenhos escolhidos, e que não podemos *deixar* de tecer, não podemos recusar concluí-lo, pois é uma tarefa que nos foi determinada. Às vezes, permaneço numa daquelas gaiolas lá fora, com a neve caindo à minha volta em uma de suas múltiplas formas - leve ou espessa, caindo de viés ou em linha reta, úmida ou seca, em migalhas ou em grandes e macios aglomerados de flocos -, olho então e sinto como se cada passo que dou até aqui, onde está o alimento, e o trabalho de carregá-lo e espalhá-lo depois de verificar como estão os animais da neve, quantos são, e se algum morreu... sinto como se tudo fosse muito difícil, Johor, como se cada átomo do meu corpo estivesse sendo aprisionado por uma grande força. No entanto faço tudo isso... e depois digo: - Está feito, consegui fazer aquilo, terminei aquela tarefa - e a próxima tarefa me espera: reunir os outros que fazem Alsi para que procurem alimento para os animais, ou o que quer que tenha de ser feito. Durante o dia todo, um esforço penoso depois do outro, e então o dia termina e a noite abençoada chega, e retomo o olhar para o dia... e ele passou! Uma mancha pequena e colorida de pensamento, algumas imagens em rápida sequência, uma cena em que me vejo numa das gaiolas, com os animais à minha volta, esperando pela comida, ou vejo-me andando com os ombros curvados no meio a uma nevasca, e talvez a sensação de frio pelo pescoço ou de dormência nos pés gelados. Um dia! A lembrança de um dia! Um dia tão difícil de ser preenchido e que, quando termina... nada! Uma vida... lembranças de uma vida. Será, Canopus, que alguma coisa está defasada, fora do encaixe? Cada vez me parece mais impossível, mais *errado*, que o verdadeiro ato de fazer algo, vivê-lo, tenha como sombra um registro tão fugaz e tão incerto: a lembrança. E insisto em perguntar a mim mesma: é por isso que precisamos de Doeg? O que é Doeg senão uma tentativa talvez desesperada, e até mesmo trágica de tornar mais forte a lembrança, esta sombra desbotada? Uma tentativa de dar às nossas lembranças

ças mais substância? Isso é que é Doeg... e por que quer que eu seja Doeg, neste momento?

- Não tenho certeza do seu nome quando faz essas perguntas, mas sem dúvida não é Doeg!

Ela sorriu, compreendendo, e ficou por algum tempo calada, pensando.

- Muito bem - começou -, mas tenho a impressão de que tudo o que devo lembrar é tão... *nada*, Johor, e tudo já se foi, desapareceu sob o gelo... Quando tomei consciência de mim mesma, quando assumi o sentimento do *aqui estou eu*, estava com meus pais, em nossa casa. Você nos visitou uma vez. Morávamos numa Cidade pequena, de um grupo de cidades pequenas que se ocupavam da fabricação de tecidos. Cada cidade era conhecida por alguma coisa. A nossa de fato, fazia tecidos. A cidade do outro lado do vale fabricava as máquinas de tecelagem. No outro lado da nossa colina ficava uma cidade em que todos trabalhavam na produção de corantes para tecidos. Alguns eram naturais, que nós mesmos descobríamos e retirávamos de plantas, argilas e pedras; outros artificiais, e foi Canopus quem nos orientou para a descoberta de como desenvolver os corantes. Outra cidade próxima fabricava todas as qualidades de linhas e fios. O conjunto de cidades cresceu assim, sem nenhum plano prévio, e agora, quando penso em tudo daquele tempo, o que me chama a atenção é a naturalidade com que tudo crescia e acontecia. Mas houve uma mudança, não houve, Johor? Em determinado momento nossas vidas, em vez de continuarem sendo função do que nos rodeava, evoluindo do que já havia, tornaram-se mais... conscientes, será essa a palavra? Podemos usar essa expressão para um modo coletivo de encarar...

- Alsi... - disse Johor.

- Sim. Está bem. Cresci como todas as crianças cresciam então. Aprendíamos tudo o que precisávamos saber com os adultos com os quais convivíamos. E agora eu devo dizer que tudo era inconsciente, Johor! Tanto da parte das crianças como da parte dos adultos! Isso foi antes da vinda de Pedug...

- Não, antes de Pedug achar que era necessário um nome.

Ela pensou por um momento e depois fez um gesto afirmativo.

- Certo. Pois naturalmente é preciso ensinar às crianças tudo o que é necessário... e o que é necessário tem de mudar. Todos os adultos eram Pedug, pois as crianças aprendiam dos adultos com a mesma facilidade com que respiravam. Mas então houve uma mudança quando você, Canopus, trouxe o instrumento que tornava visíveis as coisas muito pequenas. Sim, Canopus, foi nessa época que terminou uma certa espécie de naturalidade e de descuidada alegria. Não foi exatamente pelo fato de vocês terem trazido apenas alguns desses instrumentos, pois, naturalmente, não poderiam trazer um para cada família, nem mesmo um para cada cidade! Não, vocês trouxeram tantos quantos lhes foi possível, mas, para que todas as pessoas do planeta pudessem usá-los e aprender do que éramos realmente feitos, os instrumentos tinham de ser levados de cidade em cidade. Por Pedug. E pela primeira vez crianças e jovens deixaram o círculo formado por seus pais e adultos amigos e se reuniram como crianças aprendizes, para aprender em hora e lugar determinados. Sentaram-se então ao redor de Pedug e foram instruídas. E que extraordinário, que mudança vital, Johor! Naturalmente você sabia disso e havia calculado tudo e estava certo de que o que estava acontecendo iria mudar o modo como víamos a nós mesmos. Pois, antes, as crianças jamais se afastavam dos pais, parentes e amigos, todos responsáveis por elas, e mal sabiam exatamente o que estavam aprendendo, pois o conhecimento lhes era oferecido em toda a parte, o tempo todo, de todos os modos possíveis. Eu, por exemplo, que conheço tudo o que há para saber sobre os processos da

fabricação de tecidos, não posso dizer como aprendi! Mas, quando me sentei em um vasto espaço para ouvir Pedug, que me fez olhar através do instrumento, observar o que estava lá e pensar naquilo que estava vendo... oh, Johor, então realmente tudo mudou! Nós nos conscientizamos de que estávamos aprendendo e de como aprendíamos... e isso foi na mesma época em que vimos a substância de nossos corpos e descobrimos que ela desaparecia, enquanto a observávamos, e ficamos sabendo que éramos uma dança, um deslumbramento, um constante movimento vibrante, uma corrente. Ficamos sabendo que éramos em grande parte espaço e que, quando levávamos as mãos ao rosto e sentíamos a carne, era uma ilusão, e que embora nossas mãos estivessem sentindo uma solidez morna, na verdade uma ilusão estava tocando outra ilusão - porém, Johor, durante toda a minha vida, que naturalmente vai ser tão curta, e talvez nem mereça o nome de vida... mas você vai dizer agora que estou divagando outra vez, afastando-me do assunto, que não estou fazendo o que você pediu! Mas, Johor, isso não será por si mesmo uma prova do que lhe estou dizendo? Simplesmente não consigo me concentrar em algo que parece um sonho muito curto e (pelo menos no começo) delicioso...

- Você morava com seus pais numa casa em...?

- Nasci em Xhodus, uma das quatro cidadezinhas que fabricavam tecidos. Quando eu era pequena, meu pai e minha mãe trabalhavam nos processos da tecelagem, embora, mais tarde, ambos tenham se tornado Pedug, passando a viver constantemente fora de casa, viajando por todo o planeta com o novo instrumento, ensinando as novas formas de ver e de pensar. Eu tinha dois irmãos e duas irmãs, e estávamos aprendendo as artes do nosso grupo de cidades. Quanto a mim, na época em que meus pais me colocavam em contato com todos os tipos de lugares e situações, para chegarem a uma conclusão quanto à minha natureza, fui levada para uma fazenda, a uma hora de caminhada, que produzia para as tecelagens. Eu, meus pais e as outras crianças passamos algumas semanas na fazenda; meus irmãos e irmãs, porém, não se interessaram por nenhum dos trabalhos locais, mas eu me interessei. Disse a meus pais que queria ser Alsi, ser uma das encarregadas da criação de animais em crescimento. E foi o que passei a ser, muito jovem ainda, pois ia frequentemente à fazenda, e combinamos que lá começaria meu aprendizado quando chegasse a época e esperava passar minha vida lá. Mas então veio o frio... e agora, toda aquela vida, as cidades, os animais, as árvores - tudo, todas as coisas jazem sob o gelo. É assim que eu o vejo: um sonho enterrado ali sob o gelo, algo que não tinha substância; e contudo era vida, era viver, era um longo e complexo processo de viver que... Mas era uma vida boa, real e honesta, não era, Johor? Nada de que tenhamos de nos envergonhar agora? Ainda que seja uma forma absurda de falar, pois, como pode alguém se envergonhar de algo que *não escolheu*, nós não escolhemos nossas vidas, nem como nos desenvolvemos, como nos transformamos. Pois estávamos nos transformando, sei disso agora, antes mesmo de vocês nos trazerem os instrumentos através dos quais tínhamos de olhar e descobrir que nossos egos, que o modo que sentíamos nossas individualidades, era tudo ilusão. E talvez aquelas mudanças nem fossem todas boas. Como sabermos agora? *Pois não consigo recordar exatamente!* Converso com outros que foram jovens comigo, isto é, os que ainda estão vivos, ou que ainda se movimentam por aí tentando trabalhar a despeito das nevascas, e todos nós temos lembranças diferentes. Não é estranho, Johor? Assim, embora todos concordem que sim, houve mudanças e que essas mudanças poderiam ser definidas dizendo-se que uma forma da inocência estava desaparecendo de nossas vidas, dizendo-se que surgia um novo tipo de auto-conscientização, mesmo antes da chegada dos novos instrumentos, não podemos chegar de forma alguma a acordo quanto à

natureza dessas mudanças. Pergunto: - Lembra-se de alguma coisa? E eles respondem: - Não, mas você deve se lembrar...? Johor, há algo intolerável em tudo isso, dá para você ver? Para concordar?...

- Alsi - disse Johor.

- Sim. A casa onde nasci era como todas as outras daquele tempo. Construíamos uma casa em poucos dias e umas cem pessoas ou mais vinham ajudar. Realizávamos festas e festivais, quando achávamos que estava na hora de ter uma nova casa. Podia-se fazer uma casa só de juncos ou tábuas finas de madeira amarrados com cordas. Telhados e paredes eram sempre móveis, para que pudessem ser abertos ou fechados de acordo com o vento ou com a chuva. Assim, a aparência da casa alterava-se várias vezes por dia, as paredes eram abaixadas ou levantadas, os telhados abertos, e as pessoas entravam e saíam durante todo o dia e toda a noite, pois não tínhamos regulamentos rígidos determinando quando devíamos dormir, de dia ou de noite. Era uma vida comunitária, muito flexível, muito fácil, e a convivência era descontraída. E notei que, desde a vinda do frio e das dificuldades que ora enfrentamos, somos ríspidos uns com os outros, criticamos e exigimos, e a ideia de punição nos vem à mente com frequência, o que nunca aconteceu antes. Isso é o que penso da maior parte de nossa vida antiga, na sua fluidez, sua adaptabilidade, casas, ruas e cidades modificando-se como se modificam as plantas, voltando-se para ou contra a luz. Penso em como desmanchávamos uma casa hoje, e amanhã outra estava construída. Em como, na fazenda, mudávamos de lugar os viveiros dos animais diariamente; penso no modo pelo qual até os armazéns e locais que deveriam ter uma certa solidez estavam sempre sendo reconstruídos. Mas lembro-me também como ao ser construído o novo prédio para a maquinaria que acabava de ser inventada para tecer o pano mais depressa, nós todos ficamos em volta dele, e nos sentimos pouco à vontade e ameaçados. Não como os prédios que conhecíamos, cheios de luminosidade e sombras cinza-azuladas e arejadas pelas brisas, prédios cuja forma podíamos alterar puxando uma corda ou atravessando um biombo: não, era feito de pedra e terra e tinha um telhado espesso, portanto, já um desafio para o nosso antigo modo de vida, muito antes do frio, antes do Gelo, e então eu imagino...

- Alsi, fale de você mesma como se fosse outra pessoa, como se estivesse contando uma história. Escolha algum caso do qual possa se lembrar, qualquer um.

- Você quer um caso, Johor! Uma historinha! Como receio esses pequenos casos que nossas lembranças armazenam! A mãe de meu pai e o pai de minha mãe foram morar conosco. Os dois velhos precisavam de alguém que os ouvisse o dia todo. Nós costumávamos nos revezar nessa tarefa. Era sempre a mesma coisa a ser lembrada. Os dois velhos ficavam ali sentados - não juntos, pois a mulher gostava do sol, e o homem preferia a sombra, e além disso velho gosta da companhia dos jovens e não de outro velho -, ficavam ali sentados e, quando um de nós ia escutá-los eram evocados sempre os mesmos incidentes, com as mesmas palavras: uma vida. Uma enfiada de uns poucos incidentes, sempre os mesmos. Nós, crianças, escutávamos as mesmas palavras pela décima, centésima, milésima vez. Uma vida. O que tinham comido em determinado dia quase cem anos antes. O que alguém havia dito cinquenta anos antes. Repetidas e repetidas vezes. Memória... E agora você quer que eu crie uma memória que certamente vai aborrecer meus netos, mas certamente não vou ter netos, portanto não há perigo! Muito bem, Johor. Em noite morna e agradável, saí da fazenda para visitar minha família, e no caminho aconteceu algo inesperado. Não tinha andado mais de alguns minutos quando vi à minha frente... Eu me vejo andando ali na estrada, uma menina de uns doze anos. É uma menina alta, bem magricela, tem um pano verde brilhante amarrado na cintura e um pano vermelho sobre

os seios que mal começam a apontar. Leva da fazenda um presente para os pais, um pouco de carne preparada. A carne atrai alguns pássaros que se reúnem no ar acima dela. A princípio ela não repara neles e continua a andar balançando o cesto muito orgulhosa da própria aparência nas novas roupas coloridas e os seios que começam a despontar. E então de repente vê sombras que se movem à sua volta, rápidas, na trilha e na relva. Ergue os olhos e vê, pairando no ar, bem acima dela, os grandes pássaros, as garras encolhidas, os bicos agudos voltados para baixo. Ela grita e ouve a própria voz fina e esganiçada e ouve o grito longo de um dos pássaros, seguido da resposta de outro. Os pássaros estão agora batendo as asas à volta da sua cabeça, tentando assustá-la. A menina sente a quente aragem no rosto, provocada pelas asas, sente o cheiro morno e azedo. Não vai deixar que lhe levem o seu cesto, de modo algum. E nisso um pássaro voa na direção de seu rosto e, por breve momento, pousa-lhe na cabeça. Ela sente as garras agudas no couro cabeludo, deixa cair o cesto, foge correndo, olha para trás, e vê três pássaros instalando-se ao redor da carne que caíra do cesto. A menina berra todo tipo de desaforos - seus bichos nojentos e gulosos, suas coisas horríveis - e eles partem no ar azul, as garras carregadas de grandes nacos de carne vermelha, deixando o cesto vazio caído na terra escura. Ela apanha o cesto e prossegue seu caminho para casa, já formulando na cabeça as palavras com que terá de contar tudo aos pais - e por causa disso, por ter feito o esforço de escolher as palavras certas, que fariam do acontecido no caminho entre a fazenda e a cidadezinha um relato interessante e cheio de emoção, de modo que todos, pais, irmãos, avós, amigos, vizinhos, se aproximariam, escutariam e talvez dissessem: - Pobre Alsi, você deve ter passado um susto. - Por causa disso, o incidente fixou-se na lembrança da menina, de modo que ela pode vê-lo tão claramente como se estivesse na beira da estrada, observando a jovem caminhar orgulhosa com suas cores brilhantes, e como os pássaros vieram em bando do alto, combinaram tudo e mergulharam no ar morno até planarem bem acima da menina, prontos para lutar com suas fortes asas abertas.

- Continue desse ponto, Alsi. Procure se lembrar do que aconteceu quando chegou em casa e quando acabou de contar sua história, quando as pessoas voltaram a atenção para outros assuntos. Pode se lembrar como...

Mas não escutei mais do esforço de memória de Alsi, pois a porta se abriu num golpe de vento e uma mensageira entrou. Bratch precisava da minha ajuda. Eu devia me tornar Bratch por algum tempo, como Alsi tinha se tornado Doeg, e saí para o vento que soprava diretamente das terras acima da nossa muralha numa rajada contínua e feroz.

Tropeçando nas camadas soltas de neve, apoiando-me na jovem que fora me chamar, enquanto ela se apoiava em mim, abrimos com dificuldade nosso caminho para além dos limites da cidade e pela erna tundra adentro, onde só se via a neve impetuosa, e assim, lenta e penosamente, rumo à próxima cidade.

Quando chegamos, a tempestade de neve havia cessado. A cidade estava quase toda enterrada sob a neve. Caminhamos por entre a neve solta e sufocante, bem acima da primeira fileira de janelas, nas quais, em alguns lugares, podíamos notar movimentos e empurrões como se, por toda a parte, criaturas tentassem sair da casca de um ovo. Chegamos a um prédio onde a neve espessa e macia alcançava o primeiro teto, mas haviam escavado um túnel que descia até a porta; descemos por ele e entramos numa sala usada para reuniões e debates, agora repleta de pessoas sentadas - não deitadas naquele semi-mortal sono letárgico -, esperando por mim e pelos outros de cidades vizinhas. Pois surgira um novo perigo, que logo verifiquei pessoalmente, pois saímos todos para a manhã de sol frio e pálido a brilhar distante num

céu fosco e desbotado. Mas nossos olhos não se dirigiam para o alto, para essa visão sem dúvida rara - o sol, num céu sem nuvens -, mas para a muralha que passava exatamente nos limites desta cidade. Acima dela erguiam-se as ameaçadoras e já conhecidas cristas e prateleiras de gelo. Mas a própria muralha estava rachada de alto a baixo, preto sobre branco, pois sua parte interna não se cobrira ainda de gelo nem estava fosca. Aquele negror agressivo nos espantou, e ficamos ali, os olhos parados, vendo a rachadura aumentar num gemido áspero, e lascas de gelo voarem por todo lado, ameaçando nossos pobres rostos descobertos, enquanto nuvens de neve despencavam do alto da muralha. Subitamente a própria muralha abaulou-se e sua parte superior despencou sob o terrível peso do gelo, caindo quase a nossos pés; as prateleiras de gelo projetaram-se para a frente, empurrando o muro para baixo, e então encontramos-nos na pequena praça central da cidade, a geleira precipitando-se na direção dela. Naquele lugar, a muralha não existia mais. Tinha desaparecido.

Todos nós sabíamos o que ia acontecer, e o perigo que representava para nosso povo. Antes mesmo de me terem chamado e aos outros que deviam ser Bratch por algum tempo, já tinham ido de casa em casa, insistindo para que todos saíssem e procurassem outras acomodações, fugindo da muralha, agora uma ameaça. Mas eles nem se mexeram, não conseguiram sair da letargia. Os reservatórios de estimulante água congelada com flores e folhas brilhando estavam abandonados; afinal, só os poucos ainda em atividade tinham feito uso deles.

Tivemos de fazer com que todos despertassem e abandonassem as escuras cavernas, agora suas casas, para pensar em novos abrigos, e rapidamente, pois já podíamos ouvir o ranger e o ronco do gelo acima de nós, arrastando-se e deslizando na direção do ponto fraco da nossa muralha, que desmoronava cada vez mais depressa de ambos os lados da rachadura, agora completamente cheia de gelo.

Nosso problema, mais sério do que como construir novos abrigos, era o medo. Pois algo novo, impossível e mortal tinha acontecido: Canopus havia se enganado, sua palavra tinha sido invalidada, negada. A muralha, a nossa muralha, que havia absorvido tanto da nossa força e substância, que estava ali por causa de Canopus e que fora construída exatamente de acordo com as instruções de Canopus, estava rachada, e se neste local era quase certo estar desmoronada, em outros locais também estaria, sem que soubéssemos, sem que provavelmente nunca viéssemos a saber, pois as viagens eram agora difíceis e lentas. A muralha estivera ali para nos salvar do gelo, e isto porque Canopus viria nos levar para o belo Rohanda, nosso paraíso, cuja estrela-mãe tantas vezes havíamos procurado pelo céu, para admirá-la com nossos olhos e com nossas mentes. Mas a muralha não ia nos salvar... e Canopus, sob a forma de Johor, um ser faminto e semi-congelado como nós mesmos, sentado sobre uma pilha de peles sujas e pesadas em um barracão, conversando com a pobre Alsi, que era agora Doeg - mas por que, para que, por que, por que, por que... *por que estava se dando a esse trabalho?* - era isso que devia estar em nossas mentes. Olhávamos então para o ponto em que o gelo tinha forçado e desmoronado nossa muralha invulnerável, inconquistável. Se a muralha desabara sob a violenta investida do gelo, então Canopus havia se enganado e isso significava... e aqueles entre nós, os Representantes, e os representados, que estiveram conversando embora cada vez menos, sobre paraísos e salvação e as naves espaciais que breve, muito breve, chegariam para nos tirar dali, calaram-se, não mais falaram em salvação... Contudo, apesar do desânimo e do desespero sentido agora por todos nós, que sabíamos que todos sentiam, era preciso verificar, avaliar a nossa situação e despertar os sonolentos e aturdidos que não conseguiam ou não queriam acordar. *Mas para que?* Sabíamos todos, agora, em nossos corações, cada um de nós, que eles seriam desperta-

dos e estimulados, se conseguíssemos fazê-lo, para nada, pois as naves espaciais não iriam chegar. No entanto, Canopus queria assim. Johor deixara isso bem claro e definido. Tanto quanto possível, queria cada indivíduo de pé e alerta e não sonolento e inconsciente. Assim, ainda que não conseguíssemos ver sentido nisso, nem mesmo alguma espécie de crueldade, uma vez que o sono e a letargia eram uma proteção, e como o povo não quisesse enfrentar o que estava acontecendo, tínhamos de fazer o que ele queria. O que Canopus queria...

Nós, os que estávamos alertas, deixamos o centro da cidade, horrivelmente ameaçado pela geleira, e voltamos para o espaço sob a neve, onde sentamos, comendo nossa escassa ração de carne-seca, enquanto pensávamos em como fazer para que todos despertassem e trabalhassem. Nossos únicos recursos eram as pequenas reservas de gelo que continham o princípio da planta de verão, e como só podíamos pensar nisso, sabendo que as exortações no sentido de "Canopus afirmou..." seriam agora inúteis, começamos a partir os blocos de gelo em pedaços cada vez menores. Amontoamos esses blocos em bandejas que foram levadas por uma equipe a cada uma das cavernas escuras e malcheirosas sob a neve. Eu, carregando o medicamento heroico - eu, como Bratch -, entrei numa sala com outros, que eram Bratch, e acordamos os que dormiam e, quando cada um despertava resmungando, um braço protegendo os olhos agora desacostumados até mesmo da tênue luminosidade que trazíamos do pálido exterior, nós nos púnhamos de pé, enfiávamos os pedaços de gelo em suas bocas e nos certificávamos de que engoliam a água. Assim que a cor lhes voltava às faces e começavam a se debater com mais vigor contra nós, fazíamos com que se erguessem e subissem os degraus e caminhassem através das massas de neve que cobriam as casas até o centro da cidade, ameaçada pela imensa língua de gelo. Multidões desses infelizes estavam ali, piscando, erguendo o olhar para a muralha desmoronada... a muralha que não podia desmoronar - pois tinha sido recomendada por Canopus, mas que desmoronara - e depois para a geleira, que aos poucos avançava em nossa direção. Eles olhavam, assustados, depois viravam as cabeças de um lado para o outro (pois a vitalidade conferida pela água era pouca) e a maioria dava sinais de querer voltar para baixo da neve, para o sono. Como é forte aquele impulso profundo e sombrio para o sono, para a morte, para o aniquilamento; como é terrivelmente poderoso em todos nós - pois, como eles eu o senti. Deitei-me amortecido por minha própria indiferença sob os abrigos empilhados e só fui salvo porque outros me acordaram com sacudidelas, lutaram comigo e me forçaram a enfrentar de pé a gelada luz do dia. Fazer com que se mexessem e ficassem de pé o tempo suficiente para que o princípio ativo do líquido desse nova vida a todos os seus tecidos era o que tínhamos a fazer e fizemos, ainda que usando toda a nossa força, física e moral, para evitar que voltassem para trás e mergulhassem nas trevas. Lutamos com eles, e logo grupos deles começavam a trabalhar, arrastando em cima de trenós e de tudo o que deslizesse sobre a neve, pás e enxadas, carne-seca e peles, para fora daquele cidade, para bem longe, onde pudéssemos construir novos abrigos com a própria neve, pois de nada mais dispúnhamos. O desânimo deles!... a atordoada confusão!... a indiferença deles! Tínhamos de lutar, exortar, ajudar. Longas filas de pessoas saíram cambaleantes da cidade, e continuaram em lento movimento até a chegada da noite com outra tempestade de neve. Mas os fizemos prosseguir, e o dia amanheceu claro, sem neve, embora as nuvens passassem escuras, baixas e rápidas acima de nós. Mais uma vez caminhamos o dia todo e naquela noite fomos ajudados por um céu onde podíamos ver algumas estrelas distantes, fracas, muitas vezes encobertas pelas nuvens. Isso nos encorajou a seguir em frente. No dia seguinte, quando estávamos a uma distância segura, fizemos pequenas casas de

neve e blocos de gelo, nas quais se entrava arrastando-se através de um longo túnel. E em todas havia pilhas de peles e pequenas luzes fracas, feitas com sebo dos rebanhos e reservas de carne-seca. Cada casa abrigava quatro, cinco ou mais pessoas, que imediatamente mergulharam na letargia, pois o efeito do estimulante estava passando. Estavam vivos, estavam salvos... por algum tempo. Pelo tempo que fosse necessário... *necessário para quê?* E nós, os Bratch, cuidamos para que em cada abrigo ficasse uma pessoa mais animada do que as outras, embora isso não significasse muito, e demos a cada uma delas a responsabilidade de manter os habitantes das casas de neve acordados uma parte do tempo, sem permitir que mergulhassem no último sono. Não deviam, não deviam - e quando seus olhos procurassem os nossos, com um: *Por que, para quê?* - tentaríamos demonstrar uma certeza e uma confiança que não sentíamos, pela incapacidade nossa de dizer-lhes: - Porque Canopus ordenou.

Deixando este pequeno acampamento semi-enterrado na neve, partimos para outra cidade próxima, do outro lado daquela em que Johor ainda ouvia a história de Alsi como Doeg. Verificamos que a muralha estava ainda firme, embora o gelo crescesse com tamanha fúria por cima dela, que sem dúvida não aguentaria por muito tempo. E recomeçamos a tarefa cansativa e penosa de acordar as pessoas, obrigando-as a se movimentar e a construir novos abrigos.

Quando essa outra cidade foi evacuada e o povo posto "a salvo", o mais longe possível, fomos para a seguinte... e para a seguinte... onde encontramos novamente Bratch, Bratch, o médico, empenhado em acordar e tranquilizar, pois em toda a extensão da muralha haviam surgido rachaduras negras, e então ela desabara e o gelo já começara a forçar a abertura, e as pessoas estavam sendo retidas das suas cidades para longe das terras geladas acima da muralha. Assim trabalhamos todos, equipes completas, muitos de nós, os Bratch trabalhávamos para salvar corpos e mentes. E não havia um só de nós que não perguntasse para si mesmo, silente e em segredo: - Para quê? Para quê? Uma vez que esta gente vai morrer aqui, nas suas casas de neve, e apenas um pouco mais tarde do que se tivessem ficado em suas próprias casas e cidades. Pois somente nós, os Representantes, seremos salvos... Mas esse pensamento, dava para perceber, não lançava raízes nas mentes dos Representantes, assim como na minha não podia encontrar guarida, voltando a apresentar-se ao meu consciente como algo recusado. Não, o que rejeitávamos não era uma falta de justiça: o fato de que nós, uns poucos, seríamos salvos, e os outros não, ficando sepultados num planeta de gelo, pois *a. justiça* não é algo fácil de compreender. Acontecia, simplesmente, que havia algo na *substância* do pensamento, em sua textura e qualidade, inaceitável para nossas mentes. Em nossas novas mentes... pois compreendíamos que tudo em nós era novo, era recém-criado, recém-formado mudado. Enquanto nos esforçávamos, lutávamos, exortávamos e forçávamos os pobres condenados para que saíssem de sua letargia abençoada e salvadora, estávamos sendo transformados, molécula por molécula, átomos por átomo. E nos vastos espaços inimagináveis entre as partículas das partículas das partículas dos elétrons, nêutrons e prótons, entre as partículas que bailavam, deslizavam e vibravam? Sim, nestas delicadas teias, ou rendilhados, ou grades de pulsações processavam-se mudanças além do nosso controle. Que não podíamos calcular ou medir. Pensamentos - mas onde estavam eles, nos espaços vazios do nosso ser? - que tínhamos outrora aceitado com tolerância, ou com aprovação, como necessários, estavam agora sendo rejeitados pelo que nos havíamos tornado.

Depois de termos conduzido os habitantes de mais uma cidade, ou vilarejo, para longe da muralha mortal que estava sendo esmagada pelo gelo, para a extensão ge-

lada e branca onde apenas minúsculos abrigos de gelo os protegiam das nevascas, e onde, mais cedo ou mais tarde, eles seriam cobertos pela neve, não víamos qualquer diferença entre a nossa situação e a deles. Nós, o povo do Planeta 8, representados e Representantes, resistimos. Nossa ideia era de que eles estavam sendo mudados por aquilo que tínhamos de fazer; de que nós estávamos sendo mudados por fazermos com que continuassem vivos, quando prefeririam muito mais ter-se libertado, contra o nosso esforço comum, na morte.

Assim nos empenhamos, nós, os Representantes, que eram, de vez em quando, Bratch, o médico e às vezes Zdanye, os que protegiam e abrigavam, pois não sentíamos que pudéssemos usar a palavra Masson, o construtor, em relação a este nosso trabalho, o de fazer com que se construíssem as pequenas cabanas de gelo. E imaginávamos se, num mundo de apenas neve e gelo - pois acreditávamos que tais planetas existissem na vastidão da nossa galáxia - os habitantes chegariam a viver satisfeitos, por não conhecerem mundo melhor. Aqueles entre nós que haviam sido levados a outros planetas durante nossa preparação para Representantes tinham visto tal variedade, tais rigores, tais situações inesperadas, que podíamos acreditar na existência de seres felizes em seus mundos gelados, como nós nas terras ensolaradas e privilegiadas do nosso planeta, onde a ocorrência de ventos frios bastava para a composição de histórias para nossos filhos. Sim, lembrava-me dos Doeg - meus pais, as pessoas mais velhas, viajantes - começando uma crônica com: "Assim, meus amigos, procurem imaginar que naquele dia um vento muito frio soprou subitamente no céu, formando e desfazendo as nuvens, açoitando violentamente as águas do nosso oceano, que se levantavam em ondas da altura de pequenas colinas. Sim, é verdade, foi assim. E então..." E os olhos pensativos dos jovens... Enquanto nos ocupávamos com a remoção dos habitantes das cidades, recebemos a notícia de que o nosso oceano - nosso pequeno lago - estava congelado e que era quase impossível conseguirmos o alimento que ainda restava em suas águas. Fui com alguns outros, como Rivalin, os Guardiões do Lago, enfrentando longas e demoradas nevascas, que abrandavam à medida que descíamos e nos afastávamos das terras centrais, até entrarmos na vastidão cinzenta de colinas e vales, com o lago como um espelho frio e brilhante, e dele desviávamos os olhos o mais possível, pois o branco, branco, branco voltava a invadir nossas mentes e nossa vista, até sentirmos nossos pensamentos sendo obscurecidos por seu não-acabar. Sim, mesmo estes tons cinza e as rochas cobertas de geada, o solo, marrom e salpicado de cristais brancos, repousavam-nos. Assim chegamos com passo incerto até o lago, onde pudemos ver ao longe, no meio, uma pequena e misteriosa atividade humana, uma azáfama, cercada de frenética premência. Caminhamos então sobre o gelo escorregadio, sem pensar que nunca o fizéramos antes, até vermos que se abria uma grande cavidade no gelo, do tamanho de um lago, a água negra, agitada e enlameada dentro de rígido círculo de gelo, e nela balançavam-se muito perigosamente pequenos barcos, com linhas e redes pendentes de suas bordas. Em toda volta da cavidade, de margens mais altas que o mais alto de nós, estavam aqueles encarregados de quebrar o gelo, uma vez que a água continuava endurecendo, formando uma camada fina, depois flocos, e depois lençóis de gelo. Mas a água congelava-se mais depressa que a faina de quebrar-lhe a crosta.

Dos pequenos barcos retiravam-se enormes quantidades de seres do mar, que eram atirados sobre o gelo e, depois, transportados dali em trenós. Era muito pequeno o suprimento - o último alimento a nós fornecido pelo nosso oceano. Vi como alguns apanhavam esses bichinhos da água ainda se contorcendo, lutando pela vida no ar enregelante e metiam-lhes os dentes quando a fome por alimento fresco os

oprimia e dominava tudo o que havia neles de controle ou abstenção. Senti também uma necessidade dolorosa e ávida por aquele tipo de alimento e deixei-me arrastar pelo gelo até as margens do lago, as mãos estendidas, a boca ávida, sentindo antecipadamente a salgada frescura de mastigar aquela carne - mas interrompi-me antes de apanhar um de cima do gelo e meter-lhe os dentes. Outros também, como eu, lançaram-se para o alimento, mas pararam - e todos nós, a pensarmos naqueles que morriam à míngua em suas casas de gelo ou continuavam a trabalhar, famintos.

No entanto aquilo que se espalhava ao nosso redor nas margens de gelo não poderia sustentar vivos mais que uns poucos por muito pouco tempo - e enquanto ficávamos ali parados, o céu baixou numa densa névoa branca, a neve começou a cair, branqueando o negror da água, e, depois, não havia mais o negror, mas um turbilhamento negro e cinza, e logo depois o açude, ou lago, estava congelado, e os barcos presos no gelo. Mas viam-se as pessoas que trabalhavam nos barcos quando elas estenderam os pés para fora da embarcação para testar a nova camada de gelo, ficaram de pé em cima dele, e correram depressa por ele - pois a fina camada cedia e rangia sob eles - até as margens, onde tinham de saltar cada vez mais até que suas mãos encontrassem apoio firme nos montes de gelo, e nós pudéssemos puxá-los para cima. E lá ficamos, pela última vez como Rivalin, os Guardiões do Lago, lá ficamos por um longo tempo, pensando nas nossas águas sagradas, sob o gelo, e nos poucos seres vivos que ainda restavam, presos agora, com o frio sufocante acima deles e o branco descendo cada vez mais, secando-os para baixo, empurrando-os para o fundo lamacento e matando-os quando toda a água congelasse.

Pareceu então, quando nos voltamos para partir, que todo o céu à nossa frente se tinha transformado em uma muralha ou penhasco de água congelada, pois tudo era um branco rígido do zênite aos nossos pés, e, olhando à frente através dele, não conseguíamos ver nada, nem mesmo o elevado e fendido topo da muralha. Muitos de nós achavam que não havia motivo algum para mergulharmos de volta naquela enregelante névoa branca, para a inevitável morte. Mas prosseguimos na caminhada, e, quando chegamos ao primeiro grupo de cabaninhas de gelo, e nos arrastamos para dentro de uma delas, tossindo e piscando os olhos por causa da fumaça oleosa de gordura queimada, um rosto surgiu dentre as pilhas de peles, e uma voz disse:

- Estiveram aqui. Está na hora de os Representantes descenderem até o polo. É verão lá outra vez.

O homem tossiu, o rosto desapareceu na escuridão de uma manga peluda, e nós, arrastando-nos de costas pelo túnel, ficamos todos juntos numa cavidade no meio da tempestade, pensando nas flores azuis e nos suaves e viçosos tons verdes do verão anterior. Encontramos os trenós que haviam transportado as criaturas mortas do mar, e enviamos mensageiros em plena nevasca para avisar que iam ser feitos novos suprimentos da planta mágica azul - e cinquenta de nós, Representantes, viajamos, descendo sempre, à procura do verão. Tornamos a viajar no estreito espaço entre o agressivo lençol branco de nuvens e o encapelado branco da terra, o vento às nossas costas, e outra vez nos amontoávamos nas noites escuras no interior de tocas de neve que fazíamos quando a luz começava a desaparecer. Parecia-nos que o pavoroso negror das noites estava mais curto e tínhamos a impressão de que logo estaríamos nas terras do verão. Olhávamos para a frente sempre que alcançávamos uma elevação ou colina, forçando os olhos e a mente, tentando penetrar o espesso branco, procurando ver finalmente surgir um brilho azul no céu, ou mesmo um cinza-pálido. Foi quando compreendemos que havíamos passado pela região onde, no último verão, a neve tinha terminado e começara a se estender a tundra. A neve ainda nos envolvia. Prosseguimos com dificuldade, até que, do topo de uma montanha, vimos

o pilar, obelisco ou coluna que assinalava o polo, e à volta dele, mas numa pequena área, o verde acinzentado do pântano. Não havia absolutamente flores, nenhuma vegetação. Nem sinal algum dos rebanhos. Mas não tínhamos força moral para perguntar por eles, pois o que estávamos vendo, sabíamos, era o fim do planeta. Era ali que teríamos de aceitar, finalmente, o fim dos nossos esforços, planos, e da nossa longa resistência. Quando chegamos onde a neve se tornava menos espessa, ou formava pequenos baixios ou bancos amarelados, como áspera areia encharcada, e desenhava apenas listras e pontos na relva empapada e em brejos - ali é que acampamos, tentando nos convencer de que o sol distante tinha ainda algum calor. Olhamos para a alta coluna, a um dia de marcha de onde estávamos e só conseguimos ver a terra escura com esporádicas áreas verdes, ou manchas ou pontos cinza.

Tínhamos pouca comida, apenas alguns pedaços de carne-seca. Mas não queríamos comer. Era como se, enquanto esperávamos, sem saber o que pensar ou o que pretender, tivéssemos já ultrapassado o limite da necessidade de nos alimentar ou de trabalhar pelo próprio sustento, ou de manter nossos pobres corpos exauridos e despojados que tremiam de frio dentro dos espessos casacos de pele que não tínhamos tirado - pois o calor não era suficiente para abrímos mão deles. Nossos olhos eram atraídos para o alto e delgado pináculo da coluna que Canopus ali havia assentado - e por tanto tempo empregado - para orientação de suas naves. A absoluta perfeição de proporções, o equilíbrio, até o modo como tinha sido colocada numa certa relação com a encosta das colinas e o céu, nos falavam de Canopus, Canopus - e não deste planeta; e o que estava em nossas mentes enquanto ali esperávamos, contemplando extáticos a coluna, era apenas Canopus, que vinha nos salvar.

No entanto eu sabia muito bem que nenhuma nave estava para chegar - sabia-o agora como nunca anteriormente, com serena e definitiva convicção, que estava dando origem - sim, à esperança. Mas uma esperança de tipo estranho para mim. Acreditar como tínhamos acreditado, e por tanto tempo, ou, pelo menos parcialmente, que um dia nosso céu reluziria e se iluminaria por toda a parte, enchendo-se de naves canopianas, e que *então* todo o nosso povo sofredor encontraria a salvação "nas estrelas" - isso era uma confiança no futuro. Mas não um futuro que seria a continuação do nosso passado. Uma mudança completa se operou em mim quando, finalmente, abandonei a velha esperança e o velho sonho e olhei fixamente para a perfeição daquela coluna alta e negra que ainda refletia as luzes do céu, assim como a nossa muralha já tinha refletido quando limpa e sem gelo. Dentro de mim nasceu um principiozinho de força e autoconfiança, que senti ser indestrutível e tornar-se cada vez mais poderosa. Essa força era o que eu era - eu, Doeg. E através dela, como pássaros e nuvens cruzam o céu sem absolutamente modificá-lo, transitavam minhas emoções. Entre elas, muito fraca e até mesmo ridícula, estava uma conhecida: *Um dia Canopus virá e nos salvará...* Olhando para os rostos dos meus amigos, rostos que eu conhecia tão bem quanto o meu, olhando nos olhos deles, que, às vezes, me pareciam tão meus quanto deles, tive a impressão de estar ali vendo o que eu já conhecia de verdadeiro sobre mim mesmo. Mesmo quando um deles dizia: Talvez venham amanhã! e outro respondia: - Ou depois de amanhã, ou na próxima semana... O verão ainda vai durar alguns dias ou semanas! - era como se tais palavras surgissem da parte mais superficial deles e eles nem mesmo estavam completamente conscientes do que diziam. Percebia, através de seus olhos, suas mentes ocupadas com outros tipos completamente diversos de pensamento, ou conjuntura ou - mesmo - convicção.

É simplesmente notável como as ideias penetram uma mente, ou mentes: num minuto estamos pensando sobre isto ou aquilo, como se não fosse possível nenhum ou-

tro pensamento: logo depois, são crenças e possibilidades completamente diversas que chegam a nós. Como isso acontece? Como é que chegam essas novas ideias, pensamentos, conceitos, crenças, tomando o lugar dos antigos, para serem logo substituídos, é claro, também por outros?

Eu sabia, quando esperávamos, trêmulos de frio dentro de nossos agasalhos, com os fracos raios de sol no rosto, que, enquanto meus companheiros murmuravam: - Canopus virá, seremos salvos, e os outros retalhos e pedaços de nossos velhos sonhos - mudanças estavam se processando neles, das quais não tinham consciência.

Assim, ficamos ali, juntos, na vertente da colina, que tinha trechos de relva e plantas rasteiras e resistentes, com as terras nevadas às nossas costas, de onde sopravam ventos cortantes e gelados. Nenhum de nós parecia demonstrar a menor disposição de se mexer, ou de falar sobre nossas responsabilidades para com nosso povo, ou discutir o que deveria ser feito - se sair em busca dos rebanhos desaparecidos, ou enviar mensagens sobre esse desaparecimento, ou outras coisas que normalmente nos teriam posto em pé e em ação.

Muito mais do que aos tristonhos espaços de pântano e tundra ao redor da colina, estávamos observando uns aos outros. Cada vez mais nossos olhos se encontravam, inquisidores, pacientes - como se não nos conhecêssemos a todos como de fato ocorria; tão bem que a qualquer momento podíamos trocar de funções e, num certo sentido, um passar a ser o outro. Perscrutávamos olhos e rostos como se houvesse neles muito mais a ser descoberto do que poderíamos supor. Logo tínhamos formado um círculo irregular, todos olhando dentro e não fora dos pequenos espaços do nosso "verão". Voltávamo-nos para dentro, como se a verdade disponível para nós estivesse ali, entre nós... em nós... no meio de nós. No fato de estarmos ali juntos, daquele modo, num momento extremo.

Assim fomos encontrados mais tarde por Alsi e Johor, que surgiram da vasta extensão branca, demonstrando nos passos incertos e escorregadelas nos acidentes do solo todo o cansaço que sentiam. Deixaram-se cair entre nós e ali ficaram, os olhos fechados. E vimos como a pele amarela estendia-se sobre os ossos dos seus rostos.

Esperamos que Alsi abrisse os olhos e se sentasse, e logo Johor fez o mesmo.

Perguntei a ela:

- Então, como se saiu como Doeg? Ela respondeu, sorrindo:

- Doeg, enquanto eu falava, era como se tudo o que tinha acontecido comigo, todos os meus pensamentos e sentimentos, tudo aquilo que eu acreditava que tivesse de ser, estivesse sendo posto em palavras, palavras, palavras... separadas, acondicionadas e mandadas para longe... Sim, Doeg, eu-Doeg vi Alsi fazendo isto e aquilo, sentindo-se assim ou pensando daquele modo - e quem era Alsi? Eu a observei, vi a mim mesma me movendo entre todos os outros... e agora, olhando para mim mesma como Doeg, ali sentada no barracão com Johor, eu me vejo, e vejo Johor, duas pessoas sentadas, juntas, conversando. E quem era Doeg? Quem, Doeg, é Doeg? E onde estão agora Alsi e Doeg... pois o que resta de nós todos agora? E para quem você, eu, ou qualquer outro estará contando nossas pequenas histórias, cantando nossas pequenas canções?

Ela olhou para mim sorrindo, depois para Johor, que escutava apoiado no cotovelo, e, depois, para todos os outros. Lentamente seus olhos foram de um para outro, e todos nós retribuímos ao seu olhar. Quando Alsi voltou para nós, com Johor, nosso pequeno grupo já estava muito mais consciente de si mesmo, da sua situação. Nós nos *sentíamos*, com a mesma clareza com que víamos, numa fria encosta do monte, sob o céu baixo, frio e atormentado, meia centena de pessoas reunidas, cinquenta montes de peles sujas e grossas de animais, dentro das quais ossos tiritantes e car-

ne, e pensamentos e sensações também (mas onde estavam, o que eram?). Estávamos amontoados ali, escutando os protestos, a fúria e as ameaças da nevasca no horizonte ao nosso breve verão, que não passava de Um curto espaço ou tempo na situação extrema do nosso planeta, pois as geadas do inverno iminente começavam a se fazer presentes. Preto no branco, pequenas partículas brancas no solo negro, migalhas e cristais brancos espalhados pelas rochas, pela relva verde-acinzentada e sobre as plantinhas rasteiras e secas - e no ar ao redor de nós, os flocos brancos, poucos ainda, pairando, refletindo a fraca luz do sol, esvoaçando e mergulhando para pousarem com a geada sobre a terra. Bem no alto, sob pesadas nuvens brancas de grandes fendas negras, voavam em círculos os grandes pássaros da neve, branco sobre branco.

- Se você não é mais Alsi - disse eu -, isso significa que os animais da neve estão mortos?

- Todas as gaiolas estão vazias agora, todas.

Nós todos olhamos, percebendo então que isto era o que estávamos fazendo, para suas mãos: aqueles nós de ossos finos, antes tão grandes e capazes, que cuidavam tão bem dos pequenos, dos fracos, dos sensíveis.

E ela estava olhando para Johor. E com um olhar difícil de descrever. Para começar, nele não havia nada de súplice nem de necessitado. O que havia, e extremamente forte, era o reconhecimento dele, de Canopus.

- Não sou mais Alsi - disse ela para Johor. - De modo nenhum, com nenhuma possibilidade. - Isto pareceu quase como uma pergunta, que, imediatamente, ela mesma respondeu. - Em alguma outra parte está Alsi, em outro lugar, em outro tempo. Alsi não pode desaparecer, pois Alsi é e deve ser constantemente recriada. - Mais uma vez ela pareceu esperar que Johor falasse, mas ele limitou-se a sorrir. - Embora não os possamos ver, porque é dia agora, e a luz do sol lá em cima obscurece esta verdade, nosso céu está repleto de estrelas e de planetas e neles existe Alsi... lá estou eu, pois assim deve ser.

- Pois assim deve ser - repetiram em coro vozes do nosso grupo.

- Então, se esta não é Alsi, quem sou eu, Johor, e qual é o meu nome?

Eu disse para Johor:

- Doeg conta histórias e canta canções em todos os tempos e em todos os lugares, por toda parte as pessoas usam sons para se comunicar, portanto, se eu não sou mais Doeg, então Doeg ainda é, talvez, quando as trevas descenderem...- E as trevas estavam descendo, enquanto conversávamos, e estrelas pequenas e distantes surgiram no céu - ...erguendo os olhos, estamos contemplando mundos onde Doeg está em ação, pois Doeg tem de *estar*. Mas quem sou eu, Johor, e qual é o meu nome?

Então Klin, o Cultivador de Frutas, o Guardiã dos Pomares:

- Não existe um pomar, uma árvore frutífera ou fruta em parte alguma deste nosso mundo, nada sobrou de toda aquela beleza e fertilidade, e, portanto, Klin eu não sou, pois Klin era o que eu fazia... Klin está ocupado em outro lugar qualquer, lá Klin enxerta um galho no outro, Klin poda, combina e cria, e faz com que os galhos se encham de flores e depois, de frutos. Mas não aqui, em nenhuma parte deste mundo, e portanto, não sou mais Klin. Qual é o meu nome? E Bratch:

- A habilidade da minha mente e das minhas mãos está operando agora, operando em todos os lugares onde haja criaturas de carne e músculos, sangue e ossos. Bratch é necessário, portanto, Bratch deve *estar*, porém não aqui, pois aqui nada mais tem a fazer, uma vez que em todo este nosso mundo nossa gente está morrendo em suas casas de gelo. Bratch não sou, pois Bratch era o que eu fazia... e qual é o meu nome, Johor, qual é o meu nome?

E Pedug:

- Onde as espécies se reproduzem, onde crianças nascem continuamente, para substituir os que têm de morrer, lá está Pedug, pois Pedug tem de *estar*. Pedug é recriado sempre e em toda a parte, em todo o tempo e lugar onde Pedug for necessário. Portanto, Pedug não está perdido e desaparecido, porque Pedug não mais existe em nosso planeta. Mas eu não sou Pedug, Johor, e... qual é o meu nome?

E assim continuou, com cada um de nós, e a escuridão nos envolvia pesadamente, e o canto, ou canção, ou lamento continuou noite adentro, um após outro dentre nós perguntando a Johor, perguntando, querendo saber onde, como e por quê, mas respondendo nós mesmos, respondendo tudo o que nós mesmos queríamos saber, mas terminando sempre com a única pergunta para a qual não tínhamos resposta, pois estava além de nós: o que sou eu, quem sou eu, e qual é o meu nome? Ou, *qual era o nosso nome?* - nós, os Representantes, que já não representávamos mais nem artes nem habilidades, nenhuma função ativa, mas que estávamos ainda ali sentados, com frio, pequenos e tão poucos, naquela encosta durante a noite, durante toda a noite - e então o sol pálido brilhava fracamente, um brilho cinzento de céu acinzentado, e não restava cor em nenhum lugar, pois a neve havia caído lenta e silenciosamente, e a alta coluna colocada por Canopus lá se erguia da neve fresca e macia, da qual surgiam as pontas das plantas rasteiras e a relva morta e seca.

- Um de nós ainda tem nome - declarou Alsí, quando nos calamos, visto que todos tinham falado.

- Mas Marl não está aqui - disse alguém. - Os Guardiões do Rebanho não estão aqui.

- Nem os rebanhos, mas não podem estar em lugar nenhum.

Ficamos ali reunidos durante todo aquele dia, com a neve caindo mansamente à nossa volta, pois Johor não disse nada e não sabíamos o que deveríamos fazer.

Quando a luz se extinguiu, para mais outra noite, três vultos chegaram cambaleando, saídos das trevas, e caíram no meio de nós, respirando funda e penosamente, e depois dormiram por algum tempo, enquanto nós velávamos. Eram Marl, e até que falassem, aquela fase especial da nossa reunião não se completaria.

Era alta noite quando acordaram descansados e nos contaram a respeito dos rebanhos - sim, ouvimos Doeg por algum tempo, Marl como Doeg, e isto foi o que nos contaram.

Aquele grande número de animais enormes e famintos cada dia se aproximavam mais uns dos outros, à medida que a neve caía e se espalhava ao redor, formando um curral natural com barrancos de neve, uma barreira que os animais não pareciam dispostos a vencer, uma vez que todo o alimento que restava para eles no planeta inteiro estava nesta pequena área ao redor da alta coluna negra. O feno guardado no último verão não durou muito, e eles voltaram às plantas secas e às relvas amargas, depois à terra semi-vegetal. E a neve continuava a se acumular em volta deles, que logo se viram encostados uns aos outros, milhares deles, uma multidão, e sem nada para comer. Muitos morreram e os que sobreviveram foram levados pela situação em que se encontravam a uma demonstração de inteligência que ninguém acreditaria possível neles: empurravam os animais mortos do meio dos vivos com seus chifres que eram tão pesados e - assim nos haviam parecido, quando vimos os animais pela primeira vez - tão inúteis: qual poderia ser a utilidade deles? Contudo, aqueles chifres haviam revolvido a terra, quando se fez necessário comê-la, haviam arrancado raízes, revirado grandes pedras na desesperada procura de alimento, e finalmente tinham sido usados para retirar seus mortos do que lhes restava de espaço utilizável.

Então, ficaram por algum tempo olhando fora para o mundo da neve, todos eles,

as caudas voltadas para o centro. E Marl, observando-os das vertentes da colina, angustiado por não poder ajudar os pobres animais, percebeu que de todos os lados do rebanho grupos pequenos, depois cada vez maiores, estavam escapando. Durante dias seguidos observaram como o rebanho que ficara no polo diminuía, e continuava a diminuir, à medida que os animais escapavam. Mas para onde estavam indo? Não tinham lugar algum para se abrigarem! Mas continuavam a sair. Mugindo e cambaleando, batendo os pés no solo enquanto seguiam, raspando-os com varreduras e ceifadas dos chifres, como se quisessem danificar e maltratar aquilo que não os poderia mais alimentar, com os olhos vermelhos, congestionados e furiosos - os animais estropeavam em todas as direções, fugindo de seu último pasto, e então sua partida, que fizera tremer a terra, ficou silenciosa, pois a neve profunda abafava o som dos incontáveis cascos. Os homens que observavam das colinas ouviram o mugido lamentoso dos rebanhos à medida que estes se precipitaram nevasca adentro... e logo nada restava nas proximidades do polo, apenas a terra negra revirada pelos chifres, cheia de excrementos e completamente devastada. Não ficou animal nenhum, nenhum. Então os três Marl, separando-se, acompanharam os rebanhos através das densas nevascas, embora não lhes fosse tarefa fácil, pois não deixavam nem rastro na pesada neve. Afinal cada um desses Representantes chegou a uma área habitada e pensou que talvez os animais tivessem esperado encontrar ali algum alimento, ou pelo menos a companhia dos homens. Quem poderia adivinhar o que se passaria nas mentes desses animais condenados, ou o grau de esperança ou inteligência que a situação lhes estaria exigindo? Mas não, os animais tinham chegado no maior tropel às antigas cidades e vilas, vazias então, atravessando-as sem parar, a não ser quando algum deles sentia necessidade de punir ou ferir, como tinham feito nas terras do sul, nos velhos pastos, raspando o solo com os chifres - dessa forma golpearam as paredes dos prédios, gaiolas e viveiros com os chifres, e pisotearam o que podiam, deixando a impressão de termos sido nós quem havíamos destruído tudo antes da partida. E continuaram o caminho... sem destino. No local em que o muro desmoronara, abrindo passagens para as terríveis terras das nevascas eternas, os animais haviam escalado os montes de neve e ficaram à espera, do outro lado, completamente brancos agora, o pelo pesado de neve, o bafo branco no ar branco, até que todos os do grupo tivessem atravessado. Reunidos, como se tivessem posto em execução algo previamente planejado, juntos dispararam para o norte, mugindo e se lamentando, para a morte certa.

Marl, em várias aberturas ao longo do muro, feitas pelas geleiras, viu a cena, viu os rebanhos partirem atrás da morte. Tendo visto e compreendido, reuniram-se outra vez e, então, compreendendo que de nada adiantava seguirem os rebanhos, pois já deviam ter sido engolidos pelas nevascas, viajaram lentamente para onde sabiam que deveríamos estar. Nós, os Representantes, sentados na nevada encosta da colina, esperando. Esperando afinal por eles, por Marl, que não era mais Marl, pois não havia mais nenhum animal vivo em parte alguma do nosso planeta, nenhum, e assim, em algum outro lugar Marl estava trabalhando, tinha de trabalhar; em outros tempos e lugares Marl *era* e tinha de *ser*; Marl usava sua arte de acasalar e combinar e criar, alimentar e cuidar. Marl não podia deixar de ser, pois Marl era necessário. Mas aqui, conosco, no nosso planeta gelado, Marl não era.

- Então, Johor, se não somos mais Marl, qual é o nosso nome? Pois, embora eu saiba que não sou o que eu era, não sou Marl, uma vez que eu era o que fazia. Bem, agora não faço coisa alguma, mas aqui estou, sou alguma coisa, estou aqui sentado em meio à neve que cai, com todos nós, olho para você, Johor, você olha para nós, para mim... e me sinto aqui, aqui; tenho pensamentos e tenho sensações... mas

onde estão eles, o que são estes pensamentos, estas sensações, nestes envoltórios de ossos congelados e carne fria? Assim, não sou *nada*, Johor, mas o que sou eu? Se tenho um nome, qual é ele?

E assim foi com todos nós, Johor, com os Representantes, ali sentados na encosta fria da colina, enquanto a neve caía, caía e caía, alcançando levemente nossas cinturas, e logo a mortalha branca nos alcançava os ombros, e primeiro um, depois outro, nos levantamos lentamente, saindo da neve como quem sai da água, sacudindo flocos, fragmentos e torrões brancos por toda a parte, e logo estávamos todos de pé, com a neve macia pelo meio das coxas, e continuando a cair, caindo sem sinal algum de cessar. Permanecemos um de frente para o outro, entreolhando-nos. Nem uma palavra sobre Canopus, ou sobre salvamento - tudo isso nos pareceu pertencer a uma infância longínqua, e mal podíamos nos lembrar de como tinham sido os dias da nossa juventude, e agora nossos pensamentos voltavam-se para uma necessidade muito diferente. Então nós nos postamos de modo que todos, cada um de nós, dessemos as costas ao extremo sul do nosso planeta, assinalado pela esguia e reluzente coluna negra que começava, no entanto, a acinzentar-se na parte superior com a geada, de modo que logo estaria quase invisível onde se encontrava, em meio às camadas brancas do solo e às nuvens de neve. Voltados os olhos para o norte, começamos a caminhar ao mesmo tempo, como se não houvesse outra coisa a fazer, como se tivéssemos de obedecer ao que nos fora ordenado, ao inevitável - nós, como os rebanhos desfalcados e famintos antes de nós, dirigíamos-nos para os reinos do inverno; mas era um inverno que logo iria cobrir tudo, que iria exigir tudo, e nosso pequeno planeta ficaria ali girando no espaço, todo branco e cintilante, enquanto o sol e as estrelas se refletissem nele, e depois, inteiramente congelado, sem nenhum ser vivente - que novo processo se iniciaria, uma vez terminados os processos de congelamento? Pois nada pode ser estático e permanente, não seria possível que nosso pequeno mundo continuasse girando ali no espaço, inalterado, um planeta de neve e de gelo. Não, iria prosseguir, aumentando de tamanho como uma bola de neve em movimento, ou se transformaria em algo completamente diferente, tornar-se-ia um mundo que não podíamos sequer imaginar, com nossos sentidos sintonizados como estavam para o Planeta 8, e nem mesmo para este Planeta 8, o congelado, mas para o antigo e maravilhoso mundo de antes d'O Gelo... Não, mudanças que nem podíamos imaginar iriam se processar (deveriam) naquele nosso mundo, mas não nos preocuparia, pois não estaríamos mais aqui.

Prosseguimos lentamente, de frente para os ventos congelantes que nos açoitavam sem piedade, sem cessar, dia e noite; prosseguimos gelados, vazios, tão insubstanciais dentro dos nossos pesados agasalhos como se já fôssemos apenas ossos, pedaços de tendões secos e pele. E Johor estava conosco, era um de nós, e seus olhos nos observavam por entre as franjas de pele do capuz, com a mesma expressão dolorosa, vazia e perscrutadora de todos os nossos olhos, pois a ofuscação da neve estava neles, em nossas mentes, e não havia como evitá-la ou fugir para uma sombra suave e companheira, onde pudéssemos descansar. Pois mesmo quando a noite caía, havia tanta luz da neve em nós, que não conseguíamos fechar as pálpebras, elas não ficavam fechadas, escancaravam-se, como se tivéssemos neve e gelo dentro e fora de nós, e como se nossos olhos fossem janelas que davam simultaneamente para duas paisagens brancas, brancas, de um branco áspero e igual.

Quase cegos, ensurdecidos pelo constante silvar dos ventos, enregelados, morrendo, passamos pelas cabanas e abrigos de neve que havíamos construído para o povo se refugiar das iminentes geleiras - e não olhamos dentro deles, pois sabíamos o que encontraríamos. Enquanto passávamos por esta zona, percebemos que logo as pe-

quenas excrescências de neve e gelo, pequenas cúpulas e elevações entre as camadas de neve, teriam desaparecido sob o manto branco, pois algumas já haviam desaparecido, completamente encobertas. Olhando para trás, dos desfiladeiros que levavam às regiões do planeta que já foram tão povoadas de gente, não podíamos mais determinar onde eram os acampamentos - ou onde eles tinham ficado - pois a tempestade entre nós e eles era forte demais. Seguimos em frente, os poucos de nós, procurando pelo caminho nossas antigas cidades, mas as geleiras haviam caído sobre elas, não podíamos ver qualquer sinal dos acampamentos ou das cidades, embora certa vez tenhamos passado com muita dificuldade por um cômodo que aparecia sobre a neve, com aberturas quadradas em toda volta e, nela, alguns pedaços de madeira, móveis pulverizados pelo frio. Era um cômodo do último andar de um alto prédio, e estávamos passando por ele a uma altura ao redor da qual outrora apenas os grandes e solitários pássaros da era do gelo sobrevoavam. E quando olhamos adiante de nós, à procura de uma escarpa ou um rochedo, não vimos absolutamente nada: o gelo, descendo de cima do muro, fizera desmoronar e destruíra tudo e, de qualquer modo, havia agora um longo caminho abaixo de onde andamos por cima de cristas de gelo. Assim atravessamos por cima da nossa famosa muralha, a inexpugnável, a indestrutível, a inacessível, a muralha que ali permaneceria para sempre entre nós e a catástrofe, até que Canopus chegasse com suas resplandecentes naves. Nós a atravessamos sem saber quando e entramos num cenário sem montanhas ou colinas, a não ser que fossem de gelo ou neve amontoadas, pois todos os acidentes naturais do terreno tinham sido soterrados.

Não seria verdade dizer que foi uma viagem fácil, pois foi com enorme esforço que avançamos, tropeçando e nos arrastando, mas não por causa de declives e descidas de montanhas e vales. Contudo, foi um trabalho extremamente cansativo. Nada mais restava de nós todos! Estávamos tão vazios como se tivéssemos sido lavados por dentro com os ventos do inverno, como éramos por fora. Não passávamos de pele e osso, e nossos pobres corações batiam irregularmente e com esforço, tentando fazer correr o sangue espesso pelas nossas veias e artérias, que começavam a ressecar. Estávamos semimortos, e como era difícil arrastar nossas carcaças ainda que alguns passos de cada vez.

Como estávamos pesados... muito, muito pesados... O efeito da gravidade do planeta em cada partícula dos nossos corpos parecia nos prender ao solo, não apenas por causa da espessura da neve. Pesados, pesados, pesados... era a força da nossa mortalidade. Embora estivéssemos todos transparentes como sombras -e a carne dos nossos corpos tivesse há muito minguado e desaparecido. Pesados, os passos arrastados, um depois do outro, obrigando-nos, forçando-nos a andar, nossa vontade martelando no penoso esforço dos nossos corações: *Ande... ande... ande... isso, assim... dê mais um passo... isso, assim... agora outro... isso, e agora mais outro... ande... e continue andando...*, era assim com cada um de nós, todos nos arrastando entre nuvens de neve, a penderem tão baixas sobre as camadas brancas do solo, que mal podíamos dizer o que era ar e o que já tinha caído do ar. Éramos quase-fantasmas, quase-mortos e ainda assim tão pesados, que podíamos sentir nosso peso forçando a substância da nossa vontade, dependurando-se nela, puxando - e o que era esta coisa, a *vontade*, que nos mantinha subindo e seguindo em frente, através dos profundos desfiladeiros de neve, na direção do outro polo, o outro extremo do nosso planeta? Dentro, através e no meio destes montes de ossos e pele, e tecidos já dessecados, algo mais queimava: *vontade...* e onde estava ela, aquele

impulso ou tração nos vastos espaços que há entre os minúsculos impulsos ou trações que formam o átomo?

Pesados, pesados, oh, tão pesados! nos arrastamos para a frente; era como se patinássemos na água, nadando, subindo sempre, atravessando noites seguidas, descansando todos juntos, pobres espantalhos, enquanto o vento uivava e as estrelas conversavam lá em cima. Quando alcançamos o local onde sabíamos que devia haver o abismo no qual Nonni escorregara, encontramos apenas uma nova camada de neve e as cavernas que nos haviam servido de abrigo estavam soterradas, não mais existiam; e quando atingimos o elevado vale entre as grandes montanhas, onde tínhamos parado para contemplar o cintilar das estrelas e ouvir-lhes o sussurro e o cantar, vimos apenas os pequenos topos das montanhas, meros outeiros, e se não soubéssemos que lá havia montanhas, jamais pensaríamos que fossem tão altas e abruptas. Fizemos uma parada ali, pois a noite vinha chegando, em uma concavidade no topo de uma das pequenas colinas; os ventos ergueram-se uivantes, e sentimos a neve bater surdamente, avançar e redemoinhar à nossa volta. E de manhã o espetáculo era maravilhoso! Pois estávamos todos amontoados entre rochas no cume de enorme montanha: durante a noite os ventos haviam desobstruído o vale da neve solta, e assim nós o vimos como em nossa visita anterior - limpo. Os ventos tinham um padrão e um movimento que enchia o vale até em cima e, depois, o varria; por todo o planeta, as camadas de neve se movimentavam por ali, empilhavam-se bem alto; depois, voltavam a ser sopradas pelo vento, e em seguida desmanchadas pela ventania para serem depositadas em outro lugar. Baixamos o olhar para um lugar espelhado de gelo a muitos dias de travessia e muito profundo, entre imensos picos negros e gelados. Tudo o que víamos ao redor tinha um terrível brilho vidrado que feria nossos olhos quase sem vida; e espiando por cima da borda do vale em miniatura, em que estávamos presos no topo da montanha, vimos que jamais sairíamos dali. Como seria possível, fracos como estávamos, descer pelos terríveis precipícios daquele pico? Assim, pela última vez, com nossos velhos olhos, sentamo-nos bem juntos uns dos outros e olhamo-nos até que, um após outro nossos rostos se fecharam na morte e nossos montes de ossos se acomodaram dentro das pilhas de ericados agasalhos peludos. Desse modo, enquanto deslizávamos para fora daquele cenário, e o vimos com olhos que não sabíamos possuir, tudo o que podíamos avistar era algo parecido com um rebanho de animais encolhidos, dormindo ou mortos, bem no alto de uma montanha.

Prosseguimos juntos, leves agora, tão lépidos e eufóricos, que nos recordávamos com horror e descrença do nosso terrível peso tão recente, o nosso peso antigo, quando cada passo ou impulso para diante era uma luta contra a força e a tração que prendia até o mínimo átomo do nosso corpo. Nossos novos olhos não tinham uma perspectiva fixa. Seguíamos. Flutuamos, livres e leves, e quando olhamos para trás a fim de nos orientarmos, para os esqueletos que havíamos habitado, vimos apenas que estávamos no meio de uma grande quantidade das mais incríveis e complexas estruturas e formas: cristais cintilantes nos rodeavam, todos diferentes, cada qual uma maravilha de sutileza e equilíbrio, cada qual uma coisa diante do que teríamos parado para contemplar, maravilhados... e havia miríades deles - aproximavam-se flutuando e vagando à nossa volta e, como o poder de nossa visão se modificava constantemente, às vezes os cristais pareciam enormes, do nosso tamanho, e às vezes muito pequenos. Não percebemos imediatamente que aquela infinidade de formas ilimitadamente variadas eram flocos de neve; que eram, ou tinham sido, recentemente, nossos inimigos: foi por ação de tanta beleza que nosso pequeno planeta tinha sido lentamente arrastado para a morte. Mas não suspeitávamos disso, não soubéramos quando estendíamos a mão para aparar um pequeno floco branco, a fim de mostrá-lo mais tarde aos nossos filhos: - Estão vendo? Isto é neve! É o vapor d'á-

gua sempre presente no ar em nova forma. Nunca pensamos que aquela migalha, aquela espuma branca pudesse ser vista assim, como um conglomerado de estruturas tão notáveis, que poderia ser admirado indefinidamente. Flutuando entre os flocos, sentindo que mudávamos constantemente de forma e de tamanho, tentamos estabilizar nosso movimento, de modo a admirarmos aqueles pequenos milagres; mas a cena se dissolveu, desapareceu, as estruturas de cristais sumiram, pois pertenciam a uma esfera ou a um reino que havíamos deixado para trás. Agora, recordando o amontoado de corpos sob as pilhas de peles sujas, para calcular a distância que estávamos daquele pico montanhoso, nós os víamos como teias e véus de luz, víamos o frágil rendado da estrutura atômica, víamos os vastos espaços que tinham sido de fato a maior parte do nosso ser - embora não tivéssemos olhos para compreendê-lo, ainda que nossas mentes conhecessem a verdade. Mas o ligeiro ofuscamento ou dança, que olhávamos, a textura da estrutura atômica, dissolveram-se, enquanto olhávamos. Sim, vimos como aqueles nossos velhos corpos dentro de suas pesadas peles perdiam as formas, como os átomos e as moléculas perdiam sua associação recíproca, e se misturavam à substância da montanha. Sim, o que víamos agora com nossos novos olhos era que todo o planeta se transformara em delicada e frágil teia ou renda, com os espaços mantidos entre os padrões dos átomos. Mas que novos olhos eram esses que podiam ver nossa terra assim, como estruturas entrelaçadas de átomos, e onde estávamos, nós, os Representantes? - *o que éramos* nós e como nos viam os outros, que nos podiam observar com sua visão mais aguda e mais seletiva? Pois certamente, enquanto nossos olhos e nosso modo de ver as coisas sofriam essas mudanças, de modo que cada momento era como se habitássemos um mundo diferente, ou zona, ou realidade, talvez outros nos pudessem observar, ver... mas o quê? Se havíamos perdido nossas formas antigas, já desintegradas e parte agora da substância da montanha, da neve, do vento e da rocha, se havíamos perdido as frágeis teias, véus ou moldes - mais espaços que substância -, se havíamos perdido o que tínhamos sido, então éramos ainda alguma coisa, e seguíamos juntos, um grupo de indivíduos, ainda assim uma unidade, e tínhamos de ser, *devíamos* ser, formas de matéria, matéria de algum tipo, de vez que tudo é (teias de matéria, substância ou algo tangível, embora deslizando e nos confundindo, e diminuindo sempre, tornado-nos cada vez menores) matéria, substância, pois reconhecíamos a nós mesmos como existentes: éramos sensações, pensamento e vontade. Estas eram a teia, a trama e a urdidura do nosso novo ser, embora no nosso antigo ser aparentemente não houvesse lugar para elas e imaginássemos como o amor, o ódio e os outros sentimentos haviam bradado, chorado e pulsado pelos vastos espaços existentes entre o núcleo de um átomo (se é que algo que se dissolve quando se pensa nele possa ser denominado núcleo) e as partículas que o rodeiam (se é que uma vibração e um fluxo possam ser denominadas partículas) - e esses sentimentos e pensamentos formavam nossos novos egos, ou eu, e nossas mentes nos diziam que éramos ainda uma dança vaga, mas precisa, exatamente como nossa velha mente nos dizia que éramos, embora não tivéssemos olhos para ver o que éramos. Certa vez, antes de nos transformarmos em animais mortos, congelados no topo de uma montanha, aquelas camadas ou véus combinados entre si tinham formado um todo, tinham operado juntos - mas agora, um padrão já havia mergulhado na substância do Planeta 8, e outro continuou, nossos olhos se alterando a cada momento, de modo que éramos sempre incorporados a um novo cenário, ou tempo. Não éramos algo fixo, com uma entidade inalterável, pois encontramos um fantasma, ou sensação, ou sabor a quem denominamos *Nonni*: um ser levemente cintilante, ou forma, ou dança que fora, nós sabíamos, Nonni, o rapaz morto, o companheiro de

Alsi, e tal entidade ou ser veio para nós, combinou conosco, com nossa nova substância, e continuamos todos como um só, mas separados, nossa jornada para o polo Quem seguiu nessa viagem? E qual era o nosso nome?

O professor de crianças estava lá; e o guardião das águas; o criador e cultivador de grãos, frutos e plantas; o criador de animais; o contador de histórias, que continuamente faz e refaz a memória dos povos; o encarregado dos muito pequeninos e vulneráveis; o que curava, aquele que descobria remédios e meios de cura; o viajante, que visita os planetas para que o conhecimento não seja aprisionado e não-compartilhado - todos estavam lá, entre nós e eram nós; todas as nossas funções e possibilidade do nosso trabalho estavam na substância destes novos seres, deste Ser que éramos agora - Johor conosco e um de nós, Johor combinado conosco, o Representante de Canopus parte do Representante do Planeta 8, o destruído (pelo menos para nós), pois quem poderia dizer como aquela bola de gelo, girando no espaço do céu, se modificaria, transformando-se talvez em gás, no seu retorno ao solo, forma e substância reconhecíveis aos olhos que outrora possuíamos.

O Representante flutuou para cima e para frente, como um cardume de peixes ou um bando de pássaros; um, mas um conglomerado de indivíduos - cada qual com seus pequenos pensamentos e sensações, partilhados com os outros, ondas de pensamentos, de sensações, entrando, saindo, envolvendo, fazendo de muitos um só.

O que estávamos vendo ali, sentindo ali... e onde estávamos? Em que lugar, em que tempo? O que éramos, e quando? Não víamos extensões desertas de neve ou de gelo, não, mas uma mudança perpétua, um movimento constante: víamos nosso planeta sob miríades de aspectos, ou possibilidades. Nós o víamos num momento fugaz, ou num lampejo, como tinha sido nosso mundo quente e belo, onde tudo nos abençoava, e além dessa breve visão, milhares de variações do mesmo, cada qual com leves diferenças, de modo que, quando vistas individualmente, poderiam ser por nós consideradas como uma fase na evolução do nosso planeta - mas vistas assim, fundindo-se tão rapidamente, com diferenças tão sutis, compreendíamos que o que estávamos vendo eram *possibilidades*, o que poderia ter sido, mas que não fora, não no nosso espaço e no nosso tempo. Mas teria sido em algum outro lugar? Sim, era isso, estávamos vendo o modo com que, atrás, ao lado ou além (em resumo, um *onde* e *quando*) dos vários estágios do nosso planeta, outros tantos existiram, as possibilidades que não tinham se transformado em realidade a nível da existência que conhecêramos, experimentáramos; mas pairavam logo atrás do véu, latentes, o que deveria ter sido ou o que poderia ter sido... Eram miríades essas possibilidades não realizadas, cada qual real e atuando a seu próprio nível - *onde*, *quando* e *como*? - cada mundo, cada parcela, tão válido e valioso quanto o que havíamos conhecido como real. Assim como outrora eu, Doeg, olhara para espelhos no meu antigo *eu* e vira desfilar uma fileira interminável de possibilidades, todas as variações do armazém genético tornadas visíveis - às vezes tão semelhante ao que eu era que eu mal notava a diferença, mas depois mais e mais do meu eu, cada qual uma variação, e uma variação bem distante do que "eu" era; cada qual o invólucro possível e latente deste sentimento do meu ser, Doeg, alguns facilmente reconhecíveis a meus companheiros como eu próprio, Doeg, e outros, tão estranhamente distantes, que apenas por um virar da cabeça ou algo de familiar no movimento dos olhos, ou ainda uma colocação dos ombros poderiam dizer: - Sim, este também é da família de Doeg, o potencial de Doeg, que não entrou nesta dimensão ou lugar - assim também agora podíamos ver todos os mundos que não eram nosso planeta, mas que estavam ali, que podíamos tocar, cada qual um absoluto e uma realidade em seu lugar e tempo. Oh, quem então eram Doeg e Alsi... eram Klin, Nonni, Marl e o resto de nós? O que

era o nosso planeta, um entre tantos? E enquanto passávamos velozmente por lá, fantasmas em meio a mundos fantasmagóricos, sentimos ao nosso lado e em nós, e conosco, os povos congelados e mortos, que jaziam enterrados na neve. Dentro das cavernas, choupanas e montes de gelo e neve os povos do nosso mundo jaziam congelados - suas carcaças ficariam presas ali enquanto perdurasse o gelo, até que o planeta se transformasse, como tudo deve se transformar, em algo mais, talvez um redemoinho de gases, ou mares de solo se acomodando ou fogo a arder até que ele também se transformasse... *precisava* se transformar... *devia* se transformar em algo mais. Mas o que eles haviam sido, nossos povos, nossos egos - estavam conosco, *eram* nós, tinham se transformado em nós - só podiam ser nós, os seus representantes; e juntos, nós, os Representantes, finalmente encontramos o polo que ficava no extremo do nosso velho planeta, a coluna escura e gelada erguida, no passado, para guiar as naves espaciais de Canopus, quando nos visitaram. Ali deixamos nosso planeta e viemos para onde estamos agora. Nós, os Representantes, muitos e um só, viemos para cá, onde Canopus cuida de nós, nos guarda e nos orienta.

Vocês querem saber como víamos os Agentes Canopianos nos dias do Gelo.

Esta história é a nossa resposta.

Posfácio

Um prefácio para estas linhas quase foi publicado no terceiro volume desta série, *As experiências de Sirius*, que veio a ser escrito como resultado direto de um fascínio de quase cinquenta anos pelas duas expedições britânicas à Antártica, comandadas por Robert Falcon Scott, a primeira em 1901-4, a segunda em 1910-13. Não, o que me interessou não foi propriamente a neve e o gelo, mas alguns processos sociais daquele tempo e deste, tão significativamente esclarecidos pelas expedições. Compreendi, porém, que leitores com a mente mais superficial ou mais presa às palavras não veriam facilmente como *As experiências de Sirius* podiam ter tido origem na preocupação com a expedição polar; assim, desisti do prefácio. Então, o livro seguinte tornou-se tão glacial que a equação entre as ideias pôde ser feita sem dificuldade: uma longa imersão na exploração polar e um romance sobre um planeta que morre congelado. Contudo, as pessoas com algum conhecimento do processo criativo, ou, na analogia elétrica, processos de transformação, teriam esperado tanto um livro sobre desertos como sobre qualquer rigor de clima, geografia ou comportamento. Portanto, este posfácio deve ser considerado como parte tanto do romance *As experiências de Sirius* quanto de *O Planeta 8: Operação-salvamento*, porém muito mais do primeiro que do segundo.

Existe uma razão prática para colocar este texto no final do pequeno livro, embora não tenha sido planejado assim. Quando eu disse ao editor inglês que este quarto volume seria muito curto, ele gostou, e não só porque isso significaria menos árvores, menos papel, menos trabalho de impressão, menos tinta, menos trabalho de encadernação, mas também porque há neste país uma certa preferência por livros curtos, com muito maior probabilidade de serem bons, de melhor qualidade, do que os mais longos, e isto a despeito de Dickens e de todos os prolixos e sem dúvida alguma excelentes vitorianos. Entretanto, quando eu disse ao meu editor americano que o livro era tão curto, ele respondeu imediatamente, zombando de si mesmo e de seu país, mas falando sério, como eles fazem por aqui: "Mas você *sabe* que só podemos levar a sério livros grandes." Assim, por lá (ou por cá, segundo a sua perspectiva da coisa) o grande é belo, afinal.

Há em Cambridge um edifício onde estão arquivados os relatórios das expedições à Antártica, mas nunca estive lá. O meu não é um estudo sistemático, mas de outro tipo, no qual, reconhecendo que se deve ter afinidades com um assunto ou tema, devido à forma como ele surge constantemente na vida de gente, sempre sob aspectos diferentes, assim como uma paisagem parece outra quando vista de diferentes pontos de uma montanha, como se espera que coisas aconteçam: um livro de cuja existência nem se desconfiava e encontrado numa livraria; o encontro casual com um parente de um dos exploradores; uma carta no jornal; ou um amigo que, sabendo ser de interesse, envia para a gente uma biografia encontrada em um sebo de Brighton. Esta forma de estudo significa que se pode desconhecer certos fatos conhecidos até por pesquisadores neófitos, mas, segurando-se fatos e possibilidades na cabeça, é possível que combinem de forma inesperada.

Ouvi pela primeira vez falar de Scott e seu magote de heróis da seguinte maneira. Eu estava em plena África, na antiga Rodésia do Sul, hoje Zimbabwe, na fazenda do meu pai. Nossa família costumava sentar ao ar livre, no lado de fora da casa, para apreciar o céu diurno ou noturno, desfrutar a temperatura e a vista que se estendia por quilômetros em todas as direções, uma paisagem selvagem e quase erma cingida por montanhas. O caso é que estávamos a centenas de quilômetros da costa e a Inglaterra estava muito mais distante, bem como, no tempo, as expedições de Scott. Quase sempre fazia calor, o céu era espetacular, maravilhosamente azul e limpo, ou carregado de fortes movimentos de nuvens provocados pelo calor que se elevava da terra e da vegetação estorricadas pelo sol. Durante os meses de seca, geralmente havia incêndios na floresta em algum lugar muito perto de nós. Gravada com extrema clareza em minha memória está minha mãe, de pé, a cabeça erguida para trás, as mãos estendidas para a frente, numa atitude de dramática identificação. Não me recordo se era por ocasião de algum maravilhoso pôr-do-sol, mas devia ser, ou, pelo menos, uma tempestade. Minha mãe, sufocada pela emoção, radiante, pois adorava esses momentos, está dizendo: - E quando penso no Capitão Oates, afastando-se sozinho para morrer na tempestade de neve... oh, ele era um cavalheiro extremamente galante! - E então eu, com a voz desafinada da adolescência: - Mas, o que mais ele podia ter feito? De qualquer modo, estavam todos numa aventura mortal. - Arrependo-me da voz estridente, mas não do sentimento; na verdade, acho que eu já era tão perspicaz como sempre desde então, e invejo o modo com que aquela moça realista abriu caminho entre devoções e ilusões, pois não há dúvida de que a vida nos torna muito mais brandos; a tolerância amolece qualquer um. Meu pai era sentimental e sempre ficava constrangido nos momentos de grande inspiração de mamãe e dizia coisas como: "Ora, deixe disso, minha velha", e para mim: "Sim, concordo, mas precisa ser tão intransigente a respeito de tudo?" Sim, eu era, e os motivos dessa intransigência têm alguma ligação com este relato.

Não que meu pai fosse indiferente a Scott e todo o resto, pois tratava-se de conquistas inglesas, e, como para minha mãe, ser inglês era, fora de qualquer dúvida, ser o melhor.

Hoje acho difícil compreender o que a *Inglaterra* significava para meus pais, que eram da mesma geração daqueles heroicos exploradores. Uma palavra pode ser uma droga poderosa para uma geração e tão inócua quanto o leite para a outra. Também não é irrelevante para este assunto observar que leitores não-ingleses, e isto inclui, no momento, os americanos, pouco devem saber sobre Scott, o explorador, nem a maioria da população da Grã-Bretanha com menos de, digamos, quarenta anos. Olhares inexpressivos é o que obtenho quando proclamo: - Scott da Antártica! - Eles rebatem: - Scott? Não foi ele quem descobriu o Polo Sul? - Contudo, há bem pouco tempo, Scott, a Antártica, os nomes dos homens que trabalharam com ele formavam um daqueles mitos ou devoções de que toda nação precisa como estimulante da inspiração. Havia esse grupo de dedicados semideuses, todos eles galantes cavalheiros, e quem ousasse insinuar a possibilidade de falhar teria sido espancado. Tão terrível quanto sugerir, por exemplo, que havia seres humanos comuns na Longa Marcha... mas era um incentivo para as nossas próprias devoções nacionais, os rostos dos nossos heróis preenchiam os espaços vazios.

Foi Bernard Shaw quem disse algo como: heróis nunca estão em falta, sempre há alguém pronto para morrer por causas, boas e más, mas isso se poderia fazer com menos heroísmo e mais realismo. Sobre assuntos deste tipo, geralmente se dirá já ter Shaw se manifestado.

Recentemente, na Grã-Bretanha, surgiu uma nova atitude quanto a Scott, sugerin-

do estar para ser divulgada uma reavaliação sobre ele como líder e sobre como conduziu a expedição de 1910-13. Tudo indica que ele está prestes a se transformar em algo não distante de um vilão. É possível que não tenha sido sempre competente, que tenha cometido erros; não se trata de ter cometido erros do tipo que todos nós cometemos, mas do tipo que nem o mais comum dos líderes poderia cometer. Em suma, estamos no processo de passar de um extremo a outro, e eu não quero participar disso. O que me interessa é o modo como se faz essa reavaliação e a escolha do momento. O que há por trás de fatos como estes: que tão recentemente não se pudesse dizer que Scott não era perfeito sem, pelo menos, ouvir uma censura escandalizada; que um ano após se ter considerado perfeito o Grupo de Quatro, eles se tornassem vilões; que na década de 50 um homem insignificante, nos Estados Unidos, chamado McCarthy pudesse aterrorizar e intimidar pessoas sãs e sensatas, mas que na de 60 jovens intimados a depor perante comitês do mesmo tipo simplesmente se rissem deles. Não, aqueles jovens americanos certamente não teriam imaginado que, se tivessem sido intimados a comparecer diante daqueles primeiros comitês, cairiam na risada, pois na verdade não teriam feito isso - eles eram tão bons quanto seus pais, mas não melhores; algo acontecera nesse intervalo, *a atmosfera havia mudado*, como dizemos, usando uma das frases que servem de desculpa para não usar a cabeça. Eu poderia encher páginas, volumes, com fatos ilustrativos desse tema, provando que as heresias de um ano são as devoções do que se segue, e vice-versa, assim como poderiam todas as pessoas que já passaram da idade dos entusiasmos indiscriminados... ou qualquer pessoa mesmo, se quisesse. Mas por alguma razão não podemos aplicar as óbvias lições da história a nós mesmos.

Por quê? Talvez um dia cheguemos a aprender a não impor aos outros essas sagradas necessidades, em nome de um ou outro dogma, com resultados que inevitavelmente dentro de uma década serão postos de lado com um *nós nos enganamos*. É tão fácil imaginar O Espírito da História (temos tanta prática no assunto!) como uma mulher desgrenhada, mas complacente, com a máscara do importante governante ou sátrapa: - Minha nossa! - diz ela sorrindo -, vejam, eu me enganei outra vez! - E para a lata de lixo vão holocaustos, fomes, guerras e os ocupantes de um milhão de prisões e câmaras de tortura.

Vivi muitas dessas mudanças dramáticas; obviamente, outras se processarão muito em breve. Pensamentos particulares e irônicos sobre o assunto são alguns dos consolos do envelhecer. O que acontece deve ser como a adição lenta de um grão após outro num prato de uma balança, embora isto não se possa ver, apenas deduzir. E então, há uma súbita inversão dos pratos. Naturalmente são processos que podemos estudar, especialmente quando se repetem com tanta frequência e quando parecem se processar com maior rapidez, como tudo o mais.

Por exemplo, eu fui uma das poucas pessoas que no início da década dos 50 tentaram fazer com que os jornalistas, membros do parlamento e políticos vissem que as coisas não iam bem no sul da África. Então não era possível dizer que estávamos falando de tiranias criminosamente opressivas; não, tudo tinha de ser mascarado. Ainda assim, fomos tratados com divertida tolerância... ignorados como pessoas rebeldes... vermelhos... antibritânicos... loucos. Durante dez anos a ideia de que o que ocorria no sul da África - na África do Sul e no sul da Rodésia - devia pelo menos ser examinado, tornou-se um ponto de vista respeitável. Era "ponto pacífico". Dez anos mais tarde - já era tarde demais. Naturalmente. Digo "naturalmente" para significar que suspeito da ação de uma lei determinada. Seria a coisa mais fácil do mundo evitar aquela guerra, se o bom senso tivesse tido algo a ver com o assunto, mas quando tem o bom senso algo a ver com ele? Se os brancos tivessem tido a capacidade

de examinar friamente, por cinco minutos, alguns processos históricos semelhantes... mas quando, alguma vez, a casta governante teve essa capacidade?

Não, não se trata de "eu avisei!" Esta é uma frase para o adolescente inseguro. Depois do "eu te avisei", vem a ira diante do desperdício de tudo, da estupidez, do descaso pela prevenção... Mas o que fazer, se é sempre assim? Se tem de ser assim? Trata-se de uma lei? Neste caso todas essas emoções são inúteis, uma perda de tempo, tanto a fúria doentia quanto o "eu avisei!" O que precisamos é pensar e não nos emocionarmos. Os políticos e governantes não são os criadores dos acontecimentos, mas os seus fantoches: nesse caso, então, não se pode esperar outra coisa. Mas parece que a repetição frequente de processos históricos e sociológicos nem é notada. Agora, quando os jovens tomam posse da sua herança para escolher uma ou outra das cinquenta e sete variedades de socialismo, todos eles, sem esforço ou agitação, concluem que há uma tirania do branco sobre o negro, lá no extremo da África. Mas suponhamos que os seus antecessores tivessem reconhecido isso em tempo? E - e aqui está a questão - enquanto aceitam, como seus predecessores, o "ponto pacífico", que ideias nascentes estão ignorando? Ideias que, quando for tarde demais, serão facilmente adotadas por sua gente dentro de vinte anos, ideias que terão por essa época perdido em energia e estarão desgastadas?

Eu costumava pensar que a sequência - advertências fúteis e ridicularizadas ou punidas por alguns, depois lentamente aceitas para formarem a base de uma nova atitude, a qual, a essa altura já está obsoleta - era peculiar a políticos e a movimentos religiosos de massa. Mas podemos ver o processo em andamento em todas as esferas, do esporte à literatura.

E, por sinal, até em nós mesmos.

Na esfera política, as elites governantes de um país, de um Estado, identificam-se com sua própria propaganda... Não, não fazem uso dela, pois isso, na minha opinião, é uma das fórmulas da retórica marxista, que substituem o pensamento. São usadas por ela, pois se identificam com suas próprias justificativas por estarem no poder, todas elas enganosas em si mesmas. Quando se ouviu um governante dizer: "Sou um tirano cruel"? O xá do Irã e Amin de Uganda consideravam-se bons. Inevitavelmente, quando obrigados a encarar fatos indicadores de que este ou aquele país colonizado, ou uma parte menos favorecida do seu próprio país, ou cidade, ou distrito, está sofrendo dificuldades, falta de liberdade, tirania, então esses povos sempre e invariavelmente negarão tais fatos. Nada mais se pode esperar. Lembro-me de uma ocasião em que tratava do caso de ter uma casa compulsoriamente comprada pelo Grande Conselho de Londres. Tive oportunidade de observar os métodos de intimidação, os aproveitadores, a corrupção escandalosa dos funcionários do Conselho quando tratavam com os infelizes abaixo da classe média, incapazes de se defender por conta própria. Procurei vários conhecidos que eram conselheiros da cidade, ou engajados nos processos da administração pública - negativo, sempre o sorriso tolerante, a impaciência disfarçada. Ora, essas coisas terríveis não podiam estar acontecendo, não sob o *seu* patrocínio benevolente.

Poderíamos formular uma regra hipotética a esse respeito: as pessoas que estão no poder, as pessoas à testa de uma instituição, departamento ou ministério, jamais permitem a si mesmas tomar conhecimento do que está sendo feito por seus subordinados, pois isso significaria a perda da imagem que fazem de si próprias como as únicas pessoas adequadas para deter o cargo, o poder. (Sem falar na possibilidade de perderem os empregos.) Simplesmente recuso-me a acreditar que o mundo tenha sido sempre tão estupidamente mal administrado quanto agora, que os pobres tenham sido sempre tão indefesos e tão ignorados pelos poderosos. Houve nações, Es-

tados, comunidades, no passado, em que os governantes faziam questão de saber o que se passava nas camadas mais baixas da sua administração. Em certos reinos, em nossa Idade Média, no Oriente Médio, os governantes designavam funcionários para agirem incógnitos entre o povo, quando não iam os próprios governantes, a fim de verificar o comportamento deste ou daquele funcionário. No entanto, mergulhamos em um grau tão intenso de cinismo, que, sem dúvida, se fizéssemos a mesma coisa hoje, os investigadores imediatamente se transformariam em instrumentos dos funcionários cujo comportamento estivessem verificando.

Mas o que me interessa é o fato de essa ideia ter desaparecido do conjunto daquelas que consideramos como meios para um bom governo. Exatamente em que ponto ela perdeu a força... transformou-se em uma relíquia estranha... um sintoma de despotismo pessoal? Quando voltará e sob que espécie de regime? Acho que as ideias ou os conjuntos de ideias devem ter um tempo de vida determinado. Nascer (ou renascer), amadurecem, decaem, morrem, são substituídas. Se não perguntarmos a nós mesmos, pelo menos, se isto é realmente um processo, se não tentarmos tratar os mecanismos de ideias como algo a ser estudado com imparcialidade, que esperança podemos ter de controlá-los?

Não, isto não é uma digressão. Este tipo de conjectura tem origem no estudo dessa extraordinária série de acontecimentos, a exploração da Antártica ou, para usar nossa maneira imperial de dizê-lo, a descoberta do Polo Sul, um prêmio que fez Scott exclamar: "Meu Deus! Que lugar horrível!" Tão horrível que não há nele nem animais; nada havia estado ali antes de o homem chegar, embora, às vezes, um pássaro passasse no céu. Assim, o Polo Sul tem pelo menos a honra de ter sido realmente descoberto, ao contrário, digamos, das Cataratas Vitória ou das Cataratas Niagara, conhecidas pelos africanos e pelos indígenas pelo menos centenas de anos antes de serem "descobertas" pelos brancos. (Naturalmente esta observação tem um sabor entediado e banal, mas até bem recentemente era abrasiva.)

Nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, a maioria das nações da Europa exploraram a Antártica, as várias equipes competindo entre si, um espetáculo em um vasto palco, iluminado pelo novo brinquedo, os jornais populares; e parece agora como se "os olhos do mundo" estivessem mais voltados para aquele drama do que para os incidentes que nos levariam à guerra. Um fato que em essência não deixa de ser interessante. Os dois aspectos da rivalidade nacional, completamente em evidência; e, para os europeus, nada poderia parecer mais normal. Mas, para um bocado de não-europeus, a coisa toda tinha um aspecto: lá estava a pequena Europa, cheia de importância e de autoridade no seu cantinho, como um bando de colegiais brigando por causa de um pedaço de bolo.

Certas pessoas acreditam que, quando os que vierem depois de nós olharem para a nossa época, vão achar o nacionalismo tão letalmente idiota quanto as guerras religiosas são para a maioria. E mesmo no péssimo clima em que vivemos, foi possível o Ano Geofísico Internacional, em 1958, resultado, em parte, dos melhores aspectos da rivalidade e aspirações dos próprios exploradores. Pois assim como nas trincheiras os soldados em luta mantinham as normas de decência e de bom senso em relação a seus inimigos, e eram os civis que imprecavam e odiavam, no que diz respeito à exploração polar os homens realmente envolvidos deixavam também as piores invejas e ciúmedas para os observadores.

Bem no final, sobraram a Noruega e a Grã-Bretanha como rivais. A equipe norueguesa era chefiada por Roald Amundsen, e a equipe britânica, por Scott.

Amundsen chegou ao Polo Sul um mês antes de Scott. E voltou são e salvo para casa, sem a perda de nenhum homem. A equipe britânica perdeu vidas e sofreu toda

espécie de acidentes. As razões para um grupo se sair tão bem, e o outro não, têm sido analisadas desde aquela época. Uma delas foi o fato de Amundsen ter sido patrocinado por seu governo, e a equipe britânica ter sido vergonhosamente ignorada pelo seu. Essa espécie de mesquinha falta de visão parece ser, por alguma razão, característica permanente do governo britânico. De qualquer modo, Scott, homem sensível, teve de literalmente estender o chapéu para conseguir dinheiro, o que não foi bom para ele. Não conseguiram comprar e equipar um navio apropriado, ao passo que o de Amundsen fora construído para navegar no gelo. A expedição britânica tinha caráter científico, ao passo que a norueguesa perseguia um único objetivo: chegar até o Polo e retornar. Os noruegueses tinham toda a experiência necessária, mas os britânicos não conheciam tão bem a neve, o gelo e o modo de lidar com os cães. Contudo, estas comparações, que se poderiam multiplicar, talvez estejam longe de representar o ponto essencial.

Pois o que realmente impressiona quando se começa a ler os diários, as cartas, os relatórios, é uma diferença no tom, no clima.

Os livros de Amundsen descrevem, com linguagem modesta e sensata, uma expedição sensata e eficiente. Em tom tranquilo e prático.

Quando nos voltamos para os relatórios da expedição de Scott (1910-13), entramos imediatamente em outro mundo.

O que é clima, esta palavra que usamos com tanta frequência? Um jornalista, ou um pesquisador, poderá perguntar: O que aconteceu então, ou o que aconteceu lá? Quem disse isto ou aquilo? Qual a sua versão do acontecimento?... E então a gente se senta ali e procura lembrar de todos os incidentes, dizendo a verdade na medida do possível. E percebemos que isso não adianta. Pois não há nada que se possa fazer para transmitir ou descrever um clima, o *Zeitgeist*. Pode-se oferecer incidentes que ilustrem aquele tempo perdido (que pode ser em passado muito próximo), mas quase sempre eles parecem estranhos e as pessoas envolvidas nele, lunáticas. A gente se surpreende dizendo, desesperadamente: Compreender o clima mudou tanto que...

Exatamente o mesmo se dá quando se conta um sonho a um amigo. Descreve-se uma série de incidentes, como o enredo de um filme. Eu estava em tal lugar e disse isto e isto, e então... Mas a mesma série de incidentes, envolvendo as mesmas pessoas, pode ser um sonho diferente. O importante é o clima. Como descrevê-lo? Numa frágil tentativa a gente diz : - O sonho tinha um sabor tão marcante, era tão imperioso, sabe? De fato, era como... mas o que dizer? Tinha um sabor ou gosto inconfundível, e sempre que esse clima se repete nos meus sonhos, então eu sei que...

E aí tudo termina. Não há comunicação possível, a não ser que outra pessoa tenha tido o mesmo sonho, e que se tenha de acreditar nela. Na vida cá fora, naturalmente, as pessoas tiveram sonhos iguais indiscutivelmente, passaram pelos mesmos *acontecimentos*, *experimentaram o mesmo clima*; assim, quando dizemos *você se lembra?*, naturalmente que sim, ambos nos lembramos e talvez troquemos um sorriso que significa o quanto seria impossível explicar o clima a alguém que não o tivesse vivido.

Os relatórios das duas expedições, norueguesa e britânica, são relatos de dois acontecimentos emocionais diferentes, dois climas diferentes de experiência. É difícil acreditar que tenham ocorrido ao mesmo tempo, no mesmo lugar, e com mais ou menos ostensivamente os mesmos objetivos, as expedições equipadas com homens do mesmo tipo, muitos deles amplamente conhecidos como exploradores profissionais, homens que se conheciam ou que tinham ouvido falar uns dos outros, e que respeitavam suas respectivas realizações passadas.

Em primeiro lugar vejamos os aspectos da expedição britânica, que não foram absolutamente notados ou questionados na época; pois acredito que os preconceitos originários da soberba inconsciente de uma época são exatamente os que mais assombram as pessoas posteriormente.

Os preconceitos nacionalistas estão ainda conosco, embora tenham se modificado, ou mudado de área.

Não havia mulheres nas expedições. Naquela época, as mulheres que começavam a exigir seus direitos estavam sendo espancadas pela polícia, alimentadas à força nas prisões, ridicularizadas e debochadas por cavalheiros educados, geralmente maltratadas e muitas vezes por outras mulheres. Simplesmente não era possível às mulheres participarem das expedições. Não se trata de culpar ninguém, pois a ideia não teria vingado. Contudo, imagino quantas jovens ficam acordadas à noite, bastante revoltadas com a servidão da delicadeza, da "fraqueza" obrigatória, pensando: "Seu eu estivesse lá, mostraria a eles", "Sei que posso ser tão valente e engenhosa quanto eles!", "Oh, as lágrimas amargas das mulheres tornadas inúteis, tratadas com paternalismo, frustradas!" Estas são citações de correspondência entre mulheres, logo antes da Primeira Guerra Mundial.

No entanto, as mulheres contribuíram para a exploração do século XIX. Nessa época havia mulheres trabalhando, Isabella Bird, por exemplo.

Nos bastidores destes dramas das expedições polares há um pano de fundo formado por mulheres - não, damas - que, com seus vestidos pesados e opressivos, elegantemente sorriam cheias de esperança para seus guerreiros, e quase todas formam uma nuvem silenciosa de testemunhas. Viram seus homens partirem dos portos da Inglaterra e viajarem para a Nova Zelândia, para as festas de despedidas e cerimônias de boas-vindas, jantares oficiais, e receberam montes de cartas, e foram amadas da forma reverente, grata e adoradora, que era como estas coisas aconteciam naquele tempo.

O mínimo que se pode dizer é que há evidência de que nem sempre elas viam as coisas como seus homens as viam.

Quanto às esposas dos menos graduados, as referências são mais escassas ainda.

O que nos leva às divisões de classes, tão rígidas, que o leitor certamente dirá: - Oh, não, realmente *não é* possível. - Contudo, eram consideradas normais. Básicas. Corretas. Naturais. Boas para a disciplina. Deviam ser, não podemos deixar de pensar, algo relacionadas com Deus, com a virtude, a ordem divina e, com toda certeza, com a grandeza da Inglaterra, determinada por Deus. (Era sempre à *Inglaterra* que aqueles homens se dirigiam, não à Grã-Bretanha, uma palavra e uma ideia comprometidas e adulteradas.)

Havia oficiais e havia soldados, e eles comiam e dormiam em lugares separados, mesmo nas situações mais extremas; os nomes dos oficiais eram conhecidos de cada homem, mulher e criança por toda a Grã-Bretanha, enquanto os dos soldados eram menos conhecidos, embora tivessem feito o mesmo trabalho perigoso e difícil. Mesmo quando seis membros da expedição passaram um longo inverno antártico presos em uma caverna de gelo, com toda probabilidade de em breve morrer de frio e de fome, as divisões de classe foram rigidamente mantidas, ambos os lados concordando ser este o único modo possível de fazer as coisas: oficiais de um lado, soldados do outro, e todos se ajudando com a mais terna solicitude.

A origem dessa inflexibilidade sobre as classes foi a influência da Marinha Britânica, de Scott. Alguns dos homens, como Shackleton, por exemplo, consideravam-na ridícula. Porém, a Marinha certamente nada tinha a ver com essa atitude generalizada, ou estilo, da expedição de 1910-13, tão fervorosa, tão exaltada, pois a equipe

britânica estava engajada numa tarefa muito importante, uma tarefa desesperada, perigosa, de vida ou morte... porém, imediatamente surgirá a objeção de que o esforço de Amundsen era igualmente heroico e perigoso. Certo: exatamente devido ao seu sucesso tão magnífico, isso não significa que não tivesse corrido risco de vida com toda a sua equipe. Ele enfrentou riscos, como ele próprio contou... jogou com a morte, como os outros dizem. Mas ninguém morreu, e nada do que Amundsen escreveu sugere a expectativa de morte.

O fato de os britânicos não terem contado com o apoio de seu governo, de terem navio inadequado e perigoso, de terem sofrido tanto por causa disso, contribuiu certamente para a nota emocionante: nós contra o mundo, nós, este pequeno grupo de irmãos, cumprindo o nosso dever contra tantas dificuldades!

Sim, há um risco, ao escrever sobre aquela época, tão diferente da nossa: ser mal interpretada. Por exemplo, a palavra *dever*. A devoção do grupo às suas tarefas e responsabilidades era total, por causa da sua atitude em relação ao dever. Hoje, para nós (1980), é uma palavra absurda e bem poucos de nós sonhariam em fazer um esforço maior do que o necessário, em qualquer empreendimento. Pelo contrário, aqueles que mentem, enganam e fogem a ele geralmente são mais admirados. Naqueles dias, as crianças aprendiam a ser responsáveis, honestas, dignas de confiança, e os homens daquelas expedições julgavam a si mesmos e aos outros segundo esses padrões. Mas a expedição de 1910-13, especialmente, distinguiu-se por um clima emocional extremamente exaltado; e embora ele se relacionasse com o dever para com a Inglaterra, Deus, a ciência e o melhor deles mesmos, sem dúvida, teria tudo ultrapassando o que era necessário?

Na minha opinião, tudo o que eles fizeram deve ser visto sob outra luz: eles estavam empenhados, ou pelo menos os homens-chaves estavam, especialmente Wilson, e alguns deles conscientemente, numa tentativa de transcender a si mesmos. Esta a verdadeira força propulsora da expedição, desde o começo, e acima de todos os empecilhos e dificuldades, a indiferença do governo, os incidentes e erros que contribuíram para o ímpeto emocional. Mas, talvez, se a expedição tivesse tido êxito, as coisas não tivessem sido tão diferentes, dada a natureza dos homens envolvidos. Esta necessidade de ultrapassar as possibilidades comuns - a jaula em que vivemos é feita de nossos hábitos, educação, circunstâncias, e que se mostra tão pequena e estreita, tão tirânica, quando tentamos escapar -, esta necessidade pode muito bem ser a mais profunda que possuímos. De qualquer modo, pode ser encontrada o tempo todo e em todo lugar. (Provavelmente é responsável pelo entusiasmo com que as pessoas se lançam às guerras, mas esse é um assunto fora do nosso tema.) Todos nós lembramos com saudades dos tempos em que podíamos passar dias sem dormir, trabalhar muito além das nossas capacidades, sem sabermos como o conseguíamos, feitos que parecem para nós, pessoas comuns, miraculosamente fantásticos.

Houve o caso dos ovos do rei imperador Pinguim. Edward Wilson, médico, biólogo, artista, explorador, escritor, queria obter alguns desses ovos, em parte porque um dos objetivos da expedição era coletar espécimes de pássaros, animais e peixes, e em parte porque se acreditava que o estudo dos embriões das aves lançaria luz sobre o processo da evolução.

Esses pinguins chocam seus ovos no meio do inverno antártico, no escuro frio negro e em lugares inacessíveis. Os homens já estavam há meses trabalhando nos limites de suas forças. Estavam sobrecarregados, exaustos e evidentemente nervosos. Sair à procura dos ovos era loucura. Essa foi a opinião de Scott, que tentou dissuadir Wilson. O próprio Wilson, quando já estavam a caminho, reconheceu o fato e sentiu-se angustiado por ter envolvido outros, mas naturalmente não estava no espírito da

coisa que recuassem. Os outros dois homens eram "Birdie" Bowers, um indivíduo com tais qualidades morais e físicas que sobressaía mesmo entre tantos outros que também as possuíam, e um jovem de vinte e quatro anos, Apsley Cherry-Garrard, que mais tarde escreveu o melhor livro sobre a expedição. Eis aqui um trecho: *

Viajávamos pela ciência. Aqueles três pequenos embriões do cabo Crozier, aquele volume de fósseis da ilha Buckley e aquela quantidade de material, menos espetacular, mas coletado com o mesmo cuidado, hora após hora, no vento e na neve, na escuridão e no frio, tinham como objetivo aumentar um pouco os conhecimentos do mundo todo, para que ele pudesse construir mais com base no que ele sabe do que no que ele pensa.

Apsley Cherry-Garrard, *The Worst Journey in the World* (Londres, Chatto & Windus, *1913).

O livro intitula-se *A pior viagem do mundo* e o capítulo "A jornada de inverno" narra a coleta dos ovos. O último capítulo, intitulado "Nunca mais", nos transmite uma sensação de desânimo, de pasmo, embora esteja evidentemente escrito sob a força de grande emoção, e analisa suas conclusões acerca da expedição como um todo. Mas, mesmo então, dez anos após, escrevendo com amarga e tardia percepção, o espírito retórico de glorificação da expedição vibra assim numa passagem plena de senso comum sobre futuras explorações polares:

Espero que quando Scott voltar para casa - pois ele vai voltar para casa: a Barreira está se movendo, e os homens de Shackleton, em 1916, não encontraram nenhum vestígio do nosso túmulo de pedras - as dificuldades que lhe consumiram a vida sejam apenas um horror do passado, e sua via dolorosa uma estrada tão fácil quanto Piccadilly.

Ao que parece, isto significa que de um modo um tanto místico o gelo e as neves da Antártica trarão o corpo de Scott de *volta a casa*, triunfante, para a Inglaterra. E se objetarem que isso não passa de tolice sem sentido, está errado, pois não se estará levando em conta o *clima* da época.

Mas, voltemos à Jornada de Inverno... Estava muito frio, e muito escuro. Não é possível compreender exatamente como era, pois se pode dizer tantos e tantos graus abaixo de zero e não compreender nada, mesmo que já se tenha experimentado tais temperaturas - pois quase certamente trata-se de alguém bem alimentado e bem agasalhado e exposto do lado de fora por um momento ou dois. Às vezes precisavam de quatro horas na parte da "manhã", para conseguir retirar os corpos gelados dos seus congelados ou encharcados sacos de dormir, e pôr os membros em movimento. Eles chegaram a um ponto em que não se preocupavam com o perigo de cair nas fendas das geleiras. Quando voltavam à base, suas roupas tinham de ser arrancadas, aos pedaços. Há, ainda, o momento de uma noite mortalmente fria, mas serena, pois não havia nem nevascas nem ventos, os três curvados rigidamente para a frente, os corpos tiritando...

- Quando nossos corpos tiritam, pode-se dizer que está frio... - *com uma vela*, percorrendo penosamente quilômetros na neve terrível para puxar um trenó - os trenós tinham de ser içados com roldanas.

Essa jornada impossível levou seis semanas. Eles quase morreram. Só por sorte conseguiram sobreviver. Quando chegaram ao seu destino, tiveram de escalar perigosos penhascos de gelo, naturalmente em total escuridão, com os dedos congela-

dos, para chegar à altura dos ninhos dos pinguins, mas encontraram o caminho bloqueado por muralhas de gelo, e tiveram de se arrastar na neve e quase não conseguiram voltar. Então ocorreu a pior nevasca que poderiam imaginar, e a barraca deles foi levada pelo vento e... tudo o que podia acontecer de pior, aconteceu. Durante tudo isso, Wilson escrevia no seu diário, tirando para tanto as luvas apenas por alguns segundos de cada vez, Bowers fazia suas observações meteorológicas, e os três homens se amavam, de modo absoluto, e estavam prontos para morrer uns pelos outros, o que na realidade estavam fazendo, pois, se não voltassem, sua interdependência, sua confiança mútua teria esse significado. Li esta parte do livro, exclamando:

- Não, parem! Isto é loucura, isto é insano, por que estão fazendo tudo isso? - Para quê? Ora, para conseguir embriões para o Museu de História Natural, e pela glória da Inglaterra. Mas, o que estavam fazendo realmente? Muito bem, isso é outra coisa! O que salta destas páginas maravilhosas, espantosas, é a essência do espírito de toda a expedição.

Quando levaram os ovos para a Inglaterra e para o Museu de História Natural, naturalmente algum funcionário idiota achou que não tinha tempo a perder com eles, nem com os ovos - nem sabia quem eles eram. Mas o enredo da peça estava ainda sendo escrito por um artista que sabia como tudo devia ser: receber condignamente aqueles homens loucos, os ovos aceitos com o trêmulo respeito que mereciam... não, seria um anticlímax exagerado. E o primeiro cientista a examinar os ovos deixou escapar um ponto essencial, de modo que poderíamos dizer ter sido inútil o empreendimento. Se olharmos sob esse ângulo. Que não era o ângulo de Cherry-Garrard: eis aqui o último parágrafo, o resumo.

E eu lhe digo, se tem o desejo de aprender e o poder de dar a esse conhecimento uma expressão física, saia e explore. Se você for um homem valente, não fará nada; se for capaz de sentir medo, poderá fazer muito, pois só um covarde precisa provar sua bravura. Muitos lhe dirão que está louco, e quase todos dirão: "Para quê?" Pois somos uma nação de comerciantes e nenhum comerciante dará atenção a qualquer pesquisa que não lhe traga lucros financeiros no prazo de um ano. E assim você estará quase sozinho no trenó, mas aqueles que estiverem com você não serão comerciantes - isso vale muito. Se empreender suas Jornadas de Inverno você terá sua recompensa, desde que tudo o que deseja seja um ovo de pinguim.

Notem aqui também o desprezo do cavalheiro de classe pelo comércio, uma atitude que não desapareceu ainda entre nós.

A Jornada de Inverno foi apenas um dos impossíveis atos de heroísmo alimentados pelo espírito da expedição.

Aqui está outro. Seis homens, oficiais e outras patentes, saíram em uma viagem científica a fim de coletar espécimes e observar condições gerais, e deveriam encontrar o navio, que iria ao seu encontro logo que o gelo o permitisse. Mas as condições eram tais, que se sabia que o navio não conseguiria passar e eles não seriam resgatados. Repito que estavam perfeitamente a par das possibilidades. Mas não conseguiram se equipar convenientemente. Nada de navio - e eles enfrentaram o problema de sobreviver até a próxima primavera antártica sem roupas, alimento e equipamento adequados. Cavaram um buraco na neve, descrito por outra expedição como um canil. Mataram algumas focas e alguns pinguins. Enfiaram-se no buraco e mantiveram aceso um pequeno fogareiro, alimentado com o óleo de foca, que enchia a caverna e escurecia as paredes e os homens com fumaça negra e oleosa. Oficiais de

um lado, soldados do outro, unidos por um interesse sincero, lá ficaram eles metidos em seus sacos de dormir imundos e inadequados, entoando cantos religiosos e patrióticos, e conversando sobre a Inglaterra e comida. Naturalmente, só havia gordura de foca e pinguim para comer, e não em grande quantidade. A água levava mais ou menos uma hora para ferver. Ficaram com diarreia Mas não perderam a coragem e atravessaram os seus meses da noite antártica apenas por força de sua extremamente inteligente e obstinada disciplina. Quando terminou o tormento - e haviam entrado na caverna após quatro meses de desgastante friagem e subalimentação - empreenderam perigoso retorno à base, onde foram saudados com a notícia das baixas no grupo de Scott. Estes fantasmas enegrecidos e oleosos, famintos, apresentaram-se então voluntariamente e voltaram para o trabalho.

Tudo era feito desse modo. Por exemplo, a permissão dada por Scott a "Birdie" Bowers, à última hora, num impulso, para integrar o grupo de quatro homens escolhidos para a excursão ao Polo, quando todos tinham esquis, menos ele. Não compete aos líderes tomarem decisões impulsivas do gênero, e Scott foi, e tem sido, criticado por isso. Na verdade, não faz sentido, a não ser que nos coloquemos, ou pelos menos tentemos nos colocar, dentro daquela atmosfera de arrebatção de impulsos. "Birdie" Bowers estava sendo agraciado com o cobiçado privilégio de ser um dos que poderiam realmente descobrir o Polo (ao chegarem, saberiam que tinham sido precedidos por Amundsen). Tenho certeza de que, quando estavam todos moribundos, amontoados no interior da tenda, a última coisa a lhes passar pela mente foi a ideia de que talvez não tivesse sido sensato permitir que aquele homem os acompanhasse, especialmente assim tão mal equipado... ou a ideia de que mais tarde poderia ser considerado um desperdício sacrificar-se a vida de um homem extraordinário.

Não, deitados dentro da barraca, morrendo, com exceção do galante Capitão Oates, que saíra, cambaleante, metendo-se no meio da nevasca - embora se tenha sugerido que ele poderia ter tomado esta decisão antes (e que diferença faria isto, se fosse verdade?) - sentiam-se sustentados pela convicção de terem cumprido o dever da melhor forma possível, certos de que, se tivesse a sorte os ajudado, teriam retornado à base. Na verdade, concluiu-se mais tarde que eles morreram de pura inanição, pois naquele tempo não se conhecia a dosagem de calorias necessárias para homens naquelas condições de trabalho tão pesadas.

A culpa não foi deles. Contudo, Amundsen não sofreu de semi-inanição. Sua equipe comeu carne de cachorro em todo o percurso de ida e volta. Os britânicos os censuraram por isso, embora eles próprios tenham comido a carne de seus cavalos quando necessário.

Eram todos homens muito inteligentes, alguns com experiência em outras expedições, nem todas ao Polo. Ainda assim, fizeram essas coisas perfeitamente estúpidas. Mas, obviamente a palavra *estúpida* não deve ser empregada, não neste contexto de um empreendimento altamente santificado.

Quando a notícia da morte destes cinco heróis chegou à Grã-Bretanha, ou Inglaterra, a nação ficou de luto.

"Pelo amor de Deus, cuidem de nossa gente" - escrevera Scott, já à morte, em seu saco de dormir - o que se compreende perfeitamente lendo o relatório da expedição. E o governo britânico, publicamente assim convocado, obedeceu.

Alguns meses depois começava a Primeira Guerra Mundial. Agora, muitos de nós olhamos para trás e nos admiramos com a idiotice e inutilidade de tudo aquilo. Não parece possível que, antes de tudo, tenham permitido que começasse, e depois, que se tenha permitido seu prosseguimento. Impossível que aquela carnificina tenha ocorrido mesmo. Impossível, impossível - todos eles devem ter ficado loucos.

"Agradecemos a Deus por nos ter recebido na Sua hora", cantava o jovem idealista Rupert Brooke, enquanto milhões de jovens estavam sendo assassinados em condições de criminosa negligência.

Este canto de Brooke, como de alguns outros poetas antes de o fato daquela guerra vir para casa, era exatamente o da expedição de Scott à Antártica em 1910-13. Penso às vezes se a embriaguez nacional provocada pela morte de Scott e dos outros não teria contribuído para o estado de espírito que tornou a guerra possível.

Mas não pode ter sido mais que isso: um pequeno complemento, que ajudou a elevar esse estado de espírito, pois toda a Europa já estava embriagada com o sentimento de rivalidade. Tão intenso o clima reinante, que os socialistas, por exemplo, numa reunião realizada pouco antes do começo da guerra, prometeram não se deixar levar pela propaganda, não permitir que os trabalhadores da Europa se odiassem mutuamente por motivos nacionalistas, não tolerar que fossem usados como bucha de canhão pelos impérios em luta. Pois lhes era possível ver a situação em que estavam com clareza *antes* de os tambores começarem a soar. Mas eles conseguiram resistir a tudo aquilo: sucumbiram e foram varridos fora, com todos os demais.

A esta altura já dará para ver que, para mim, a expedição de 1910-13 à Antártica teve o toque de um encontro de extremos, de violentos conflitos internos, do intenso drama resultante de tais tensões. Às vezes a natureza de um processo histórico, ou acontecimento, ou crise, pode ser resumida em uma pessoa, e acho que a pessoa aqui não é Scott, mas Wilson. Aparentemente ele era o ponto de convergência moral das duas expedições. Os homens o procuravam para conselho, para consolo, para apoio. Eles o reverenciavam e admiravam. Eles o respeitavam e amavam. Todos falavam de Wilson como se fala de líderes e de homens que são exemplos. Não havia a menor rivalidade entre ele e Scott: os dois homens eram amigos íntimos.

Preciso insistir no fato de que se tratava de um homem perfeitamente admirável, cuja vida era algo maravilhoso - e devo continuar a insistir porque, no clima ou estado de espírito em que vivemos hoje, homens como Wilson nos inspiram um certo constrangimento. Não deixa de ser estranha a necessidade desta minha insistência. Para os meus pais, por exemplo, teria parecido impossível o fato de um homem desse tipo precisar de defesa. Mas estamos vendo Wilson deste lado de duas guerras mundiais, e de muitas outras "pequenas" guerras, grandes e pequenas revoluções, e a preparação para a Terceira Guerra Mundial. Temos razão para suspeitar dos sentimentos nobres: pensamentos nobres podem forjar assassinatos e assassinos. Aprendemos essa verdade da forma mais dura.

Edward Wilson era um homem nobre.

Para começar, era cristão. Um cristão verdadeiro, quero dizer, cuja religião determinava seu modo de vida, cada pensamento seu desde a infância. Descendia de uma longa linha de quacres, e seus pais sabiam exatamente como esse filho deveria ser criado; sabiam o que era bom e o que era mau naqueles tempos de inocência.

Wilson foi, talvez, antes de tudo um naturalista: desde criança pequena amava e compreendia pássaros e animais. Seus talentos artísticos desenvolveram-se em função dos estudos de biologia. Tornou-se um artista excelente, embora jamais tenha estudado arte; os desenhos e aquarelas que fez para as expedições hão são obra de amador. Ele foi brilhante estudante de Medicina, depois médico, mas a saúde frágil o obrigou a encerrar essa carreira. Contraiu tuberculose, talvez por exigir demais, de si mesmo. Comia muito pouco, vestia-se quase andrajosamente, e trabalhava bem, obviamente com afínco exagerado.

Não suporto aqueles que têm sempre como certo que o principal objetivo da vida

é resguardar a saúde e a força, a visão e coisas assim para quando se chegar aos sessenta anos. Como garantir que chegarão aos trinta? Para mim, o mais certo é usar uma coisa enquanto ela está nova e em boas condições, remendando os cantos que se gastam, ao invés de guardá-la sem uso, até o dia em que as traças atacam, e você descobre que não presta quando, afinal, pensa usá-la.

Levantava-se todos os dias em tempo para trabalhar duas horas na sua própria versão de uma exegese dos Evangelhos. Não era o tipo de pessoa que se satisfizesse com a opinião dos outros. Depois saía da casa modesta e atravessava o parque até o Hospital St. George, trabalhava, voltava para casa, ia para um clube de rapazes ao qual prestava assistência - os meninos eram tão pobres quanto se podia ser naquela época, famintos e esqueléticos. Wilson trabalhava metade da noite. Era o melhor dos filhos, o melhor dos amigos, era... mas como se pode descrever um homem como esse? Desde muito menino impressionava a todos como uma pessoa notável, e suas biografias mais parecem coleções de elogios.

Conheci Wilson intimamente, em Cambridge, e na Universidade St. George, e de todos os homens que conheci ele se destaca pela beleza de caráter e pela sua elevação de objetivos. Quando era ainda estudante, levava uma vida de pureza ascética, mas fazia amigos com facilidade e via bondade no mais desregrado colega, pois sua pureza tinha a qualidade da chama que não teme contaminação. Era imensamente popular até entre os estudantes mais levianos, pois possuía aquele determinado pas-saporte para o coração de qualquer universidade: um delicioso senso de humor. Não era possível conhecê-lo sem se enriquecer, e poucos homens têm o privilégio de serem tão amados por seus amigos...

Um biógrafo, George Seaver, fez-lhe um breve retrato: *

*George Seaver, *Edward Wilson of the Antarctic: Naturalist and Friend* (Londres, John Murray, 1933).

Basta citar que ele sustentava com uma inabalável convicção não existir uma situação na vida humana, por mais negativa que pareça, que não possa ser transformada, quando se tem Deus no coração, em motivo de perfeita alegria. Que, para se atingir essa perfeição máxima, devemos viver todas as experiências e aprender a amar todas as pessoas; que o amor individual deve levar ao amor universal; que o valor da vida não é medido pelos resultados das realizações ou do sucesso, mas unicamente pelo motivo do coração e pela força de vontade; que o valor da experiência depende muito mais de sua intensidade que da sua variedade e duração; e que com um único e sincero esforço concentrado uma vida breve pode atingir um nível que séculos de desenvolvimento comum jamais atingiriam, de modo que um homem que vive assim, sua vida "atingindo a perfeição, em pouco tempo preenche longos anos."

"São grandes palavras", continua ele. E tem razão. Contudo, palavras desta ordem e qualidade eram sentidas por tantos para ser aplicável a Edward Wilson.

Não seria esse homem um santo? Não possuiria todas as qualidades de santo, dentro ou fora de mosteiros? O que possuem os santos em matéria de força, amor a Deus, autodisciplina, amor ao próximo, que Wilson não possuísse?

Também não era um homem "bom" por natureza, pois tinha de se esforçar, com muita autodisciplina, embora o fato de ter sido criado em uma família onde ser honrado, caridoso e auto-controlado era desejável. Pelo contrário, foi difícil, para ele. Sua

infância foi perturbada por um temperamento revoltado - talvez porque esperassem muito dele? Era intolerante e crítico: os companheiros de escola temiam seus "olhares de desprezo" e sua "língua ferina". Contudo, nas expedições, em condições onde sabemos que ódios irracionais e irritações podem se manifestar em pessoas normalmente amáveis, situações em que as pessoas se tornam tensas, desanimadas, difíceis, irracionais, o Dr. Wilson permaneceu "alegre, prestativo, equilibrado, sempre com perfeito autodomínio". Aprendera a não condenar e a não criticar. Além disso, independentemente das exigências do trabalho das expedições sobre ele, ocupava-se em esforços secretos particulares - secretos porque não comentava sua vida espiritual com os companheiros; eles não conheciam a origem da força que todos sentiam existir nele: só mais tarde viriam a saber através de suas cartas e seus diários.

Aqui não temos moradia fixa - e sinto isso cada vez mais, à medida que envelheço e os dias de trabalho, de realizações e de criação parecem tão poucos pela frente e também tão poucos por trás. É espantoso e intrigante quando se pensa no objetivo da nossa curta vida na terra - mera visita - de que forma desesperadamente isto deve revelar nossa influência sobre a pequena parte do mundo com que entramos em contato. Sinto uma necessidade absoluta de estar sempre fazendo alguma coisa, a toda hora, dia e noite, antes do meu fim ou de ter feito uma parte decente do que se espera que eu faça; cada minuto é precioso, embora tantas vezes desperdicemos horas e horas, não porque desejamos descansar, nem por ser, às vezes, nosso dever, mas por completa falta de dedicação... Quanto mais se faz, mais se tem para fazer...

Este homem era feito do material dos fanáticos e intolerantes, em religião e política, e não era nem uma coisa nem outra, de modo nenhum, e contudo... talvez fosse um pouco, apenas um pouco louco?

Temos o caso daquela Jornada de Inverno, que insistiu em fazer, contra o conselho de Scott, e acabou fazendo, e que expôs, de modo magnífico, todas as suas qualidades... e da qual o jovem Cherry-Garrard jamais se recuperou.

Apesar de tudo, Wilson geralmente não se deixava levar aos extremos, quando se esperava que tal coisa acontecesse. Sua atitude para com a *Inglaterra*, por exemplo. Mas chorou pelo que a Inglaterra fez na Guerra dos Bôeres, e essa atitude em relação a seu amado país foi partilhada por uma minoria desprezada como aqueles poucos que, logo depois, odiaram também a Grande Guerra Mundial. Imagino o que Wilson teria pensado da estupidez e da selvageria dessa guerra. Mas não, não é fácil dizer, e eis o que fascina no homem.

Todo mundo é medroso demais ou egoísta demais para ser "quixotesco", mesmo nas pequenas coisas. Todo mundo vive, segundo normas empíricas - as leis da sociedade, ou as leis da terra, ou as leis da igreja, e assim por diante; ao passo que ninguém se considera atado a nada senão às leis da própria consciência.

Esta tarde fui a uma feira de livros organizada por uma instituição de caridade que arrecada fundos para o faminto Terceiro Mundo, a Oxfam, e lá encontrei o livro do almirante Edward Evans sobre a expedição de 1910-13: *South with Scott*. É superficial e comum. Não conta que o navio comandado por ele, o *Terra Nova*, era uma verdadeira desgraça, inadequado para homens e animais. De modo nenhum; ele adorou as dificuldades. Fala sobre a Jornada de Inverno como se fosse um item entre muitos outros, embora concorde em dizer que os sofrimentos que acarretou talvez tivessem sido desagradáveis. Menciona o fato de Campbell e seu grupo terem hibernado na-

quele buraco no gelo.

Eis um homem que aprendeu a não criticar seus superiores.

Certamente nenhum homem vivo poderia ter substituído Scott na liderança da nossa expedição - não existia outro igual a ele. Era o Coração, o Cérebro, o Senhor.

Ora, esse era o espírito da época.

Deixando as conjecturas sociológicas e voltando a este meu pequeno livro, não diria que gostei de escrevê-lo, pois a neve, o gelo e o frio como que me penetraram, tornando mais lentos meus pensamentos e procedimentos.

Ou talvez outra coisa mais estivesse acontecendo. Terminei o livro no dia seguinte ao da morte de alguém que eu conhecia há muito tempo, embora só agora tenha relacionado os dois fatos. Ela levou um longo e gelado tempo para morrer e estava com fome também, pois recusava-se a comer e a beber, como que para apressar as coisas. Tinha noventa e dois anos e essa atitude lhe pareceu a mais sensata.

Tenho a impressão de que não sabemos o suficiente sobre nós mesmos; que não pensamos o suficiente na possibilidade de que nossas vidas, ou alguns incidentes e momentos em nossas vidas, não possam ser analogias, metáforas ou ecos de elaboração e acontecimentos que ocorrem com outras pessoas, ou animais, até mesmo florestas ou rochas neste nosso mundo, ou talvez em outros mundos, em outras dimensões.